OVÍDIO DA CUNHA
Ex-Presidente do Elos Clube do Rio de Janeiro

PREFÁCIO

DELFIM MOREIRA NETTO
Secretário Geral do Elos Internacional

FUNDAMENTOS DA LUSO-BRASILIDADE

Reino Unido de Portugal

Elos Internacional

Eduardo Dias Coelho

ORAÇÃO ELISTA

Senhor:

Estamos aqui reunidos na condição de herdeiros espirituais dos homens das sete partidas, daqueles que pregaram em todos os recantos da terra, a fé, a esperança, a caridade e a paz. . .

Somos depositários de valores eternos que temos o dever de manter e propagar.

Fazei de nós, Senhor, seres de oração transbordante de amor e compreensão. . . fazei de nós, juízes clementes na crítica e defensores dos que sofrem. Fazei de nós, um instrumento vosso, na elaboração de um mundo sem desavenças ou guerras.

Somos elistas e que cada um dê a sua mão ao companheiro e ao próximo na formação de uma corrente solidária, barreira indestrutível a todos os males.

Que cada um de nós encontre tempo para amar e ser amado, tempo para ser útil aos outros e capacidade para transmitir o humanismo lusíada a todo o mundo, para que ele seja cada vez mais forte e fraternal.

Nesta hora, amanhã e sempre, estendamos nossas mãos, numa corrente de harmonia, e ocupemos nossos lugares na construção!

CARTA DE PRINCÍPIOS ELISTAS

BASE DE TODA A FILOSOFIA ELISTA

As atividades do MOVIMENTO ELISTA serão norteadas pelos elevados ideais comunitários, consubstanciados nos seguintes princípios gerais:

1. O ELISMO — O Elismo é um movimento cultural de congregação de valores humanos dispostos a defender e a promover a boa compreensão entre os povos de TODO O MUNDO.
   Veículo de propagação e defesa dos ideais que informam a COMUNIDADE LUSÍADA é, também, o ELISMO, por decorrência e paralelamente, fonte de alta confraternização de todos quantos nele se integram.
   Tendo por trilha inicial a expansão do IDIOMA PORTUGUÊS, assim como de sua origem, cultura, usos e costumes, por lugares, os mais diversos e distantes, sejam quais forem as suas peculiaridades locais, próprias ou típicas, o ELISMO é, ainda, um símbolo de manutenção e sobrevivência, em qualquer parte do mundo, dos princípios e ideais que o HUMANISMO, a HISTÓRIA e a LÍNGUA-MATER conferiram e consolidaram nos homens de todos os tempos.

2. O ELOS CLUBE — Um ELOS CLUBE jamais poderá entender-se como uma unidade isolada. Cada ELOS é fração de um todo; é parte integrante de um conjunto; é peça de entrosagem; é elemento que se prende a outros tantos, formando uma PODEROSA CORRENTE de pensamento e ação, em função dos ideais e fins comuns.
   Situado acima das contingências e formulações políticas de cada país onde se instale, o ELOS respeita o sentir e as convicções de cada Elista, como cidadão, mantendo-se alheio a sistemas de governos ou doutrinas de governantes.
   Os Elistas também não se distinguem por sua condição social, econômica ou religiosa, já que são equacionados por uma linha rígida de conduta moral e de adesão às finalidades do Movimento.
   Reclama o ELOS, a par da UNIÃO DOS HOMENS, a sua identificação na soma de suas forças e esforços para, no campo espiritual, darem vivência e relevância a valores étnicos e históricos e, no setor material, postularem para que se tornem práticas e objetivas as recomendações que, no interesse da família em geral, venham a ser ditadas por Tratados, Convenções e Protocolos Oficiais.

3. O ELISTA — Todo o Elista é nivelado por um mesmo conteúdo moral e por uma mesma dose de idealismo, na luta pela CONGREGAÇÃO DOS HOMENS. Esse é o seu denominador comum, pouco importando as diversidades de sua cultura, cor, religião ou convicções.
   O culto ao lar, o respeito à família, a veneração à pátria, o amor ao próximo, a dedicação ao trabalho, a honradez, a irrevogável IDONEIDADE MORAL, e a inconsútil determinação de fazer vingar os objetivos sociais, tais os pressupostos de sua vocação elista, que lhe cumpre procurar transferir às gerações mais moças, como reservas indispensáveis ao futuro do Elismo e à sua sustentação na comunidade que o ELOS simboliza.
   O ELISTA é, precisa e deve ser a EXPRESSÃO DINÂMICA DE UMA FORÇA ATUANTE EM TODAS AS COMUNIDADES, DESPERTANDO-LHES O INTERESSE E A PRÁTICA DAS TRADIÇÕES HUMANÍSTICAS E CULTURAIS LUSÍADA.

FUNDAMENTOS

DA

LUSO-BRASILIDADE

OVÍDIO DA CUNHA

1 9 8 7

FUNDAMENTOS

DA

LUSO-BRASILIDADE

GILBIO DA CUNHA

1987

AGRADECIMENTO

Ao meu grande amigo THADEU MARTINS DE MACEDO, mecenas da literatura e cultura luso-brasileiras, o meu mais profundo agradecimento por ter tornado possível a publicação deste livro.

OVÍDIO DA CUNHA

OVÍDIO DA CUNHA

THADEU MARTINS DE MACEDO

Brasileiro, nascido na cidade do Rio de Janeiro em 23/08/1914. Comerciante, Hoteleiro e Corretor de Imóveis.

CURSOS:
Administração de Empresas Hoteleiras da Fundação Getúlio Vargas, 1º e 2º Graus Profissionalizantes.

DIRETOR PRESIDENTE DE:
Hoteis O.K. Macedo S/A
Hotel Bragança S/A
Comercial e Administradora Macedo S/A
Pomar Dona Victória
Laboratórios Fotográficos Cinelândia Ltda.
Granja Victória Ltda.

EX-DIRETOR DE:
Hotel Novo Mundo S/A
Hotel Nice S/A
Imobiliária Macedo S/A
Hotéis Marialva S/A
Lavanderia Macedo S/A

É sócio dos seguintes Clubes:

PROPRIETÁRIO:
Clube de Regatas Vasco da Gama
Clube de Regatas do Flamengo
Bonsucesso Futebol Clube
Associação Atlética Portuguesa e diversos outros.

GRANDE BENEMÉRITO:
Bonsucesso Futebol Clube

Academia Brasileira de História
Clube dos Adeptos do Vasco da Gama de Petrópolis

BENEMÉRITO:
Real Sociedade Club Ginástico Português
Clube de Regatas Vasco da Gama
Real Gabinete Português de Leitura
Liceu Literário Porruguês
Elos Clube do Rio de Janeiro
Associação Brasileira de Pesquisas Arqueológicas
Comitê de Imprensa da Federação Carioca de Futebol
Federação Carioca de Futebol
Federação Carioca de Ginástica

HONORÁRIO:
Club Desportivo Português de Caracas (Venezuela)

CONSELHO DE BENEMÉRITOS (Membro Nato)
Bonsucesso Futebol Clube
Real Sociedade Club Ginástico Português
Clube de Regatas Vasco da Gama

CONSELHO DELIBERATIVO (Membro Nato)
Bonsucesso Futebol Clube
Real Gabinete Português de Leitura
Liceu Literário Português
Clube de Regatas Vasco da Gama
Clube de Regatas do Flamengo
Associação dos Empregados no Comércio do Rio de Janeiro

ASSOCIADO:
Automóvel Clube do Brasil
Fluminense Futebol Clube
Federação das Associações Portuguesas e Luso-Brasileiras.

TÍTULOS:
Cidadão Benemérito do Estado da Guanabara
Cidadão Petropolitano
Cidadão Honorário de Nilópolis
Cidadão Benemérito do Estado do Rio de Janeiro

JUIZ

Foi Juiz e Vice-Presidente do Superior Tribunal de Justiça Desportiva da Confederação Brasileira de Ginástica.

Foi Juiz do Tribunal de Justiça Desportiva da Federação de Ginástica do Estado do Rio de Janeiro (reeleito 05 vezes).

CARGOS EM CLUBES

Foi presidente do Bonsucesso Futebol Clube

Foi presidente do Conselho Deliberativo do Bonsucesso Futebol Clube durante vários exercícios.

Foi Diretor de Futebol do Clube de Regatas Vasco da Gama por diversas vezes.

ORDENS RELIGIOSAS:

Irmão da Venerável e Arcebiscopal Ordem Terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo

Irmão da Venerável Irmandade do Santíssimo Sacramento de Santo Antonio dos Pobres e Nossa Senhora dos Prazeres.

Fundador da Ordem do Cidadão do Rio de Janeiro.

COMENDAS:

Ordem das 5 Estrelas

Sociedade Brasileira de Geografia (Mestre e Mestre Generoso)

Ordem de D. Pedro II — (Comendador)

Ordem de D. João IV — (Comendador)

Ordem da Solidariedade, S.P. — (Comendador)

Ordem de Garibaldi — (Grande Colar e Comendador)

Ordem da Legião de Mérito Histórico — (Comendador);

Instituto Histórico Republicano

Academia Brasileira de História — (Comendador)

Ordem do Mérito Republicano — (Comendador)

Ordinis Militae Spiritualis Por Fas ET Nefas Honoris — (Comendador)

Magnus Regali AC Militaris Ordinis Equestre Sanctorum Victoris Et George — (Comendador)

Ordem Camoneana — Liceu Literário Português — (Grã-Cruz)

Ordem Equestre do Santo Sepulcro de Jerusalém — (Cavalheiro)

MEDALHAS:

OURO

Medalha Civica Cultural
Diogo Antonio Feijó — Regente Feijó
Medalha da C.B.D. — Confederação Brasileira de Desportos relativa ao Bi-Campeonato Mundial de Futebol (1958/1962)
C.B.D. — Jogos Luso-Brasileiros
C.B.D. — Taça Independência do Brasil
Federação Petropolitana de Futebol
Real Gabinete Português de Leitura
Congresso Mundial de Turismo
Centro Trasmonteano

PRATA

Centenário da Gazeta de Notícias
Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas Ultramarinas da Universidade Técnica de Lisboa
Organização dos Estados Americanos
Federação Alemã de Futebol (03 medalhas)
Clube de Regatas Vasco da Gama (75 anos de fundação)
50 anos da Fundação do Estádio do Clube de Regatas Vasco da Gama
Clube de Regatas Vasco da Gama (Campeão de Futebol)
Centenário da Fundação da Real Sociedade Club Ginástico Português
Real Gabinete Português de Leitura
Centenário da Confiança de Seguros
Honra ao Mérito do Município de Petrópolis
25 anos da Federação Metropolitana de Basquetebol
Federação Carioca de Ginástica
Tribunal de Justiça Desportiva da Federação de Ginástica do Estado do Rio de Janeiro
300 anos da Fundação da Diocese de São Sebastião do Rio de Janeiro
Medalha do Papa Leão XIII
Congresso Eucarístico Internacional do Rio de Janeiro
Jornal dos Sports (Jogos da Primavera)

OUTRAS CONDECORAÇÕES:

Medalha do Pacificador (Exército Brasileiro)
Medalha Ordem do Mérito Militar (Grau de Oficial)
Medalha Mascarenhas de Moraes — (Força Expedicionária Brasileira)
Medalha Mauá
Diploma e Medalha Mauá como empresário do ano de 1979
Escola de Educação Física do Exército

Thadeu Martins de Macedo é um grande incentivador e patrocinador de publicações luso-brasileiras.

Thadeu Macedo doou à Fortaleza São João, na Urca, o 1º e único busto de Estácio de Sá existente no país. Além disso, doou ao Museu Aero-Espacial, no Rio de Janeiro, diversos objetos que haviam pertencido a Gago Coutinho e que estão colocados em vitrine especial.

ÍNDICE

PREFÁCIO 11

AS ORIGENS DAS ETNIAS IBÉRICAS 14

CAUSAS SOCIOLÓGICAS DA DESCOBERTA DA AMÉRICA 32

DESCOBRIMENTO DO BRASIL 45

FUNDAMENTOS GEOPOLÍTICOS DA COMUNIDADE LUSÍADA 55

PORTUGAL E A UNIDADE DO BRASIL 68

UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA 82

A AMAZÔNIA E O MARQUÊS DE POMBAL 91

PORTUGAL E O JAPÃO 109

FERNANDO PESSOA 128

PREFÁCIO

Honrou-me, sobremaneira, o convite do Professor Ovídio da Cunha para prefaciar o seu livro.

Cabe, aqui, uma pergunta — Porque eu?

Não seria mais lógico um escritor de renome que contribuiria para a valorização de sua obra?

Somente a benevolência do Professor Ovídio pode explicar este convite, honrando a quem tanto o admira, não apenas pela sua inteligência ímpar, mas, também, pelo grau de conhecimentos que demonstra sobre qualquer assunto, seja o mais popular ou o mais erudito.

Num prefácio, geralmente, é feita uma sinopse da obra acentuando-se suas peculiaridades ou, então, se dá preferências a apresentação do autor quando ele é pouco conhecido, ou se ampliam os elogios feitos anteriormente quando o autor é sobejamente conhecido, como é o caso presente.

Elogiar o Professor Ovídio da Cunha é insistir no que habitualmente se fala dele, de sua inteligência, dos seus conhecimentos adquiridos através de uma vida dedicada ao magistério e ao estudo de tudo o que se refere, dentre outras coisas à luso-brasilidade. A sua carreira de MESTRE foi coroada como Catedrático da UFF — Universidade Federal Fluminense.

Este livro — FUNDAMENTOS DA LUSO-BRASILIDADE é uma obra que vem preencher lacuna existente nas bibliotecas públicas e, principalmente, na estante daqueles que se dedicam ao estudo da língua, da cultura e da histórica tradição lusíada.

Resumindo tudo isso, vale dizer, é uma obra que fazia falta ao ELISTA. (O que é um Elista, o que é o Elos ou o que é o Movimento Elista poderá ser visto na contra-capa).

A obra do Professor Ovídio da Cunha envolve tantos aspectos ligados à cultura lusíada que nos fica muito difícil destacar qualquer um dos temas tratados em seus nove capítulos.

O autor nos mostra seu profundo conhecimento de toda a História do Brasil, de Portugal, da Espanha e descendo até ao Império Romano e ao Japão do Ainu vai dando-nos verdadeiras aulas sobre os assuntos do seu livro.

Ovídio é um detalhista por excelência. Vai até as minúcias da etnia japonesa para mostrar a influência de Portugal na civilização daquele País.

Esta obra é tão apaixonante que não se pode fazer um prefácio sem qualquer referência aos capítulos em que Ovídio nos fala sobre os Fundamentos Geopolíticos das Comunidades Lusíadas, onde apreendemos as considerações do autor sobre a importância de Portugal, que há oito séculos defende a cultura lusíada por todo o mundo; onde nos mostra que a unidade do Brasil, em sua Cultura, em sua língua, está irmanamente ligada à grande cultura portuguesa; que a unidade da língua portuguesa, da California à Argentina, da Colômbia ao Zaire, de Angola à Cingapura, de Macau ao Japão e de Portugal ao Brasil tem praticamente a mesma pronúncia e o mesmo significado; afirmações como a de que a língua diplomática usada em Bankok, no século XV, era a portuguesa, deverá surpreender muitos leitores.

É impressionante a forma pormenorizada com que o autor nos apresenta suas considerações a respeito da Origem das Etnias Ibéricas, indo até ao ano 20.000 AC procurar detalhes que, sem dúvida, enriquecerão os nossos conhecimentos sobre o tema.

Logo em seguida, nas Causas Sociológicas do Descobrimento da América, Ovídio, assim me parece, quando apresenta suas conclusões, objetiva polemizar o assunto como,

aliás, acontece em todo o seu livro.

No quinto capítulo, o autor nos demonstra a importância da Amazônia no contexto brasileiro e mundial. Prova-nos a decisiva atuação do Grande Marquês de Pombal para integração da Amazônia ao "continente" brasileiro. Fala-nos a respeito das peculiaridades do seu solo, de sua flora e de sua fauna e, além do mais, da importância dessa região para a humanidade.

Ovídio conclui seu livro de uma maneira muito feliz, falando-nos sobre o grande poeta lusíada Fernando Pessoa. O autor não se refere a Alberto Caeiro, Ricardo Reis ou Alvaro de Campos, heterônimos de Fernando Pessoa, lugar comum de todos os críticos do famoso poeta. Prefere analisar a atuação do poeta nas revistas: Águia, Orfeu e Atena, dividindo a obra de Fernando Pessoa em três fases. A primeira, na Revista Águia, é a fase lírica do poeta, na segunda, no Orfeu, já se nota o amadurecimento do poeta e o aparecimento dos seus heterônimos. Na Revista Atena é a sua consagração que, singelamente, o grande poeta se define nessa quadra: "O poeta é um fingidor/ Finge tão completamente/ Que Finge que é dor/ A dor que deveras sente".

A variedade de assuntos abordados nesta obra, vem, mais uma vez, comprovar a excepcional inteligência do autor e o incomensurável grau de conhecimentos que possue, graças à sua vida de estudioso e de MESTRE.

Delfim Moreira Netto

DIGITALIZADO
PELA
BIBLIOTECA
NACIONALISTA

BIBLIOTECA
NACIONALISTA

bibliotecanacionalista1.blogspot.com
bit.ly/bibliotecanacionalista (drive)

CAPÍTULO I

AS ORIGENS DAS ETNIAS IBÉRICAS

CAPÍTULO I

AS ORIGENS DAS ETNIAS IBÉRICAS

O tema é de caráter rigorosamente técnico, não sendo nem literário, nem histórico. É um tema de Etnologia que é uma disciplina ligada à Antropologia, à Antropologia Cultural de um lado e à Antropologia Física de outro.

Inicialmente, devemos estabelecer o conceito de etnia. Etnia é um termo de origem técnico-específico, até especioso, que foi adotado em um Congresso de Antropologia em 1935, proposto por George Montandon, autor de duas obras que fizeram muito sucesso à época: "Les Races" e "Ologenese Humaine". Esta última encontra-se superada porque o italiano Daniel Rosa, autor da teoria, não possuia as armas da genética, mas a etnia está de pé.

Que é etnia? Etnia é a acoplação da raça, como fator físico, e a cultura que se insere nesse próprio fator. Então a raça e a etnia seriam comparadas: a película do filme, a gelatina deste, seria a cultura e a raça física, o aspecto raciológico somato-psíquico, seria o celulóide. Os dois se acoplam.

Pode haver uma etnia sem raça como, por exemplo, os ciganos que não possuem uma raça específica. Isso acontece também com os judeus, mas, em geral, etnia e raça estão bem associadas.

Feita esta definição, vamos mergulhar na Península Ibérica, em torno de 17.000 AC a 20.000 AC, quando o contorno geográfico era bem diferente do atual, com um relevo já terciário e quaternário, mas com um aspecto de litoral bem modificado.

Dentro desse sentido vamos encontrar, na Região Cantábrica da Península Ibérica, um acidente geográfico da maior importância chamado por nós "Capela Sistina da Pré-História", ou seja, As Grutas de Altamira.

Eu as visitei demoradamente. Elas pertencem ao chamado Complexo das Grutas de Lascaux, que estão compreendidas nas Grutas da Região Cantábrica da Espanha e nas Grutas da Região de Gironda e Auvérnia, na França.

A Gruta de Altamira tem um caráter curioso. Em minha visita, verifiquei que existe um teto plano formado por uma laje de pedra que, por sua posição em relação ao piso, origina uma paráclase, isto é, um plano mais baixo, surgindo um degrau de quase um metro e meio de altura.

Essa laje é uma formação dos chamados Alpes Dolomíticos que encontramos no Maciço Alpino da Europa. A Europa é um dos continentes mais jovens do mundo, um continente geologicamente instável. E toda sua orografia, com exceção da Escandinávia, é calcárea, porque no Terciário houve uma pressão vertical de baixo para cima, levando as vasas oceânias para a superfície, embora por baixo da carapaça calcárea das Montanhas dos Carpatos, dos Alpes, dos enrugamentos da França e da Inglaterra, existam formações graníticas ou gnaíssicas.

No caso dos Alpes omolíticos, a formação gnaíssica aflora quase ao lado da formação calcárea.

Na Gruta de Altamira existe um tipo de formação dolomítica como essa.

Que tipo de indivíduo vivia nessa Gruta? O Carbono 14 já está superado, pois surgiram outros métodos de datação do homem pré-histórico, mais modernos. Vale dizer que ele existiu por volta de 17.000 AC. A cronologia tem pouca importância para nós porque tanto a Antropologia como a Sociologia consideram o tempo, quer circular, como do homem primitivo, quer o tempo retilíneo, do homem civilizado, pelo cronômetro ou pela marcação das folhinhas cronológicas, criadas pelas religiões, como uma contribuição da invenção humana; como categoria social, ele não existe. Até na Física Moderna o problema do tempo é de alta indagação

filosófica. Para o sociólogo, o tempo, em termos absolutos, não existe.

Entretanto, é preciso que se tenha uma referência, e diremos que a Gruta de Altamira era habitada há 17.000 AC. Entrando na Gruta pela porta principal, vê-se um mostruário de objetos nela encontrados. A predominância desses é de artefatos de osso. Examinando-os, concluí que os seus habitantes pertenciam à chamada "Cultura de Madalena", que é o Paleolítico superior, na transição para uma cultura proto-histórica ou calcolítica.

Essa cultura do osso está hoje representada pelos esquimós. São as populações do gelo, do Círculo Polar, e existem há 50.000 anos, sofrendo agora um processo de desintegração em contato com o homem civilizado.

O homem que habitou a Gruta de Altamira era um Cro-magnon, quero dizer, aquele tipo raciológico que foi encontrado na Gruta de Cro-magnon na Auvérnia francesa e que foi coexistente com o homem de Neandertal, encontrado no sul da Alemanha.

O Cro-magnon é quase o homem atual, é o "homo sapiens". Ele tem três características: o seu volume craniométrico é maior do que o do homem atual, não tem osso mentoniano, isto é, não tem queixo, a mandíbula inferior é fugidia, e o terceiro aspecto é que possui um queixo quadrado (*). Quanto ao queixo fugidio, à ausência do mento, o Prof. Salles Cunha, da Universidade Federal Fluminense, estudioso de anatomia comparada, professor na Faculdade de Odontologia, estudou os caracteres recessivos da ausência de mento em populações rurícolas fluminenses, e tem trabalhos publicados em um Museu da mesma Faculdade. Quanto ao queixo quadrado, vamos encontrá-lo profusamente na planície do Tejo, na Região Alentejana de Portugal.

Quanto às características gerais do Cro-magnon, sem apresentar, naturalmente, a ausência do queixo, porque o homem alpino o possui, é o suíço das montanhas, um representante atual do Cro-magnon, que está profusamente representado na Europa, principalmente na Península Ibérica. O Cro-magnon foi realmente o elemento raciológico da Penín-

sula. Eram populações que viviam de uma economia de coleta. Não se dedicavam à agricultura, eram caçadores, colhedores ocasionais. Não há notícia do homem de Neandertal na Península. Este foi encontrado no sul da Alemanha, na Dordonha, no Oriente Médio e na África do Sul, o chamado homem da Rodésia, que era ereto, enquanto o Neandertal da Europa era um tipo siamês, numa posição curvada para o solo.

O Cro-magnon já era um animal de savana, um animal marchador.

No Paleolítico Superior, na Espanha Calábrica, o clima era temperado-ameno. A Europa estava na transição da última glaciação para o clima atual. Esse clima era propício ao desenvolvimento de uma gramínea e, por conseguinte, ao aparecimento da caça pesada. Assim, nas paredes da Gruta de Altamira encontramos silhuetas coloridas, feitas com ocre e carvão vegetal, do cervo e de um tipo de gado bovino, o uro, que foi o gado da Espanha pré-histórica, além de encontrar também o rinoceronte lanudo, ou meck, que existiu na Europa, em virtude da adaptação às últimas fases da última glaciação.

Esses dados não são fantasias. A ciência pode determinar a natureza do ar atmosférico dessa última glaciação. Isto foi feito na Suíça, onde se introduziam agulhas com ampolas e se retirava o ar dos vacúolos das geleiras. Especialistas estudaram esse ar e o andamento dessas geleiras. Tudo foi feito dentro de uma realidade concreta.

Visto que o Cro-magnon é o elemento racial, físico, somático, predominante na Península Ibérica ao norte, vamos citar um outro tipo, ao sul, que está representado por um fóssil estudado por Hugo Obermayer e encontrado no Marrocos, na região de Asselar, o crânio de Asselar. Este crânio tem características de Cro-magnon, mas é um mesocéfalo, enquanto este último é dolicocéfalo. O crânio de Asselar seria o representante das populações pré-históricas do sul da Espanha.

Agora vem o ponto mais delicado desta apreciação do elemento raciológico da Península Ibérica, os elementos ne-

gróides. Eles se evidenciam no homem de Grimaldi, em Mônaco, e pelos desenhos das pedras do chamado Levante Espanhol.

Quanto aos fósseis de Grimaldi tive a oportunidade de tocar as mãos em um deles, quando visitei o Museu de Antropologia de Mônaco. Não podendo fotografar os dois fósseis, pedi ao zelador que levantasse o vidro da vitrina e pude passar os dedos pelos dois crânios do chamado fóssil da "Grote des Enfants", que é um negróide. O crânio tinha um desenho de linhas paralelas, formado por incrustrações de carapaças de moluscos. Este é um caráter ornamental usado ainda hoje por algumas populações negras de transição do Saara para a África Florestal. Grimaldi está nos Alpes Marítimos e, por conseguinte, o Levante Espanhol é uma continuação geográfica desta área.

O outro fóssil é o chamado Homem de Muge, estudado por Mendes Correia, no livro "Homo". Ele tem uma obra notável, "Os povos primitivos da Lusitânia", e neste trabalho sobre a origem do homem ele analisa aquele fóssil, o Homem de Muge, também um negróide.

Não devo deixar de citar, de passagem, o estudo de Carlos Pinheiro sobre o que ele chamou de Antropitecus Riberoü, que seria o homem fóssil do Tejo. Convém notar que, do lado português, temos grandes pesquisadores como Mendes Correia, Souza Viterko, Fran Pacheco e, do lado espanhol, grandes arqueólogos do aspecto cultural da etnologia da Península Ibérica e não entraram na parte física. Esta parte está sendo estudada agora pelos desenhos do Levante Espanhol, que se assemelham a caricaturas modernas e representam traços muitos curvos.

Há duas características nesses desenhos, onde as figuras femininas apresentam freqüentemente a esteotipígia, enquanto as masculinas apresentam o estojo peniano. Esses desenhos são uma constante nos desenhos parietais pintados pelos pigmeus do antigo Congo Belga e pelos Hotentotes Boximanes do deserto de Kalahari.

Evidentemente a palavra Hotentote Boximane não tem caráter científico, tratando-se de uma cultura primitivíssima, chamada da língua do "click", e tem um modo de falar estalando a língua.

Essas populações estão em extinção, sob a proteção da UNESCO, e são hoje alimentadas por helicópteros, sendo o mel o seu alimento básico. Eles não tem noção de agricultura.

Pois bem, o Levante Espanhol apresenta desenhos com as mesmas características do Hotentote que se encontrou também próximo da Cordilheira do Tibesti, no Saara.

A rigor, deve ter havido na Península Ibérica, como uma ponte de passagem, uma miscigenação racial entre elementos africanos e europeus.

É preciso entender a frase de Camus quando diz que o homem é o único animal em toda a História Natural que não quer aceitar a sua própria condição: ser um primata da ordem dos mamíferos placentários, gênero zoológico homo, primata marchador, ereto, que usa as mãos, e por isso, forma um só gênero com duas variedades, o "homo afer", que é o elemento da floresta espessa, e o "homo mongolicus", do Saara. O primeiro está muito pouco representado na África. A África não é um continente negro e sim um continente de altíssima miscigenação racial, onde o negro verdadeiro estaria muito melhor representado pelo pigmeu atual, em vias de desaparecimento como vestígio do chamado grupo sangüíneo "O", e o "homo mongolicus", representado pelo chinês denominado "chinês han".

Parece incrível determinar o tipo sangüíneo de um fóssil, mas, por absurdo que pareça, isso foi feito estudando-se os resíduos de barro impregnados nos ossos e fazendo-se uma classificação dos cristais de origem orgânica, determinando o tipo sangüíneo do "sinântropus pequenensis".

Há quatro espécies de sinântropus. E o grande Teillard de Chardin estudou exaustivamente uma delas e foi ele o seu divulgador.

Então, o chinês atual tem a composição sangüínea do sinântropus que viveu em torno de 500.000 AC. Conseqüen-

temente, nós não somos nem brancos, nem mongóis, nem chineses, nem propriamente afer, somos mestiços. A raça branca é fruto de milhões e milhões de miscigenações, de caldeamentos. Isto fica muito claro quando a comparamos ao disco de Newton. Ele é multicolorido, mas quando lhe imprimimos um movimento de rotação ele fica branco.

O verdadeiro mestiço é o branco e, por isso, na corrente sangüínea do espanhol atual devem estar o Cro-magnon, o negróide da África e o homem de Asselar. Mesmo na pré-história já é um tipo bem miscigenado.

Em cima desse quadro, vamos agora plantar o aspecto cultural, isto é, o aspecto da etnia, as etnias que se colam sobre esse quadro raciológico, sem necessitar dizer que uma etnia corresponde ao tipo físico.

Não há um tipo físico basco, há costumes bascos, folclore basco, danças bascas, há a língua euscara, mas não o tipo físico judeu ou cigano.

Vamos começar pela etnia mais conhecida, a dos íberos. Nas minhas leituras sobre a Pré-História e a própria História Ibérica, cheguei à conclusão que o íbero é uma fantasia dos antropólogos. A única peça que podemos considerar como clássica da cultura material dos íberos é o busto da "Dama de Elche". Essa peça tem quase dezessete centímetros de altura, construída em parzolana, que é uma argamassa usada na fase arcaica da cultura grega. As jóias de prata, as peças de bronze, a cerâmica, são encontradas em todo o Mediterrâneo. Os geógrafos romanos usavam essa denominação porque para eles esse mar era o Oceano. Pomponio Mellia já se referia ao Tirreno Oriental e Tirreno Ocidental, e o território espanhol era banhado pelo primeiro, enquanto a região entre a Sardenha e a Etúria era banhada pelo segundo.

Decepcionado, talvez, vou me cingir às linhas que divergem da maioria. Ao irmão do grande geógrafo, cosmólogo e naturalista Alexandre von Humboldt, autor da monumental obra do século XX, "Cosmos", Guilhem von Humboldt foi um estudioso de Filologia, tendo morrido tuberculoso nos braços de Alexandre. Esses dois homens foram fru-

tos de uma grande mulher, a Baronesa von Humboldt, que os preparou para a cultura humanística de sua época.

Diversos autores, seguidores do filólogo Guilherme, sustentam que a grande etnia da Península Ibérica da Proto-História foi a dos bascos.

Quando se analisa a origem da palavra íbero, vão-se encontrar os radicais bascos. Existe, na Catalunha, o Rio Erbo. O termo "ebro" é uma contração de "ibarra", termo basco que quer dizer rio barulhento, rio encachoeirado, rio acidentado.

O basco é a grande etnia que ocupou a Península em grande parte e também o sul da França. O basco é uma língua aglutinativa e há a hipótese de existir nele uma origem caucásica.

O caso de dizer-se que essas populações vieram da Ásia é uma ingenuidade, pois tanto elas poderiam provir dali como da Europa. Não há basicamente sentido. Por que razão diria eu que o Lapão veio da Ásia, quando tenho um elemento mongol dentro da Europa que é o crânio de Chancelade?

Paul Rivet, o grande diretor do Museu do Homem, de Paris, mostra que o Chancelado tinha como eixo econômico a rena; à medida que o gelo da última glaciação foi recuando, ele avançou em busca da rena ocupando, assim, o círculo popular, clima próprio para a sua cultura material. Portanto, não vamos armar a hipótese que um vem de lá e outro de cá. O que não se pode negar é que no Cáucaso existe a mesma designação de íberos e não podemos nunca dizer se o íbero foi uma etnia diferente dos bascos.

A segunda grande etnia da Península Ibérica é aquela que está representada pelos radicais ligures do litoral, como também na História de Portugal e na chamada "langue d'oc". Este não é apenas o francês do sul da França, mas os falares da região de todo o Midi.

Então, temos os ligúrios, uma etnia que nos deu radicais como "rio, riba, ribeira e riviera", jungindo povos que viviam à beira-mar, à beira-rio. Eram os comedores de os-

tras. Fora e além dos ligúrios, vamos pensar em etnias históricas.

A primeira capa cultural latina, quero dizer, os romanos, conquistaram a Península Ibérica de tal forma que podemos afirmar que Castela Nova e Castela Velha são muito mais Roma que a própria Roma. Além dos Imperadores, ela deu uma cultura românica perfeitamente caracterizada. Caracterizada pelo Direito Visigótico (continuação do Edito Perpétuo) e as Tábuas Afonsinas, todas elas usando a sistematização e a continuação do Direito Romano.

E sobre essa conquista da História Greco-romana vamos encontrar uma colonização que se conflita com a colonização romana, que é a dos fenícios.

Os fenícios são semitas oriundos dos povos do mar da Antigüidade Clássica ou Oriental (cananeus e filisteus). Fenícia é uma palavra grega que significa "terra da palmeira vermelha".

Então, os filisteus, todos aqueles povos do mar, do atual Líbano, proto-históricos, formavam culturas autônomas e uma delas fundou a cidade do Cartago. Essa Cartago projetou-se sobre o litoral da Península Ibérica e deu o nome atual de Cartagena.

Nesse sentido, eram povos que buscavam, pelo comércio, especiarias raras e a Espanha era uma área de grande interesse para eles, pois possuía ferro, prata, platina, sendo, portanto, muito cobiçada. Por outro lado, seus portos eram portos de trânsito para as ilhas de cassiterita, as ilhas de estanho, hoje Grã-Bretanha.

O fenício foi um grande artífice do estanho e do vidro. Alguns poderão dizer que isto pertence à História e não nos interessa. Não é verdade. Essas etnias são intensamente representadas hoje. E basta, para constatar, ir a Minas Gerais conversar com os Bomílcar, família de origem fenícia, vivendo há muito no Brasil, ou ir a Portugal encontrar os Sidônios.

Além dessa etnia dos fenícios, vamos encontrar a dos normandos, do norte da Europa, que eu chamaria góticos e

cujo representante vive hoje na Islândia, onde se fala o gótico. Esses normandos estiveram na Península e deixaram radicais na linguagem náutica dos espanhóis e portugueses e influenciaram profundamente as embarcações de pescadores, como se pode verificar em Póvoa do Varzim.

Outra grande migração pré-histórica a ser citada é a dos celtas. Os historiadores espanhóis falam muito dos celtíberos, pois houve uma aculturação entre celtas e autóctones, prevalecendo aqui a tese de Guilherme von Humboldt entre celtas e bascos. O basco, de fato, influenciou muito a língua espanhola e portuguesa em radicais, palavras isoladas, não na estrutura porque uma língua é aglutinativa e outra é desinencial.

Vamos dizer, de passagem, que a língua aglutinativa denuncia a modernidade da mesma; quanto mais antiga ela é, mais rica em flexões, em desinências, em termos de verbo.

O velho eslavo é uma língua que representa as chamadas línguas arcaicas da Europa. Após o eslavo vem o polonês, o russo e o sérvio-croata, línguas arcaicas de gramática complicada.

Na região dos Tucanos, na Amazônia, encontramos um grupo de índios cujo falar tem desinências como se fosse o grego. O General Frederico Rondon tem uma gramática tucano com verbos de desinências, como se fosse uma gramática grega.

O inglês de hoje deverá se tornar, daqui a mil anos, uma língua aglutinativa porque a aglutinação das palavras, dos fonemas, é no sentido da simplificação da linguagem, da massificação, da comunicação. A língua vai-se tornando mais simples, mas pobre, quando se aglutina.

No Brasil, temos hoje o jovonês (língua dos jovens), que tem apenas sessenta vocábulos. Não é um sintoma de alta antigüidade a língua se aglutinar.

O celta trouxe a cultura da pedra para a Península Ibérica. É a grande cultura megalítica já representada nas Baleares, como também na região do Sabreiros, ao norte de Portugal, em Guimarães, pelos chamados "castrus e citanias". O

"castrus" é redondo, representando, possivelmente, construção militar e a "citania" tem uma formação retangular, em pedra, algumas com telhado de meia-água.

Esse fenômeno da cultura megalítica se prolonga pela França, vai até a Bretanha e termina no conhecido monumento "Stonehenge", na planície de Salisbury, que foi objeto de observação astronômica dos antigos druidas que conheceram os monumentos megalíticos.

Por outro lado, os celtas trouxeram vestígios para os colonizadores do Brasil. Temos, no folclore nordestino, a presença dos celtas, não só no uso da panela de pedra como num outro detalhe curioso. Quem visita o agreste pernambucano vai encontrar as cercas divisórias das pequenas propriedades construídas em pedra. Isto é uma característica celta, que se pode constatar na Irlanda e na Escócia. O celta foi cultor da pedra. Há, na Europa, uma cordilheira que tem o nome celta Carpatas, que significa pedra.

Agora vamos citar as etnias mais modernas. Veremos como a cultura romana se representa hoje na Espanha. Essa representação se faz principalmente no Direito Civil que, como veremos adiante, vai influenciar na Independência do Brasil e na casa, na "domus", na "herédia", no "monar", na propriedade rural. Existe uma cidade espanhola, Leon, que é oriunda da vigésima quinta legião romana. As legiões romanas acampavam num local, se acantonavam, permaneciam e levavam para a divisão das barracas o mesmo sistema da "civitas romana" com o "forum", onde se fazia o culto de Julio Capitolino, com o lugar para os tribunos, para os oradores, era uma Roma em miniatura.

Dentro desse caráter, vamos encontrar em Vicente Vives a descrição das cidades espanholas de origem romana divididas em ínsulas e "decumanos", com as grandes praças ou "forum".

Durante a Idade Média a cidade tornou-se uma região de epidemias e foi, então, semi-abandonada. A torre do senhor feudal aglutinou essas formações — almenaras para os árabes — dando origem ao "afaulburgo". Então, houve uma mudança. Ávila, por exemplo, é uma cidade medieval mas

Saragoça, Barcelona e Leon tem caracteres profundamente romanos. A própria língua catalã é latina com alguns radicais gregos; e o castelhano é neolatino, muito próximo do latim, conservando o "r" intervocálico, diferente do português, que recebeu uma grande influência dos idiomas germânicos.

Em Portugal houve uma grande influência da língua dos suevos, dando dois tipos físicos muito diferentes que são: o português do norte e o português do sul. No espanhol há a predominância do tipo moreno e Jean de Lery chama "mair" os louros de origem nórdica e "perois" aqueles indivíduos de cabelos e barba pretos. O português do norte, o dólico louro, é representado no Brasil pelo sertanejo do Nordeste.

Dentro desse quadro vamos ainda analisar um aspecto interessante. Por que houve a descoberta da América?

Será pelo fato de o diâmetro da Terra, calculado por Eratóstenes, ser em "stadios" (medida grega que se baseava no próprio Estádio de Olímpia e era o dobro da milha árabe),que traduzia uma dimensão menor, a metade, e ter iludido Paolo Toscanelli e influenciado Colombo?

A descoberta da América é um fato sociológico e é justamente a busca das sociedades alternativas. Antes dessa descoberta, a Europa sofreu quatro grandes epidemias, a peste negra, de que morreram quarenta milhões de pessoas. A agricultura tornou-se completamente desorganizada e a fome se alastrou por todo o Continente.

Houve, então, a ânsia de buscarem um Mundo Novo e esse fenômeno se traduz no inconsciente coletivo do povo europeu da época, até porque não se encontrou na literatura dos gregos entre os romanos, na literatura greco-romana, os utopistas (Platão não era utopista).

Os utopistas apareceram na Idade Média em lugares visionários, onde se plantou a idéia de um paraíso em outros continentes. Um poeta da antigüidade, Sêneca, dizia: "Além da última tule outros mundos surgirão".

Estava no ar a idéia da sociedade alternativa e, de fato,

ela surgiu com a descoberta da América. Nesta, o homem ibérico vai defrontar-se com uma outra humanidade, com civilizações que ele nem cogitava existirem, como a civilização dos Astecas e dos Toltecas, no Planalto Mexicano, e a civilização Quichua no Planalto Boliviano.

Dentro desse caráter é preciso convir que o "Cesar" da América, Fernão Cortez, matou o último imperador Asteca, o último Montezuma, mas não matou o indivíduo, ele apenas fez um ato militar de conquistador e batizou-o antes de matá-lo.

Era o confronto de duas culturas, de duas ideologias, a ideologia cristã e a ideologia religiosa dos astecas. Entre elas uma era superior apenas por um ponto: na ideologia cristã havia a valorização da vida. No caso de Francisco Pizarro, no Peru, apesar da descrição de Prescott, é preciso convir que a Antropologia crítica esvaziou o fenômeno, quando mostra que o inca tinha a convicção absoluta de que ressuscitaria no dia imediato à sua morte, se fosse colocado num vaso de barro em forma de útero e enterrado no solo.

Esse relacionamento entre os espanhóis e as civilizações pré-colombianas trouxe para a civilização algumas conseqüências materiais importantes, principalmente na alimentação.

Da Meseta Boliviana nos veio a batata-doce, do Planalto Mexicano, o tomate e o chocolate.

Trouxe-nos, ainda, uma concepção muito interessante de cultura material, pois esses povos não conheciam a roda.

Os astecas estavam na fase de transição de um feudalismo para uma sociedade pré-capitalista e os povos quichua-aimara, do Peru e Bolívia, estavam na transição de uma sociedade comunista inicial para uma sociedade feudal. Os quichuas já conheciam a metalurgia do estanho, do bronze (liga de cobre e estanho que possuíam em quantidade) e alguma metalurgia da platina.

O asteca dominava ambas e a cultura Chibcha, da Colômbia, era especializada na metalurgia do ouro. Eram, portanto, civilizações já amadurecidas e formavam com o espa-

nhol colonizador uma contigüidade que resulta na convergência de cultura.

Duas outras etnias se projetaram sobre a América. Uma de grande importância foi a etnia judaica. A Escola de Tradutores de Córdoba teve grandes sábios judeus, entre os quais Maimonidas, que foi deslocado dessa cidade pela invasão dos almohavidas, que chegaram pelo sul da Península Ibérica por não entenderem o dogma da Santíssima Trindade. O árabe é monoteísta absoluto e não existe racialmente na Península Ibérica. O que encontramos é o berbere do Marrocos, do norte saariano, que estavam jungidos aos povos de Teo, Sahel e Erg da Saara. Essas populações influíram no Brasil com algumas comidas e modificações culturais. Veio deles o clássico cuscuz, como inúmeros outros pratos que figuram na mesa do português e do espanhol.

A grande contribuição do berbere, porém, foi justamente aliada a uma outra etnia, a dos ciganos. A música espanhola é hoje um processo aculturativo da música árabe berbere, mudéjar, com música cigana trazida por migrações desse povo pelo norte da África, oriundas da Península da Anatólia. "Granadus" era uma cigano que usava uma argola na orelha. No Brasil os ciganos contribuíram muito para os engenhos de trapiche. Eram excelentes trabalhadores do cobre, eram caldeireiros. Estão hoje, espalhados pelos país inteiro, principalmente Minas Gerais, onde há uma etnia cigana estudada por antropólogos que apontam duas palavras como eminentemente ciganas: barganha e grana.

Esta etnia está em vias de se transformar porque vem se desintegrando, através de um processo de sedentarização.

Além disso, devemos citar outros aspectos interessantes, como a quiromancia e a prática de tirar a sorte, que aprenderam com os hititas, na Península da Anatólia, onde assimilaram a cultura anatoliana. Com os caldeus os ciganos aprenderam a Astrologia, porque a origem dos ciganos é o vale dos Indus. Essa etnia veio para o sul da Espanha e projetou-se sobre o Brasil.

Quanto à etnia judaica, devo dizer que teve uma enorme influência no Brasil, principalmente na fase da implantação do chamado capitalismo açucareiro. Há províncias brasileiras que foram predominantemente povoadas pelos "marranos".

Na Península Ibérica, essas etnias conviveram pacificamente. Depois, por fatores que não cabe aqui analisar, houve o êxodo dessas etnias. A etnia judaica foi para Portugal e daí, pagando taxas e produtos, os judeus vieram para o Brasil. Desses ramos de Portugal, um foi para a Espanha, de onde muitos judeus emigraram para a Holanda, na época de Felipe II.

Para terminar, gostaria de dar uma idéia do poder psico-social do espanhol e do português. São dois povos ibéricos representados na América, e que constituem um monolito cultural pois, embora falem dois idiomas, se entendem reciprocamente.

Os sociólogos indus tem razão de chamar as duas Grandes Guerras Européias de Guerra Civil da Europa. Eles não entendem a Europa dividida em países e sim como eles vêem a Índia, dividida em marajados. Realmente a Índia é um grande complexo cultural, como a Europa é outro grande complexo.

Então, a Ibéria é um complexo monolítico porque é dominada pelo idioma português e o espanhol.

Dentro deste aspecto, vamos ver o caráter psico-social do português e do espanhol. O primeiro é predominantemente prático; devendo fazer uma sátira, ele escreveu uma epopéia.

Isso é uma contradição da Antropologia. Se um povo tem uma característica muito forte num determinado traço cultural, a reação literária é contra ele. Assim, o japonês é extremamente machista, mas o seu mito é Amaterazu, uma rainha hoje divinizada.

O Português criou a epopéia camoneana, baseada num mito platônico idealista. O espanhol criou a sátira de D. Quixote, que é hoje uma peça universal, porque D. Quixote no

seu testamento diz: "viver a vida como um sonho, loucamente, mas morrer dentro da santidade". Isso está dentro da alma da Espanha e da alma do Mundo.

O português é prático, difusionista e cosmopolita. Ele se confunde com todas as raças mas conserva o aspecto inicial lusíada.

O espanhol tem como característica profunda um sentido de dominância política sem ser imperialista — porque não houve imperialismo (que é moderno) — com uma grande ambivalência. Esta ambivalência é o caráter psicológico do homem espanhol. Está traduzido no livro de Miguel de Unamumo, "A Agonia do Cristianismo". A ambivalência está na alma do espanhol, como se traduz até nas corridas de touros: de um lado, a coragem de enfrentar a morte e do outro a estética dessa morte, como se houvesse um constante conflito entre o instinto de Eros, o instinto da vida, e de outro lado o instinto de Tanatus.

Dentro desse complexo cultural íbero-lusíada-espanhol, nós, brasileiros, devemos aos espanhóis duas coisas: a supressão do Tratado de Tordesilhas, que nos permitiu a expansão das bandeiras e a Proclamação da Independência e a República, o que foi feito pelo Livro IV das Ordenações Filipinas, quando consagrou aquilo que Portugal não fez, o Direito do Morgadinho, isto é, a sucessão da propriedade privada para o filho primogênito do casal, deixando os filhos segundos de lado. Esses ressentidos sociais fizeram a Independência e a República no Brasil. (**)

(*) — A expressão queixo quadrado é no sentido da robustez do maxilar inferior, cujos côndilos mostram-se hiper-calcificados. Não se confunda, porém, com o maxilar quadrado dos chimpanzéis porque os molares no "homo" tem quatro cúspides e no macaco tem oito, existindo acentuadas diferenças ósseo-anatômicas. Veja-se a obra de Marcelim Maule "Les hommes fossiles".

– ESCLARECIMENTO –

Parece estranho que se afirme ter sido o morgadio em Portugal mitigado pela "Lei Mental". Entretanto, as leis da Dinastia Borgonhesa foram de sentido profundamente sociais, como a das "Sesmarias", de Fernando, o Formoso, e a própria "Lei Mental", que revestia à Coroa a "Herança Jacente".

Não prevaleceu, com o revigoramento do Direito Romano da Escola de Bolonha, com Bártolo, o "Princípio dos Assíduos", que era o da "Primogenitura" na República (Roma). O Direito avoengo português foi no sentido de uma melhor oferta social, até porque a formação do Estado era centralizadora e monárquica. Entretanto, vindo a vigir as "Ordenações Filipinas", depois da união pessoal ocorrida com Felipe II, de Espanha, o privilégio da Primogenitura se tornou visível no Brasil, como catalizador da estamentação da classe social dominante.

Com a restauração de D. João IV, dinastia de Bragança, emergindo o período pombalino, veio a nacionalização do direito em Portugal, com a "Lei da Boa Razão". Esta, porém, não incidiu sobre a estrutura social, já muito bem extratificada, até porque o privilégio do Morgadio vigiu até a Promulgação do Código Civil em 1916. Foi esta instituição, "O Morgadio", que criou uma classe de ressentidos sociais chamada de filhos de 2ºs, que promoveram a Independência e Proclamação da República.

Este esclarecimento é oportuno, porquanto se alega, neste capítulo, sobre as Etnias Ibéricas, que o Morgadio foi mais brando em Portugal do que na Espanha.

(* 2) – No Direito Romano, fase da República, a sucessão da propriedade privada passou às mãos dos "assiduos", isto é, dos primogênitos. Veja-se no capítulo "Origens e Desenvolvimento das Novas Diferenças Sociais" na obra de Leon Bloch, "Lutas Sociais na Antiga Roma". Coleção Saber – Publicações Europa-América-Lisboa.

CAPÍTULO II

CAUSAS SOCIOLÓGICAS DA DESCOBERTA DA AMÉRICA

As causas sociológicas da descoberta da América em 12 de outubro de 1492 foram um pique na história da sociedade humana. A evolução desta sociedade, o evolver da História se processa por piques, isto é, por pontos que eclodem dentro do complexo social e que mesmo o sociólogo não sabe explicar porquê.

Então, um pique na pré-História teria sido a descoberta da roda e outro a descoberta da escrita. Nos tempos históricos podemos citar a descoberta da América como um desses piques.

Dos tempos históricos dois acontecimentos são fundamentais para a evolução da Humanidade, evolução no sentido do evolver da história, das mudanças sociais relativamente ocorridas: primeiro foi o advento do Cristianismo, que foi uma mudança cultural (na realidade o pique traz sempre uma mudança cultural), e o segundo a descoberta da América. Esta, porém, se deu como o resultado de fatores que concorreram para aquele desiderato final que foi a revelação de um continente com civilizações que a Europa não tinha noção real da existência, mas que já existia no inconsciente social.

Dentro desse sentido, vamos ver que os utopistas da Idade Média, da Renascença e até mesmo no dealbar dos dias modernos, representam o inconsciente coletivo, como que por intuição, visionando a existência da América.

Não é sem dúvida que Capanela, na Cidade do Sol, sonha com a terra de liberdade; não é sem razão que Rabelais mostra, no "Gargantua", um gênio gigantesco urinando sobre o povo de Paris. Ele queria dizer com isto que o observador

sociológico deve ver a sociedade de cima, como Fabri examinava formigas com pente em punho. Não é sem razão que Swift descreve um reino de anões liliputianos, fazendo ironia social, e todos esses autores reunidos são os precursores utopistas da descoberta da América. Thomaz Morus na "Utopia", palavra que significa lugar que não tem lugar, descreve o éden, o paraíso terrestre, como o litoral do Estado do Rio e um náufrago, talvez da Nau Bretoa ou de Américo Vespucio possivelmente, teria sido grande narrador, para Thomaz Morus, das maravilhas da América. Então, na verdade, é preciso que se entenda o que é importante. Não interessa saber se Colombo era genovês, se nasceu nas Baleares, se nasceu em Portugal, porque naquela época não havia países, nem nacionalidades, mas feudos e dinastias. O que é importante saber é que a América surge para a Europa como uma sociedade alternativa.

Vejamos o que é uma sociedade alternativa dentro da teoria de Lèvi-Strauss. Este tipo de sociedade, cujo modelo muito objetivo pode ser comparado ao carnaval dos nossos antepassados, quando a sociedade carioca se transformava tirando a máscara de austeridade e revelava a sua autenticidade infantil, erótica, humana onde havia uma evasão emocional. Esta é uma forma de sociedade alternativa. Evidentemente, hoje existem sociedades alternativas no mundo, muitas vezes travestidas de movimentos religiosos. São formas de fuga de uma sociedade opressiva constante, cotidiana, que a pessoa não suporta. A América surge, portanto, para o europeu como uma sociedade alternativa.

Segundo a Trama Histórica (Extraído do Vol. 9 – C. Colombo – Coleção Verbo) "Nos princípios de 1400, na maior parte das cidades européias, sobravam habitações construídas nos séculos anteriores. A cinquenta anos da terrível epidemia de peste, que passou à história com o nome de "Morte Negra", e que tinha devastado sobretudo a Europa Centro-Setentrional, a população do continente não era sequer um terço dos primeiros anos de 1300. A Guerra dos Cem Anos, que desde 1339 sangrava a França e a Inglaterra, continuava a semear a desordem e a anarquia. Nos cam

pos, igrejas destelhadas e invadidas pelas silvas indicavam o lugar onde outrora existira uma aldeia. Milhares de hectares, arduamente trabalhados, transformavam-se em bosques e pântanos. A produção e os tráficos diminuíam continuamente, desencorajando os mercadores e os proprietários. A prata tomava, sem retorno, o caminho do Oriente, exportada em troca de especiarias e dos produtos de luxo (requerida pelos pouquíssimos ricos). E, com a falta do precioso metal, não se podia cunhar moeda em quantidade suficiente para revigorar o comércio. Para esta situação desastrosa não se descortinava saída, e, certamente, ninguém poderia prever que no espaço de um só século a Europa, reposta em movimento, haveria de atravessar os oceanos e marchar à conquista do mundo. De fato, do mais total esfacelamento veio o impulso para o renascimento. O fim da Guerra dos Cem Anos restituiu ao artesanato e à agricultura milhares de trabalhadores, enquanto a necessidade de prata obrigou os governos europeus a reabrir as minas abandonadas há séculos.

O filão do metal era agora procurado até as profundezas da terra; ninguém se contentava já com o que podia encontrar à superfície. As técnicas aperfeiçoadas nas minas de prata encontraram aplicação também nas de ferro, cobre, estanho e zinco. A exploração de tais jazidas determinou a formação de grandes fortunas que deram asas ao desenvolvimento econômico. Puderam, assim, recomeçar os intercâmbios internacionais. Antuérpia tornou-se bem depressa um grande centro comercial que rivalizava, em poderio econômico, com Gênova e com Veneza, já em decadência. Em Londres foi fundada a Merchant Adventures Company, primeira das grandes sociedades comerciais que permitiram a expansão colonialista dos europeus em todos os cantos da Terra. Politicamente, no início de 1400, o continente era ainda uma constelação de pequenos estados e de cidades livres e perpétua luta entre si; as únicas nações reunidas em um só estado, com um só soberano, eram a Polônia e Portugal. Mas, no final do século, a cena estava inteiramente

mudada. A França e a Inglaterra, libertas dos liames feudais que as cingiam uma à outra, começaram a tornar-se poderosos reinos nacionais, enquanto a Itália, embora não tendo alcançado a sua unidade, prosperava estavelmente há cinqüenta anos, organizada numa espécie de federação de pequenos estados. Também a Espanha havia seguido o caminho da unidade nacional: Aragão e Castela, unidas sob o mesmo cetro, conquistaram Granada, último reduto dos árabes na Península Ibérica.

A economia espanhola e portuguesa não era certamente florescente. A agricultura estava atrasadíssima; a pobreza da terra e a preferência dada pelos nobres à pastorícia, nos seus imensos latifúndios, empurravam os camponeses para a costa. As cidades da Espanha Meridional arriscavam-se à fome em cada colheita má. Portugal tinha de importar, periodicamente, trigo de Marrocos. Para conseguir novas terras aráveis e "reservatórios" de cereais, empreendeu-se a colonização da Madeira (1425), dos Açores (1439) e das Canárias. E precisamente nestas ilhas foi introduzido, a partir de 1460, o cultivo da cana-de-açúcar".

Como podemos explicar as causas que levaram à descoberta da América?

Vejamos as causas sociais: sociedades alternativas e as pestes negras, em número de quatro, como a bubônica, que assolaram a Europa matando quarenta milhões de europeus, desorganizando toda a agricultura e instalando a fome no continente de uma forma bárbara; em terceiro lugar temos a verticalidade da pressão feudal. O sistema feudal era opressivo e havia a preocupação de sair dali para criar uma sociedade livre, diferente, edênica. O Cristianismo propunha nas catacumbas a liberdade do homem por uma sociedade sobrenatural, a exemplo do que se encontrou nas galerias lapidárias, inscrições com o seguinte teor: ". . . deixa este mundo feliz porque vai ser livre no mundo do espírito".

Naturalmente, na Renascença, a oferta de liberdade era a vinda para o Novo Mundo. Havia, então, uma idéia cons-

tante na sociedade para buscar outras paragens, outras terras.

Vamos agora às causas científicas: temos um poema de um espanhol, Sêneca, que foi ministro do Pontífice máximo de Roma, Nero, da família Flávia, que teve dois períodos no seu pontificado: um período construtivo de administrador e um período de loucura. Em ambos os períodos Sêneca conteve a loucura do imperador. Sêneca descreve "além da última tule outros mundos surgirão". Onde era a última tule? Era uma ilha imaginária, além da qual não se conhecia nada e onde, possivelmente, o mundo se despencava em abismos insondáveis. Neste caso, outros mundos surgiriam além da tule; era a intuição da América.

A palavra América não é devido a Américo Vespúcio, isto é uma lenda, como também é uma lenda quando dizem que Isabel, a Católica, concorreu para a construção da frota de Colombo vendendo suas jóias. Isabel não venderia suas jóias para custear uma aventura, creio até que ela não dava importância a elas. Eu vi o catre de couro em que ela está encerrada em Granada, uma coisa simplíssima, pois Isabel era muito religiosa e simples. Em segundo lugar, um homem escrevendo cartas a pena, numa época em que não havia meios de comunicação, não poderia jamais divulgar o nome de um novo Continente pelo mundo inteiro.

América é um sonho inconsciente da mitologia céltica que está ligado à origem da ilha de São Brandão, à origem da lenda da Terra Resplendente, e seria a imagem de uma serra de ouro colocada no centro da ilha de Cuba. Seria esta a idéia da palavra América, uma idéia mitológica.

Estabelecida esta observação, vamos às causas científicas, buscando-as na Escola de Alexandria. Como sabemos, temos o Almagesto que é a síntese dos conhecimentos geográficos da Antigüidade greco-romana, compilados por Claudio Ptolomeu na Universidade de Alexandria, isto é, no Museu de Alexandria, a casa onde se reuniam todos os elementos da época, da Astronomia, da Filosofia, da História, da Mitologia, da Medicina. Tudo convergia para este grande centro cultural.

O Almagesto é uma síntese geográfica do mundo e foi escrito originariamente em grego com o nome de Geografia, porém foi transcrito em ciríaco e daí para o árabe. Esta transcrição árabe do Almagesto, da qual teve conhecimento Afonso, o Sábio, a Escola de Sagres e Paolo Toscanelli, um grande cosmógrafo da época, que se correspondia com Colombo incentivando-o a fazer pesquisas oceânicas e mostrando a possibilidade técnica da circunavegação da Terra.Paolo Toscanelli, que escrevia em italiano e era lido por Colombo, criou a imagem do "el levante por el poniente". Este é um ponto fundamental porque a náutica espanhola colombiana vai do ocidente para o oriente e a náutica portuguesa busca o périplo da África ganhando as Índias.

Na realidade não vamos fazer uma comparação porque ambas tem origem na invenção da caravela que é, segundo os técnicos mais abalisados, oriunda das Ilhas Baleares. A caravela, ou navio redondo, assim chamado porque as suas velas se enfunavam ao vento formando meia lua, tem uma construção de bojo que faz com que ela tenha uma grande flutuabilidade. O velame origina-se da vela árabe, e não podemos deixar de reconhecer que a náutica dos árabes precedeu historicamente à náutica dos ibéricos, quer do Atlântico, quer do Mediterrâneo. A náutica árabe foi precursora da vela árabe, da arte da bússola e do conhecimento dos portulanos. Eles dominavam as rotas do Índico e as costas da África muito antes do século XII (1).

Nos primeiros anos da expansão do Maometismo, os árabes já dominavam também o Oceano Índico. Tinham o conhecimento das rotas e sobretudo algo que foi transmitido aos Ibéricos, a navegação de bolina coxada, na qual os velames aproveitavam os ventos muitas vezes contrários à sua própria direção de rota, porque, na verdade, os alíseos e os contra-alíseos de pólo a pólo facilitariam as rotas das caravelas com vento de popa para proa. Quando se trata, porém, de navegar paralelamente ao equinocial, ao equador, o problema muda completamente. É necessário, então, aproveitar as correntes aéreas que correm paralelas ao equador e que se

conflitam e vão convolocionar com as correntes que vem do pólo. O choque de correntes é uma área onde o navegador tem que aproveitar o sentido dos ventos, manobrando o pano como um verdadeiro artista. Esta técnica chama-se bolina coxada e é de origem árabe. A vela árabe tem plasticidade para isto. A vela do jangadeiro cearense é uma imagem desta e foi trazida para o Brasil pelos portugueses.

Armada esta questão, perguntamos: por que razão Toscanelli teria insinuado a Colombo que ele poderia chegar à terra de Catai ou à ponta extrema do mundo navegando no sentido contrário ao sol? Toscanelli recomendou a tese do "el levante por el poniente", mas disse que a distância entre Palos e Catai era a metade da distância verdadeira que havia sido estabelecida por Eratostenes quando mediu a circunferência da Terra. Por quê? Porque o grego mediu-a em "stadios" Esta medida era tomada no "stadio" grego, onde eles faziam atlestismo e possivelmente seria em torno de quatro quilômetros atuais. A tradução do "stadio", através do ciríaco para o árabe, deu a milha árabe que é de aproximadamente dois quilômetros, ou metade do "stadio" grego. Toscanelli estava convencido de que a distância entre Palos, na Espanha, e o Japão era a metade de circunferência da Terra, ou seja, a metade de quarenta mil quilômetros. Com esta tese Colombo se aventura ao grande ensaio da descoberta da América onde ele se revela um cientista, quando explica o fogo de Santelmo, a luz zodiacal, e tranqüiliza sua tripulação.

É muito fácil provar que Colombo estava iludido quanto à distância, pois todos nós sabemos que a matuletagem de uma caravela não daria nunca para fazer a circunavegação do planeta que seria de Palos ao Japão, se não existisse a interceptação do continente americano (2). Ele chamou o novo Continente de Índias Ocidentais, porque, até a quarta viagem, Colombo pensava estar na Índia e não que havia encontrado um continente desconhecido. Esse ponto é fundamental e vamos encontrá-lo na obra de Julio Rey Pastor "A Ciência e a Técnica na época dos descobrimentos" da Coleção Austral.

O Almirante Brown, grande estudioso dos mapas e da geografia, indaga a razão pela qual os portugueses mostravam-se tão preocupados com a África e faziam sempre uma navegação à vista da costa, mas Colombo fez a navegação do "Mar de Longo", do oceano aberto. É uma questão de ordem técnica (3).

Hiparco foi o astrônomo grego que, através da astronomia caldea, inventou o astrolábio, um instrumento construído para determinar a altura do sol acima ou abaixo do equador. Os antigos, não só os gregos e romanos, como também os da época das grandes navegações, tinham a exata noção de estar acima ou abaixo do equador, dominando muito bem a questão da latitude, mas não conheciam a longitude pois não dispunham de relógio mecânico.

No caso dos espanhóis, na época de Colombo, já estava aperfeiçoado o astrolábio na forma de um instrumento chamado Vara de Jacob. Jacob, um judeu da Ilha de Palma de Majorca, trabalhou na Escola de Sagres e aperfeiçoou, por um sistema de espelhinhos (metal polido), o problema do equinocial colocando duas réguas em alidade e levantando a altura do sol.

Na época de Bartolomeu Dias, era necessário chegar à praia, chantar no solo um reparo de madeira para poder instalar o astrolábio. Por essa razão as caravelas de Bartolomeu Dias estavam sempre à vista da costa. E por que ele não montou o Cabo da Boa Esperança? Não o fez porque, como sabem os marinheiros, o regimem de ventos muda nos cabos. Para quem fosse à pano não seria possível realizar a façanha de dobrar o cabo, e daí o nome de Cabo das Tormentas. Ele teria que navegar à barravento ao sul, fazer um ângulo aproveitando os alísesos e penetrar no Oceano Índico. Esta é a razão pela qual temos a nossa cidade do Rio de Janeiro aqui chantada e não em Niterói. O Morro do Castelo, com a enseada da Praia de Piaçava e depois a da Gamboa, era um ótimo ancoradouro porque os ventos confluem de modo a facilitar a manobra de pano para os navios da época. O contrário ocorria em Niterói e por isso o lado de cá teve a preferência.

Dentro deste quadro, verifica-se que os portugueses já estavam trabalhando as costas com os seus astrolábios muito antes da descoberta da América.

Cortes Real, Cabrilio, Bartolomeu Dias e Queiroz, na Austrália, sondavam as costas por razões econômicas, visando principalmente a pesca. Efetivamente, a obra de Colombo teria que ser coroada de êxito porque, além de trazer o acervo de todos os conhecimentos científicos da Escola de Alexandria e da técnica das caravelas Baleares, trouxe os conhecimentos dos Portulanos do Oceano Atlântico.

É preciso entender que a descoberta da América ocorreria de uma forma ou de outra, em conseqüência de uma espécie de eclosão dos conhecimentos científicos da época. Isto aconteceu no início da Idade Moderna, no século XV, como agora ocorre o domínio do espaço cósmico.

Por que este veio a eclodir? Porque a Mecânica Racional estava plantada cientificamente, a Telescopia muito adiantada e a Aeronáutica estava muito avançada, porque o foguete de propulsão já havia sido descoberto. São as descobertas anteriores que proporcionam as grandes descobertas globais.

Dentro desta comparação, a descoberta da bússola, dos portulanos e das caravelas, permitiu que o mundo se ampliasse através dos espanhóis e portugueses. Estes, debruçados sobre o Atlântico, necessitavam, por pressão social, de uma sociedade alternativa, pois a Península Ibérica foi, das regiões da Europa, a mais castigada pela peste negra.

Podemos, ainda, considerar que a expedição de Colombo foi financiada pela Ordem de Cristo, ramo de Castela, como a expedição de Cabral foi financiada pela mesma Ordem, ramo de Portugal, e feita de parceria com capitais externos. Portugal com capitais flamengos, Espanha com capitais próprios, já que estas expedições demandavam recursos enormes. O problema de conservação da água potável, da bolacha, dos salgados, requeria uma grande experiência de matuletagem, o que explicava a razão pela qual não era possível a remo, com a força humana, o indivíduo ganhar o Ocea-

no Atlântico. A navegação a remo somente era possível no périplo, ou seja, circunavegando o litoral, a exemplo dos fenícios que, a mando dos faraós, palmilhavam a costa africana, o mesmo acontecendo, mais tarde, com os árabes.

Os ibéricos foram ao encontro destas descobertas e fizeram o coroamento, a grande revelação de que existiam continentes com civilizações diferentes das até então conhecidas. Os Incas estavam na transição do comunismo inicial para o feudalismo e os Astecas estavam na transição do feudalismo para um capitalismo inicial. Os espanhóis e portugueses encontraram estes contrastes e transmitiram, então, a cultura ocidental para a América.

Quais as conseqüências da descoberta da América? Foram profundas e tremendas. A primeira conseqüência, no terreno econômico, foi o capitalismo que permitiu a sua conjuntura na abundância de prata e de ouro oriundo da América. A segunda conseqüência foi a mudança política na Europa (4). Donoso Cortes, que foi o maior orador espanhol de todos os tempos, disse muito bem: "ao monoteísmo correspondia a monarquia; ao politeísmo correspondia a democracia". Os mitos políticos constroem a sociedade e a organizam e, entre mitos, a América levou para a Europa o mito da democracia.

Evidentemente Platão, Aristóteles, os politólogos de toda a Idade Média, como também São Tomaz de Aquino, Taparelli Soares, Luíz de Molina, todos eles discutiram o problema político, mas na realidade quem deu o caldo de cultura à democracia na Europa foi justamente a Revolução Francesa, influenciada num livro ideológico chamado "Contrato Social" de Rousseau.

Nesse livro, Rousseau propõe que os homens nascem livres e iguais em direitos. Constituída a origem da autoridade numa abdicação transitória por consensos, sendo a autoridade, na teoria do Direito Natural de Rousseau, oriundo de um mero contrato.

O "Contrato Social", de Rousseau, foi engendrado pelo mito do "bom selvagem", que não é senão o próprio índio da Baia de Guanabara (Tamoios). O mito do "bom selvagem" foi constituído através das crônicas de Thevet e Jean de Lery.

Lendo os "Ensaios" de Montaigne, Rousseau tomou conhecimento do mito do "bom selvagem" que lhe serviu de nspiração para a feitura do seu "Contrato Social", que é a bíblia da democracia liberal.

Vemos, neste caso, como segunda conseqüência da descoberta da América, a democracia política.

Além disso, a maior conseqüência no aspecto econômico foi o aparecimento do capitalismo (5) com a revitalização da economia monetária, em virtude da existência do ouro e da prata das minas nos impérios asteca e inca.

A descoberta da América, como vimos no início, não é apenas um episódio cronológico, mas um acontecimento social da maior relevância porque projeta sobre o Novo Continente a cultura da Europa metobolizada em sociedades não rígidas, relativamente mais abertas e propensas a formarem as sociedades alternativas.

(1) Atribui-se ao veneziano Flávio Gióia a descoberta da bússola. Entretanto, Colombo na primeira viagem do "el levante por el poniente" já falava da "declinação magnética" e os portugueses, antes da descoberta do relógio mecânico, por meio da medida dos seus ângulos, chegavam a avaliar com auxílio também das "aparências" (resíduos flutuantes de vegetais que denunciavam a presença dos trópicos) a longitude, isto é, a distância em graus de um meridiano inicial.

(2) Leia-se Rey Pastor, Julio nº 301 Coleccion Austraul Vol. 301, capa marrom, Editora Espasa-Calpe S.A.

(3) A polêmica se esvazia considerando também que os portugueses, antes de Colombo, já visitavam a Península do Labrador e as Ilhas do Atlântico. Causa geopolítica, além do pormenor de ordem técnica supracitado, convergiam os interesses portugueses para o domínio da África, como se prova pela insistência na conquista de Ceuta, porta aberta às rotas das caravanas atlântico-saarianas.

(4) A Civilizacion del Renascimento – Jean Delumeau – pag. 265 – Ed. Juventus.

(5) O primeiro Banco público da História foi o da Fundação da Taula de Canvi de Barcelona, em 1401, segundo tábuas cronológicas de 1389 a 1404 na citada obra Civilização do Renascimento de Jean Delumeau.

CAPÍTULO III

DESCOBRIMENTO DO BRASIL

O assunto cabe como um capítulo da História Institucinal do Brasil, que é o aspecto moderno em que a crítica, procura reconstituir dentro da conjuntura da época os aspectos que iluminam os episódios de modo a oferecer sua correta interpretação; em segundo lugar, há que se apontar aspectos que situam o problema dos descobrimentos marítimos dentro do âmbito dos conhecimentos científicos da época.

Qual era a época, porém, dos descobrimentos? — a da Renascença. Como renascença ou renascimento compreende-se a transição da Idade Média para a Idade Moderna, na qual se encontra um marco cronológico muito conhecido, que é a Tomada de Constantinopla pelos Turcos Otomanos em 1453; como aspecto técnico-social, vemos as "Grandes Invenções", como a pólvora (trazida pelas invasões tártaras), a bússola, o papel, a imprensa, e a própria "caravela", os célebres navios redondos que tanto serviram ao episódio das navegações luso-espanholas no século XV. Entre estas invenções ou descobertas avultam as próprias idéias novas sobre as dimensões da terra. A "Viagem Maravilhosa" do veneziano Marco Polo, a do seu predecessor Carpino em 1243; e, por que não citar, as traduções das obras da antigüidade produzidas no período Alexandrino; a transformação da estrutura social pelas Cruzadas; as próprias idéias do Cardeal D'Ailhy na obra "Mago Mundi", de Paolo Toscanelli, cognominado o descobridor intelectual da América; os trabalhos admiráveis da Escola de Sagres, e também a circunstância do fechamento do comércio

com o Próximo Oriente devido ao advento do Império Turco, cujo povo, recém-converso ao islamismo, impedia a passagem das caravanas, o que causou a decadência de Gênova e Veneza, e das chamadas "portes do Levante".

Na esfera política se processava a centralização monárquica, com o aparecimento dos grandes Estados na Europa. Era a Espanha, com Izabel de Castella; era Portugal, já o Estado mais antigo sob o ponto de vista de união política com a dinastia de Borgonha ou afonsina; era a própria França, com Luiz XI, que caminhava para o mesmo destino.

Um clima histórico de tal maneira constituído havia de, ao se conectar com a paisagem da península Ibérica, voltada para o mar, produzir os chamados "ciclos dos descobrimentos".

Os "ciclos", como se sabe, são dois: — o ocidental ou português, que fazia o périplo, procurando contornar o Cabo das Tormentas; e o de "levante por el poniente", que tentava o caminho das Índias pela circumnavegação.

A chamada "cruzada ibérica" devolvera a península à posse dos reinos cristãos, o que determinou justa gratidão do Papado, que em atos sucessivos reconheceu o direito de seus reis à posse das terras descobertas e a descobrir além mar. Neste aspecto, dado o episódio da reconquista afonsina antecipou-se Portugal à Espanha, pois as bulas de Nicolau V (de 8 de janeiro de 1454) e de Calixto III (13 de março de 1456) doavam, praticamente, o mundo a Portugal. Dom João II, o príncipe perfeito, o sábio da política do segredo, obtém a confirmação dessas bulas por Xisto IV, o que tem muita importância para a compreensão da conduta de Portugal em face, depois, da descoberta da América.

A navegação entre os portugueses era tão velha quanto a própria dominação fenícia ou normanda na península. A propensão para a vida marinheira era antiga. Na dinastia afonsina ou borgonhesa, a dinastia da integração do território português, já D. Sancho I, com as debaydoiras, D. Diniz, o trovador, com o pinhal de Leiria, e D. Fernando, este principalmente, procuravam situar o povo luso dentro de seu destino histórico natural, o mar.

À Escola de Sagres, fundada pelo Infante Dom Henrique, o navegador, nascido em 1394, filho de D. João I, o mestre de Aviz, 1º duque de Vizeu, e grão-mestre da Ordem de N. S. Jesus Cristo, restabelecida desde D. Diniz, como sucessora de fato da antiga "Ordem dos Templários", à qual viriam depois pertencer as terras do Brasil (padroado da Ordem de Cristo), caberia o papel de forja de navegadores.

Erigida no promontório de Sagres, reuniu os maiores conhecedores de náutica da época. Do tempo de D. Diniz era Antonio Peçanha; venezianos, genovezes e maiorquinos nela trabalhavam. . . Jacomé, Aluísio Cadamosto, Antonio de Nolle e outros emprestaram seus conhecimentos e experiência ao importante centro de navegação da península.

Que não era uma simples escola prática de navegação, prova-o Pedro Nunes, o grande matemático inventor do nónio e da loxodromia; que não era simples retiro de cibaritismo intelectual, provam-nos as "cartas de marear", frutos das informações constantes e sérias das célebres "pescarias" do Atlântico.

Que eram, porém, as "cartas de marear"? — já os habitantes da Maiorca construíram mapas da navegação com "aguadas" e "rosa dos ventos". Eram os conhecidos "portulanos". Estes foram os precursores dos mapas modernos da navegação.

Entretanto, à Escola de Sagres deve-se a chamada carta plana de marear ou simplesmente quadrada, em que os mapas se afiguravam como lançados sobre quadrículas e com raios que se projetavam em todos os sentidos, isto é, os chamados pontos de esquadrias.

À primeira vista, tal coisa parecia simples capricho dos portulanistas da época. Estudos, porém, mais aprofundados, como os de Fontoura da Costa, Gago Coutinho, Tooley e L.A. Brown, lançaram outras luzes acerca do assunto.

Seriam então "portulanos" e as cartas de Sagres novas versões dos antigos Mapas de Claudio Ptolomeu que já re-

presentava a terra na Antiguidade por meio do planisfério, o que autoriza a Vivien de San Martin, notável historiador da geografia, a considerá-lo como precursor da "projeção cilíndrica", que seria depois reinventada (1569), com precisão matemática, então impossível, com o nome de projeção Mercator.

A geografia de Ptolomeu dominava a época dos descobrimentos, como hoje a teoria atômica domina os físicos e os químicos. Era a grande e quase única fonte de informação, isso porque já antes de Ptolomeu, Marinho de Tiro foi o inventor das paralelas e meridianos. A estes, porém, os caldeus se anteciparam com o zodíaco, a semana de sete dias, a divisão em BD horas, a esfera armilar, a máquina do mundo, como era chamada na Alta Antigüidade, e que foi dotada pelo rei venturoso D. Manuel I, o da descoberta do Brasil, como insígnia de seu estandarte.

Das pescarias do Atlântico, próximos aos bancos de Terra Nova, se aventuraram os pescadores portugueses da época, trazendo novas informações. Pesquisa-se a chamada Rota da Mina, da Mina de São Jorge, feitoria vetusta situada no fundo do Golfo de Guiné; — rota de navegação traçada pelos cascos das caravelas, légua por légua, e que foi o primeiro caminho da navegação de alto mar, traçado cientificamente pelos portugueses. As barcas das pescarias costeiras, os barinéus, os esquifes, batéis, os saveiros, os bergantins, os rabelos, as galeotas se anteciparam às caravelas, embarcações de alto mar, próprias para as pesquisas de rotas, porque podiam navegar com mais facilidade.

Ao estudo desta rota, atribui Gago Coutinho muita importância nos acontecimentos que preparavam a descoberta das Índias. Réplica de fato à tese de Morrison, que a navegação de alto mar era exclusiva dos espanhóis, e que os portugueses só navegavam à vista da costa, era a mesma navegação de alta técnica de marinharia, com determinação astrolábica de latitude e de rota e barlavento; traçada que foi, definitivamente, por Vasco da Gama que a estudara, curioso trampolim para a transposição do Cabo das Tormentas, ainda não domado, nem por Bartolomeu Dias.

– A QUESTÃO DA INTENCIONALIDADE OU DO ACASO –

A velha polêmica entre os partidários da intencionalidade ou do acaso, encontra nova situação ante os fatos seguintes:

Os documentos paleográficos acerca da descoberta não possuem elementos para elucidar completa e definitivamente a tese da intencionalidade da descoberta; Carolina de Michaélis, conhecida autoridade, quer encontrar na palavra "achamento" existente no texto da celebrada carta de Pero Vaz de Caminha, uma tradução de "achar o que se procura", não esclarecendo o acaso.

A carta do rei Dom Manuel aos "reis católicos" também não autoriza a idéia de intencionalidade; não trazia Pedro Alvares também o "padrão" para chantar em solo novo, tomando posse em nome d'El Rei, conforme o uso na época. Trazendo náus, navios de guerra, não tinha outra alternativa senão a de seguir a rota conhecida. Houvesse o propósito de investigar novas rotas e procurar aguadas, e certamente teria trazido caravelas, navios próprios para a pesquisa de novos caminhos, navios que podiam navegar à "bolina coxada", isto é, contra o próprio vento, de grande navegabilidade, verdadeiros galgos do mar, utilizados sistematicamente nessas pesquisas. Vasco da Gama usava caravelas quando da sua viagem à Índia, e por quê? – certamente ia investigar a rota nova!

Se houvesse o propósito da descoberta a 22 de abril de 1500, porque então teria Portugal protelado durante 36 anos a verdadeira colonização? – por que não adotou providências para a ocupação imediata da terra? – a Índia era ainda, e por muito tempo mesmo, a dominante na política lusa de expansão marítima.

Um aspecto ainda não devidamente divulgado merece a atenção dos historiadores – a precaridade do instrumental e dos próprios conhecimentos da época, relativamente, à complexidade dos conhecimentos cosmográficos.

Foi um erro de Paolo Toscanelli – o autor intelectual da descoberta da América, que permitiu a Colombo a realizaão de seu grande sonho.

A precaridade dos conhecimento científicos ainda explicam muitos dos mistérios da História náutica dos descobrimentos.

Paolo Toscanelli basevava-se em Cláudio Ptolomeu para calcular a circunferência da Terra. Para Ptolomeu o equador terrestre completava-se em 180.000 estádios, cálculo admitido por Posidônio. Ao contrário, Eratóstenes fundava o seu cálculo em 252.000 estádios, o que dava o erro de 1% sobre medida real, isto é, 40.000 km.

Se Colombo houvesse conhecido o cálculo de Eratóstenes, certamente não teria se aventurado pelo "mar oceano" em busca das Índias, por "el levante por el poniente". Ignorando a existência da América, era verdade, não chegaria, por falta de víveres, a conceber a travessia do mar tenebroso. Baseara a sua confiança, paradoxalmente, num erro.

Transposta a questão para o caso da descoberta do Brasil, vamos encontrar ainda uma situação de ordem técnica que pode muito bem explicar, aliás, as duas teses.

Não se contradizem as duas teses? – não, absolutamente.

Ao contrário, se conciliam admiravelmente. Levantada a "rota da mina" por Vasco da Gama, este a seguira em sua viagem à Índia. Desviara-se tanto da mesma à altura da atual ilha de Fernando de Noronha, que quase a descobrira, e não o fez? – porque não quisesse ou por ingorar o desvio do curso, por não possuir elementos precisos, não humanos para determinar a longitude. Determinava-se, e muito bem, com o "astrolábio" e a "vara de Jacob" a latitude, isto é, se se estava a norte ou a sul do Equador. Mas, a posição a leste ou a oeste era por estimativa, pelo diário de bordo, pela ampulheta de areia.

Não existindo ainda o cronômetro, não era possível determinar-se a longitude, por isso Fernão de Magalhães dera a volta ao mundo sem poder determinar tão maravilhoso feito.

A descoberta do Brasil deveu-se, também, a um desvio de rota.

Nem calmaria nem tempestades. A inteligência visionária de Rocha Pitta deveu-se a divulgação de hipóteses fantásticas que não encontraram, posteriormente, confirmação nos chamados "documentos paleográficos" acerca da descoberta do Brasil.

Nem a carta de Caminha, escrivão que ia para a feitoria de Calicute (a armada não tinha escrivão, Caminha estava em trânsito para a Índia e fora, pelo destino, testemunha ocular do episódio da descoberta); nem a de mestre João, nem a célebre "relação do piloto anônimo", nem mesmo a carta do rei Dom Manuel aludem a tempestades e calmarias.

O desvio da rota, que projetou a esquadra para as costas brasileiras deveu-se à falta de correção, por motivos já indicados. A aferição da longitude estava sujeita a erros tremendos, do coeficiente pessoal, por isso improvável de segurança absoluta.

O desvio foi casual. A posse de terra deveu-se à impossibilidade de ocultar a sua existência a cerca de 1.200 homens.

Não era propósito tocar em terras do Brasil. O objetivo era a Índia. Não obstante, é admissível a suposição de que Portugal ignorasse a nova terra? — não, porque o tratado de "Capitulação de Participação do Mar Oceano", de 7 de junho de 1494, assinado em Tordesilhas, Espanha, prova justamente o contrário.

Negociara-o o próprio Duarte Pacheco Pereira, personagem enigmática, envolta em lendas, que em sua obra "Esmeraldo de Situ orbis", já aludia, claramente, a existência do Brasil.

O conhecimento, pelo menos teórico, do Brasil é fato incontestável. Em 1500, Côrte Real esteve na península do Lavrador. Diogo de Leppe, Alonso de Ojeda, Vicente Janes Pizon conheceram antes de Cabral a costa do Brasil, levantada possivelmente até o Cabo de São Roque. A própria insis-

tência no recuo da linha da bula "Inter Coetera" para 340 léguas a oeste das ilhas de Cabo Verde prova o conhecimento, ao menos teórico, de terras neste hemisfério. Era segredo real, que não se precisou até hoje, a ilha que dava início à contagem das léguas.

Os mapas da época eram planejados em tronco de léguas, como determinar a largura das mesmas? — Aproximadamente, o tronco de léguas possuía 12 1/2 léguas, a légua continha 4 milhas romanas, a milha aproximadamente 1.840 m.

Se tudo isso for admitido, tomando-se a contagem das léguas sobre a ilha de Santo Antão, a linha de Tordesilhas passava por Belém do Pará e Laguna, em Santa Catarina.

Nada de definitivo, porém. O certo é que Portugal insistira a qualquer preço, mesmo sob ameaça de guerra, no recuo do meridiano anterior.

Trocara-se terras além do anti-meridiano contra as possíveis que fossem descobertas.

Trocaria Portugal o certo pelo duvidoso? — não, o conhecimento da terra era antigo, apenas não havia interesse em revelá-lo porque "ocultava-se o resultado das pescarias no Atlântico", na política do segredo mantida por D. João II, o príncipe perfeito. Por isso Colombo não encontrara guarida para seu projeto na coroa de Portugal.

Muito aprendera de seu sogro Bartolomeu Perestrello, grande marinheiro, como aliás são os portugueses em geral.

Guardava-se Portugal, com o segredo, da cobiça de inimigos mais poderosos e mais populosos.

Eis como se conciliam as duas teses. Houve, efetivamente, acaso na aguada da frota em Porto Seguro, pois não a buscava, nem mesmo a conhecia. Ignorava-se, entretanto, entre os grandes iniciados portugueses, a existência da terra? — não, porque o recuo do meridiano prova o conhecimento anterior de algo muito importante a defender pelos portugueses. Foi, assim, a descoberta o fruto de um desvio, ignorado por deficiência de instrumental, como ficou, claramente exposto.

NOTA: O estádio é uma medida grega que corresponde aproximadamente a 6 km.

– INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS QUE SERVIRAM DE FONTES DE INFORMAÇÃO À COMUNICAÇÃO EM TELA.

I – "A descoberta do Brasil por Cabral não foi obra do acaso". L. de Oliveira Bello, Págs. 13 e 39. Mapas, roteiros e linha de Alexandre VI.

II – "Algumas verdades acerca do descobrimento do Brasil", conferência pronunciada no Gabinete Português de Leitura do Rio de Janeiro em 28 de abril de 1963, e ilustrada com 10 mapas e cartas, na ordem da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro, em 28 de maio do mesmo ano; págs. 42 e 61 in "Revista Marítima Brasileira".

III – Descobrimento do Brasil – Almirante Gago Coutinho.

IV – Arte de Navegar – 1628 – pelo Padre Mestre Cristóvão Bruno, prefácio de Fontoura da Costa. Divisão de Publicações Gerais das Colônias. 1940.

V – "A marinharia dos Descobrimentos" – Fontoura da Costa, segundo citação de Zilmar Campos de Araripe Macedo.

VI – "Da ciência y la técnica en el Descubrimento de America" – Julio Rey Pastor – 2ª edição – Coleção Austral.

VII – T. O Marcondes de Souza – "O Descobrimento do Brasil" Brasiliana. Ed. 1940.

VIII – Faustino da Fonseca. Descoberta do Brasil. Ed. "O Século" de 1940.

IX – Descobrimento do Brasil – Capistrano de Abreu.

X – "Descobrimento sem acaso", in Revista Jachting brasileiro – agosto, 1949 – João Gomes Lopes.

XI – Maps and Maps – makers – R. V. Tooley – B.T. Batesford Ltda.

XII – Lloyd A. Brown. "The Story of Maps" – Boston, 1950.

CAPÍTULO IV

FUNDAMENTOS GEOPOLÍTICOS DA COMUNIDADE LUSÍADA

Não posso dissociar a presença do amigo de Portugal, do soldado de há 30 anos integrado na causa da Comunidade Luso-Brasileira, da responsabilidade de Chefe da Cadeira de Sociologia da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal Fluminense, até porque a responsabilidade desta Chefia, ela própria, é que me induz a fazer o apanágio, a defesa, a apologia e a análise da complexa cultura Luso-Brasileira, que no dizer do grande sociólogo Gilberto Freyre, é a cultura ocidental mais ameaçada no momento. Por conseqüência, penso que esta análise deve ser dividida em três partes: – a 1ª seria o aspecto geopolítico do problema da Comunidade Luso-Brasileira; a 2ª parte seria a prospecção histórica da Comunidade; e a 3ª, o problema da nossa querida Angola, o Brasil do Ultramar.

Kjeller, o constitucionalista sueco de "1900", em referências feitas em Estocolmo e Copenhage, lançou as bases de um ramo da Geografia Política que veio a denominar-se Geopolítica. A Geopolítica era a Ciência que ensinava a maneira pela qual os Estados controlavam os seus Territórios, e se fundia intimamente à própria Geográfia Política, na sua expressão territorial. Veio a tese de que o solo era parte fundamental à idéia de Estado, à própria Constituição de Estado. E, naturalmente, Kjeller aludia às configurações dos Estados modernos e falava em Estados contínuos de cultura descontínua, Estados contínuos de cultura contínua, e Estados descontínuos pluri-continentais. Aludia aos Estados Unidos da América do Norte, Estado descontínuo, pluricontinental, porque possui, hoje, Unidades Federativas perfeitamente definidas, perfeitamente solidárias ao corpo continental do País, como o Estado do Havaí, como o próprio território do Alasca que, não sendo contínuo ao território metropolitano Estadunidense, é uma unidade federativa dos Estados Unidos da América do Norte.

Aludia ao Reino Unido com os exemplos que todos nós conhecemos. Mas, não há na história diplomática destes últimos 50 anos, questões que discutam a legitimidade da soberania sobre estes territórios, ou dúvidas por essas nações que acabo de mencionar. Entretanto, há o exemplo da Nação Portuguesa que tem uma continuidade de oito séculos de história, que sendo de território descontínuo e pluri-continental tem esse milagre cultural, esta coisa singular na História: tem perfeita continuidade cultural e é um exemplo admirável de como uma nação pode conservar-se íntegra durante oito séculos, sem solução de continuidade, tendo a unidade do idioma e a unidade da cultura através dos continentes em toda a terra. Justamente esta nação que tinha, por todos os títulos, o direito à posse desses territórios, que eram províncias integradoras da comunidade portuguesa. Por isso, nós, brasileiros,não poderíamos deixar de, hipotecar nossa solidariedade à mãe pátria quando agredida em nome de reivindicações políticas. Porque, assim como a presença do Brasil, hoje, como uma nação de 130 milhões de habitantes, também com a sua unidade cultural e a sua unidade política tão ligadas ao passado português, e deve mesmo a esse passado a sua unidade; assim como o Brasil foi um episódio do périplo africano, o mesmo périplo foi revivido através de um magnífico exemplo e de uma belíssima iniciativa: a missão de confraternidade que a nossa esquadra levou a Angola. Foi a Angola levar o conforto moral e a presença do Brasil àquele outro Brasil que se formava do outro lado, da mesma maneira, com o mesmo processo integrativo, com a mesma mensagem humana, com o mesmo ideal de lusitanidade, justamente aquele que vamos definir através de um sentido culturológico que reside na seguinte definição: é a única civilização difusionista no Ocidente, no momento.

A civilização lusa é a única civilização cosmopolita, a única que tem dado exemplo de versatilidade, porque foi sementeira de impérios e o é, ainda, porque tem esse poder fabuloso de miscigenar-se, criando uma panmixia étnica que é exemplo no mundo. As Nações Unidas instituíram o dia

comemorativo do anátema à discriminação racial, e este dia deveria ser, com propriedade, o dia da luso-brasilidade. Porque nenhuma civilização tem tanta autoridade moral como a nossa para defender essa tese com exemplos que aqui estão eloqüentemente demonstrados.

A prospecção histórica é a mais surpreendente e a mais fascinante possível, porque através de várias revelações situa o nosso querido Portugal como a nação mais civilizadora do Ocidente, porque sendo uma nação Euro-Africana, pela sua origem étnica, soube absorver, ao mesmo tempo, os princípios de ordem do Direito Romano e a idéia fáustica de idealismo, de progresso e de civilização que só o missionarismo cristão lhe poderia dar na perspectiva histórica, fazendo com que Portugal construísse uma epopéia, a epopéia das descobertas marítimas, que tem um sentido psicológico todo especial.

O outro lado da Península Ibérica, tão glorioso e tão profundamente diversificado, a Espanha que tanto admiro, não pôde, na sua literatura, criar uma epopéia. O seu Gênio, ao escrever um grande livro, fez uma sátira. Parece que há uma ironia no destino daquela civilização herdeira do Império Romano, que até pelo seu próprio nome de Espanha traduz os Fenícios, não poder escrever uma epopéia, ela que tinha a alma da epopéia no seu próprio sangue; coube justamente ao lado talassocrático da Península Ibérica, coube justamente ao povo do mar, o português, a criação dessa epopéia escrita e vivida que hoje ainda está presente no mundo através desta maravilhosa expressão, que é o português Ultramarino, quer esteja na África, na Ásia ou na América. No após guerra, Nações novas, Estados recém-criados, olhando o mapa do passado, reivindicaram configurações de impérios fósseis, de impériosas desaparecidos. E uma dessas nações, na Ásia, quis restaurar o Império Mauria. O Império Mauria foi uma sombra do gênio de Alexandre, na Ásia. Se hoje nós temos uma civilização Ocidental, devemos de um lado ao latim, do outro às conquistas de Alexandre, porque ele uniu o mundo através de uma língua comum. Pois bem, sendo Chandragupta Mauria lugar-te-

nente de Alexandre, uniu a Península Indostânica num momento fugaz, com um efêmero império. Mas, deixou-nos uma marca de sua passagem e uma FALA chamada "CONCANIM" em Gôa, que é o idioma que tem vestígios do Grego. Se é o caso de nós restaurarmos o império Mauira por esse argumento, eu proporia que a Índia fosse anexada a Gôa, ao invés de Gôa ser anexada à Índia. Entretanto, há algo mais ainda, pois o tema de luso-brasilidade é inesgotável. Esta mesma Nacionalidade não conseguiu criar a sua unidade, fragmentou-se no Paquistão, na Índia, na República do Ceilão e em outras divisões. Por conseguinte, que autoridade moral terá para ferir, apunhalar o enclave da Índia, que não está lá por acaso, mas existe há meio milênio? Há meio milênio que os portugueses estão na Índia e não foram através de pedras preciosas, foram pelo idealismo de São Francisco Xavier, cuja mão embalsamada ainda lá se encontra.

Há, ainda, dentro da prospecção histórica, um sentido mais sério a analisar: a vocação marinheira do português que lhe dá um sentido universal, difusionista, ecumênico. O seu poder de missibilidade com todas as raças, encontra a sua origem cultural numa civilização fóssil proto-histórica que existiu na Península Ibérica. O grande arqueólogo português Carlos Ribeiro, estudando o homem do Tejo, e depois o professor de antropologia da Universidade do Pôrto, Mendes Corrêa, estudando o homem de Muge, elucidaram o problema, — o homem do Tejo e o de Muge. E, finalmente, Oliveira Martins, analisando o problema da cultura Tardessiense, em Portugal, chegou à conclusão que havia uma civilização proto-histórica conhecedora da Idade do Ferro, que já praticava a pesca e se dedicava ao mar. Esta civilização foi o fundo cultural da Península Ibérica. Foi a civilização que conheceu o misterioso povo de Íberos e a tribo dos lusos, e preparou o fundo cultural para esta maravilhosa epopéia, que é justamente a realizada nos "quinhentos" português. Mas, é preciso que se apresente um fato importantíssimo: essa civilização não era Européia. A cultura Capsiense revelada pelo Crânio de Asselar, no norte da África, e a presença

nos fósseis da Gruta dos Meninos (Grimaldi), revelaram exemplares e vestígios de elementos negros no sul da Europa. Essa cultura era, em todos os aspectos, uma cultura euro-africana. Logo, isto mostra uma predisposição biológica do português para o seu êxito como colonizador dos trópicos.

Gilberto Freyre mostrou isso muito bem, admitindo que a tropicalidade do português é biológica, é atávica e somente ele e não outro poderia, com êxito, continuar a realizar algo nos trópicos.

Portugal sementeira de impérios! Quem conhece a obra dos portugueses na Amazônia, quem sabe da existência de um Forte Príncipe da Beira, em Tabatinga, quem conhece a obra do Bandeirante no Brasil, sabe o que representa a maravilha que é um povo que vem para a colonização dos trópicos caldeado por todas as raças da Europa, e, principalmente, por aquelas que já estavam atavicamente ligadas ao mesmo, como o próprio elemento árabe que preparou, do ponto de vista técnico, Portugal para as grandes experiências agrológicas do Ultramar. Estes exemplos não ficariam apenas citados, se nós não tivéssemos ainda a considerar que a obra dos portugueses na epopéia dos descobrimentos marítimos, concentrada na Escola de Sagres, é a presença mesmo de uma cultura do seu tempo, realizando experiências científicas que, se situando à altura, colocam dentro de sua perspectiva histórica na mesma posição, hoje, das experiências espaciais. É que a aventura oceânica naquela época era tão grandiosa e tinha repercussões tão profundas quanto tem hoje as viagens espaciais. Essa Escola de Sagres a que aludi, era realmente liderada por um homem de ciência, por um sábio, um asceta do saber que foi o Infante Dom Henrique. E é fácil chegarmos a esta conclusão porque a Escola de Sagres foi um núcleo que captou toda a cultura geográfica da Antigüidade. Como sabem, os árabes traduziram o Almagesto de Cláudio Ptolomeu. Mas o Almagesto chegou à Escola de Sagres no seu conteúdo original através de uma cultura direta. Ele chegou à Escola de Sagres através do Siríaco e do Grego, porque o Almagesto foi escrito original-

mente em Siríaco e em Grego e não em Árabe, e a conclusão a tirar está justamente neste fato: quando Colombo, o genro de Bartolomeu Perestello, casado com a filha Filipa, pretendeu a aventura de descobrir terras no Oceano dentro do sentido do "El levante por el poniente", encontrou uma certa indiferença. Há quem diga que essa indiferença era causada pelo conhecimento das terras de além-mar, conhecimento este em grande parte verdadeiro. Mas há um outro forte argumento: a distância entre Catai, o atual Japão, e Palos. A viagem de Colombo era inviável; ele morreria de fome e sede no caminho; é que o seu orientador intelectual, Paolo Toscanelli, conhecia a obra de Cláudio Ptolomeu através do árabe e calculara a distância que separava Catai da Península Ibérica em milhas árabes e não em Stádios gregos. Se ele conhecesse o diâmetro exato da Terra, não se lançaria na aventura. A Escola de Sagres conhecendo a fundo o problema, pois era o depósito cultural dos gregos, dos caldeus e da Escola da Alexandria, não permitiu a aventura louca. Sagres foi a instituidora da Carta Piana de Marear, aperfeiçoando uma idéia de Cláudio Ptolomeu e utilizando os paralelos e meridianos de Marinho de Tiro. Sagres, na sua época, reunia os cosmógrafos mais sábios e notáveis da Europa e não poderia permitir que Portugal se lancasse em empreendimento sabidamente inviável.

Sagres não era uma escola que pesquisasse apenas para conquista de novas terras. Era um laboratório científico de primeira grandeza. Um laboratório que deu, por exemplo, Pedro Nunes, com a Loxodromia e Artodromia; que criou a Carta Plana de Marear, que aperfeiçoou o astrolábio dos caldeus até o sextante moderno, e por sinal, foi justamente um português dos nossos dias, Gago Coutinho, que veio aperfeiçoar o sextantes para as navegações aeronáuticas. Por conseqüência, esta Escola de Sagres, tão brilhante, tem dentro da perspectiva histórica o direito de reivindicar para si, pelo princípio jurídico do "Uti possidetis", o direito de posse ao primeiro ocupante de todas essas terras do Ultramar, que fazem hoje uma constelação de províncias perfeitamente unidas e com o "status politicus" exatamen-

te igual ao de Portugal. É um estado descontínuo, pluri-continental, mas com um exemplo de continuidade cultural como poucos no mundo. Dentro deste princípio, do "Uti possidetis", quando, em 1448, Diogo Cão chegou ao Zaire e lá assentou o padrão português, não encontrou um território definido pertencente a qualquer nacionalidade ou a qualquer Estado. Ocupou, povoou e lançou a semente de uma civilização em povos que estavam ainda em idade lítica. Por conseqüência, esta ocupação continuada de 4 séculos é, realmente, o elemento básico, o elemento fundamental que, à luz de qualquer princípio jurídico, colocaria Portugal na vanguarda de qualquer nação por ter uma profunda autoridade moral, considerando a integridade e a incolumidade de seu território.

Há um outro aspecto importante a considerar. A cultura lusíada no mundo é a afirmação, na civilização moderna, de uma superioridade das culturas caldeadas no trópico sobre todas as outras culturas do mundo. No momento em que a humanidade se encontra face ao perigo de uma hecatombe nuclear, em que o hemisfério sul está por condições auspiciosas quase livre dessa hecatombe, a preservação da luso-brasilidade no hemisfério sul é uma obra de sobrevivência da própria civilização, por ser ela uma civilização mestiça, uma civilização morena. O elemento melanodermo deixado à sua própria sorte, confinado na sua cultura fóssil, não teria nunca oportunidade de beneficiar-se da civilização, não teria o recurso de uma ordem econômica melhor, nem o amparo benfazejo dessas misericórdias pelo mundo afora; como que traduzem a permanência e a perpetuidade do "milagre" de Santa Isabel. Mas esse elemento melanodermo aculturado, integrado ao elemento português, cria uma vivência nova, formando esta coisa maravilhosa que é a civilização tropical com a sua vitalidade, com os seus valores artísticos, com este horror à violência, com este sentido de fraternidade que caracteriza tão bem a história do Brasil, que se faz sem violência. E indago: existe na história do mundo um exemplo que possa referendar essa observação? Indo em socorro da tese, a civilização Egípcia foi, na Alta Antigüidade, a mais

humanista, a mais humanizada; foi a civilização que não admitia o homicídio culposo, condenava-o; foi a única civilização, na Alta Antigüidade, que protegeu a criança. E o que era a civilização egípcia? Era uma civilização tipicamente africana. Por que africana? Porque era uma civilização mestiça. Era uma civilização com regime matriarcal, elevada de uma cultura mais inferior e mais próxima do Equador, que foi a cultura Joruba representada pelos vestígios de Sokoto e Kano. Os Jorubas eram conhecedores do cobre e já estavam na fase proto-histórica. Então, esta civilização, penetrando a área nilótica e aculturando-se com civilizações mediterrâneas, poduziu o esplendor da civilização egípcia. Uma civilização mestiça que deslumbrou o mundo na Alta Antigüidade. Por conseqüência, para nós, luso-brasileiros, o mestiçamento é o nosso melhor apanágio, é a nossa melhor força. É baseado nisto que tecerei considerações acerca de Angola.

Angola será sempre portuguesa, integrada pela miscigenação racial, integrada pelo fato de estar em pleno progresso industrial, integrada porque o angolano sente-se tão português quanto o minhoto ou quanto o cidadão de Lourenço Marques; integrada, porque Portugal é um país que não conheceu o feudalismo. As distâncias sociais em relação aos outros países da Europa são menores. A batalha de Aljubarrota foi uma batalha da burguesia, da classe média. Então, realmente hoje, na Europa, (dizem os sociólogos) a classe média se está consolidando e em Portugal já está consolidada há muito tempo. No Portugal do Ultramar também forma-se a classe média, onde não há clima para os extremismos demagógicos e onde a integração social será a melhor resposta a esses pruridos, a esta miséria moral, como aconteceu em Angola.

As fronteiras da luso-brasilidade estão onde estiver a língua portuguesa, na sua unidade, na sua cultura. Por isso, em 1948, quando aqui esteve Teotônio Pereira visitando a cidade de Dom Pedro II, Petrópolis, tive a grande satisfação de saudá-lo em nome da Academia Petropolitana de Letras, dizendo que a neutralidade de Portugal na Guerra,

havia preservado o litoral africano; e a preservação do litoral africano foi, justamente, a preservação do Brasil.

Não é demais repetir, de uma forma objetiva, os feitos de Diogo Cão, de António Dias, o bandeirante de Angola, de Bartolomeu Dias e daquele Vasco da Gama que roçou a Ilha de São João antes de Pedro de Gouvêa, e de todos aqueles apóstolos do mar, que entre a ciência e a fé, construíram esta comunidade à qual nós brasileiros estamos integrados, a qual nós, brasileiros, temos o dever de liderar. Porque ser lusófilo, no Brasil, é ser nacionalista, no bom sentido da expressão. Somos um território contínuo de língua portuguesa, onde a presença física do português se faz sentir. Não podemos deixar de compreender que, em cada lar, confundem-se primos, confundem-se parentes, confundem-se pessoas que se entrelaçam entre as duas bandeiras: a bandeira Branca e Azul de Afonso Henriques e a bandeira Auri-verde, que simboliza a tropicalidade, esta magnífica tropicalidade que está tão associada à cultura dos portugueses no mundo. A nossa palavra pode cansar o leitor, por vezes, porque em dados momentos ela é pespontada de certa erudição, mas necessária para o esclarecimento da verdade que está sendo, intencionalmente, ocultada do mundo. A deformação da História do Brasil nas nossas escolas é um fato. Os professores brasileiros não podem mais permitir esse estado de coisas. Devemos unir-nos na cruzada pela retificação da História do Brasil, da História luso-brasileira, dessa História que prova que nós fomos um Estado até 1816; Estado do Brasil. Esta História que prova que fomos o primeiro povo na América a ter uma constituição escrita, o Regimento de 1548 dado a Tomé de Souza. Dessa História que prova que as instituições que haviam no Brasil da época eram projeções do próprio Portugal Europeu.

NOTAS:

1) TARDENOSSIENSE

Cultura proto-histórica espalhada desde o Norte da

África até o Norte da França, sem características de transição entre o madaleniano e o neolítico. Na sua forma ibérico-sahariana já se iniciava no conhecimento dos metais. A sua economia foi, de um modo geral, baseada na pesca.

2) TARTÉSSIOS

Os nomes tartéssios aparecem em Portugal com freqüência. O que não surpreende porque sabemos por Festo Avienos, os cempses, estreitos parentes dos tartéssios, ocuparam a Galiza e Portugal. A arqueologia confirma, túmulos com a cúpula de sacada e corredores comunicatórios que se assemelham, em todos os sentidos, aos hipogeus de Miscenas.

Tartessio era a capital da Bética, e ainda tinha fastígio à época dos romanos. Os nomes das povoações em ipô, vulgares na Bética, também se vêem na Lusitânia. (Apud "Portugal não é Ibérico, pág. 107, Fran Pacheco, Ed. 1932 – Livraria Rodrigues).

3) JORUBA

Cultura proto-histórica estudada na região do Níger, em área cultural entre as localidades de Sokoto e Kano, por Febrenius, com características de estar em pleno período calcolítico, conhecedores do cobre e construtores da taipa, que transmitiram ao Brasil na Casa rústica do caipira (Civilização Luso-Tupi de planalto paulista). Através dela (a cultura Joruba), assimilamos o Bumba-meu-Boi, que é sobrevivência transfigurada do culto ao Boi Ápis, egípcio.

Este culto, foi também introduzido com a pecuária dos Garcia D'Ávila. As correntes de sangue do gado colonial eram mescladas com planteis vindo da região do Sudão (Soldão, Sudão, Sudã) ou da região do Níger, do Tchad e do próprio Alto-Nilo.

4) CRÂNEO DE ASSELAR

Fóssil representativo da cultura ibéro-maurusiana ou capsiense, que teve seu foco de irradiação na Tunísia (Rammadixa D'EL-Mekta, Tunísia) com várias capas cultu-

rais, a última evoluindo para a pesca, no litoral, em virtude da progressiva aridez do "habitat" geográfico. Para a citação das características negróides dos fósseis de Grimaldi, (Costa Azul, França) veja-se a obra de Boule, "Os homens fósseis".

5) "ANTROPITHECUS"

A presença do homem na bacia do Tejo, está profundamente ligada à civilização dos Tartéssios. Veja-se "Homo" de Mendes Correia, e o estudo de Carlos Ribeiro sobre o "ANTROPITHECUS" assim denominado por Mortillet. O silex e os quartzitos do Tejo, provam a presença do homem desde o paleolítico inferior. Mendes Correia alude ao homem de Muge com características negróides. Em artigos na "Voz de Portugal" entre 36-37, aludíamos acerca da presença arcaica do Africano em Portugal (negróide), o que aliás causara cerca estranheza nos meios lusos, do Rio, à época. A verdade científica, também tem que ser proclamada. O português é uma etnia; não uma raça propriamente dita, mas o somatório de complexos de estoques étnicos, em caudais multimilenários, que o prepararam, biologicamente, para o êxito do povoamento dos trópicos, fundindo novas civilizações. O conceito de etnia deve-se a Mantandon (Raça e Etnia) em que sobrepõe o traço cultural ao aspecto étnico-somático.

Veja-se, ainda, de Carlos Ribeiro, a descoberta da Cultura megalítica Portuguesa, foco de artes e padrões de técnica que se irradiou da Ibéria até ao Norte da França.

6) EGÍPCIOS

Dizer que a civilização egípcia foi hamito-semítica é apenas, um lugar comum. Toda civilização é aculturada, isto é, fruto de várias sobreposições de capas ou níveis de cultura. A egípcia ou nilótica é conseqüência das culturas pré e proto-históricas saharianas, como a própria língua copta demonstra pela influência das línguas líbico-berberes, cuchita do Alto-Nilo e Amárico-Etiopiana. Entretanto, sabe-se que o cobre entrou no Egito, no fim do período

calcolítico, período dos metais. O Egito só conheceu o bronze depois de dois mil anos do seu uso generalizado no Oriente. Nos seus desertos, os minerais não eram, nem abundantes, nem de fácil exploração. A civilização fóssil joruba é tão antiga quanto a egípcia, por isso é, perfeitamente plausível admitir-se que o uso do cobre na terra de Kimi, tenha-se propagado através do Nilo, por meio do contrato com os povos saharianos, e não com os orientais. Até Seti I, importava-se bronze pré-fabricado no Oriente.

A literatura sagrada egípcia, era muito moralizadora e, profundamente casuística. Conceitos de dever, iniqüidade, bondade, surgiam freqüentemente. Ensinava a polidez e a bondade para com os humildes. Era, pois, uma civilização africana, como se prova através do vestígio matriarcal na posição social da mulher e no totemismo generalizado, características acentuadamente africanas, maxime na região sudanesa.

O episódio de Moisés, o infanticídio dos judeus, foi uma exceção; um caso político de nexofobia lamentável, mas que não modificou a posição da criança dentro da civilização egípcia. Foi a maior e a mais brilhante da alta antigüidade. E foi, também, por isso mesmo, "uma cultura mulata".

Portugal é o criador, nos tempos modernos, de outras tantas civilizações mulatas pelo mundo afora. O exemplo serve para desmoralizar, completamente, o preconceito contra o homem de cor.

CAPÍTULO V

PORTUGAL E A UNIDADE DO BRASIL

Preliminarmente devemos dizer que se as duas grandes culturas da Península Ibérica se diferenciam, a marca constante é sempre a seguinte: de um lado as grandes Espanhas com seu pluralismo cultural, político e administrativo, ainda que na mística de D. Rodrigo Díaz de Bivar, El Cid Campeador, cuja vida é uma saga no sentido de proporcionar o ideal da unidade das Espanhas, ela será sempre na sua cultura, uma civilização pluralista. Em contrapartida a nossa cultura portuguesa é integracionalista, ela é unitária, ela é uma continuidade histórica de oito séculos.

São dois aspectos que correm paralelamente dentro do evolver da História no contínuo espaço-tempo da Humanidade, mas com sentidos propriamente divergentes, até porque quando vemos a epopéia da colonização espanhola através do mundo, sentimos que é uma obra da classe média, de campesinos.

Cortês, Francisco Pizarro, Almagro, tantos e tantos colonizadores espanhóis de onde vieram? A maioria não veio da nobreza, a maioria veio das classes mais humildes, tangidos por dois fatores fundamentais: o primeiro fator foi justamente aquilo que os historiadores não estão explorando como dever-se-ia considerar, foram os períodos da chamada peste bubônica ou peste negra, que desorganizaram profundamente a agricultura na Península Ibérica criando áreas de fome, o que levou a população da Península, como também a da França e da Inglaterra, a buscarem na América uma espécie de sociedade alternativa, onde houvesse a idéia de uma Humanidade melhor, mais feliz, fugindo à repressividade econômica da Europa na transição da Idade Média para os Tempos Modernos.

Em Portugal o motivo da expansão marítima teve outro sentido, onde predominaram três fatores: primeiro a sua posição geográfica atirado sobre o Atlântico, segundo foi o gênio comercial de Portugal, pois enquanto o espanhol é o Império Romano na sua continuidade – Felipe II é um imperador romano – a expansão marítima portuguesa tem um outro aspecto muito diferente e, além do aspecto comercial, tem o aspecto ideológico da expansão do catolicismo, que constitui o terceiro fator.

Tenho que analisar o assunto antropologicamente, não emocionalmente, apenas como um modesto cientista social que sou.

O fator geográfico fez do português um marinheiro por vocação, por destinação. O fator comercial e o fator ideológico completaram a destinação do povo português na sua exansão marítima. O catolicismo na Península Ibérica, nos século XV e XVI, na Europa, é uma ideologia política. Há uma identificação entre ser católico e ser nacional, deste ou daquele país, ainda que houvesse dissenções entre os reis católicos franceses e espanhóis e os reis austríacos e Roma. O fato é que havia a ideologia. No caso da Península Ibérica, a ideologia católica parece muito com a ideologia comunista atual. A Rússia usa o comunismo como um pretexto para sua expansão territorial. Na Espanha dos áustrias e no Portugal manoelino o catolicismo foi o instrumento ideológico das expansões marítimas. Quando vimos os espanhóis e portugueses entrarem na Índia, na China, no Japão, sentimos um choque ideológico de culturas.

Neste sentido é que eu quero mostrar a importância do cristianismo como ideologia política. Por conseqüência, a expansão marítima de Portugal foi muito importante porque além das viagens clássicas que todos conhecem, tivemos a viagem de Cortês Real na Península do Labrador em 1500, a viagem de Cabrillo na Califórnia, tivemos Queiroz na Austrália, tivemos outro navegante que chegou ao Ártico, enfim as caravelas portuguesas se expandiram pelo mundo numa disseminação da cultura onde o aspecto difusionista desta se definiu, aspecto este que tem o seguinte sentido: ele é misci-

gênico, isto é, tem a capacidade de se aculturar com as exogenas e guarda sempre o traço da cultura tradicional anterior, com o seu caráter arquetípico da cultura lusíada. No Oriente de hoje ainda vemos isto em Macau, Bankok, Ceilão, Gôa, Timos e outras feitorias do padroado do Oriente.

Quando disse que Portugal era uma nação com grande vocação comercialista, afirmei isto porque a pesquisa hoje é ineludível. É preciso convir que quando o Brasil foi descoberto, Portugal tinha feitorias em Flandres, em Amsterdam e Bruges, com intenso comércio de pau-brasil e de pimenta, negociando através da África.

É preciso convir que o "Forte da Mina de São Jorge" negociava ouro de Cartum pela África. Na crônica de Fernão Pinto e Damião de Góes, já se alude às grandes embaixadas riquíssimas dos reis de Portugal aos régulos do Oriente, a fim de abrirem para o comércio as portas das especiarias.

Um dos reis da dinastia de Borgonha, Fernando, o Formoso,que falava alemão fluentemente, pois fora educado entre os teutas, trouxe grandes interesses de banqueiros de Hansa para Portugal, de um lado, e de outro lado ele instituiu o seguro marítimo. O espírito marítimo do comércio já estava no cerne das dinastias portuguesas, pois um fato se conecta com o outro dentro do liame lógico da continuidade administrativa, para a construção nacional. Dentro desse liame lógico vamos ver a sua projeção sobre o Brasil na questão da unidade nacional partindo do fator político dos chamados "Tratados Dinásticos". (*)

O sentido da textura destes tratados, uma espécie de continuidade de raciocínio diplomático que pega um tratado e faz de um o complemento do outro, dentro de uma destinação histórica comum e bem definida com o objetivo da preservação da unidade do Brasil.

Esses tratados começam justamente pelo maior de todos, o básico, o fundamental, que é o tratado da partição do mar Oceano, o chamado Tratado de Tordesilhas. Por que foi assinado aí e quais as razões de sua assinatura?

É preciso convir que há uma inteligência na expansão marítima portuguesa. Nada foi feito ao acaso, nada foi fei-

to sem uma predestinação, sem uma intenção de fazer.

Aquela divisa do "Talent de bien faire", que é em Provençal, tem um sentido dentro da continuidade das dinastias portuguesas. A Bula Inter Coetera, de Alexandre IV, que era espanhol de nascimento, não poderia convir à política de expansão marítima portuguesa. Não convinha porque Portugal conhecia muito bem o que havia do outro lado. Enquanto na Espanha os colonizadores e os grandes marítimos eram homens do povo, em Portugal eles eram homens da intimidade do Infante D. Henrique, da intimidade da corte, eram nobres, tinham posições de áulicos, exercendo missões de segne do próprio rei. Eram duas colocações completamente diferentes. Tivemos no Brasil os primeiros governadores gerais, homens de lei, juristas. Pedro Alvares de Gouveia era um homem da nobreza. Tivemos, como capitão das náus, egressos da Escola de Sagres. Não se pode, portanto,fazer uma analogia da similitude entre a atitude de grandes aventureiros espanhóis e dos descobridores portugueses.

O paralelo tem que ser feito de modo a distinguir o caráter de um e de outro. Logo, a Bula Inter Coetera não convinha a Portugal porque praticamente excluia toda a América Latina do domínio das expansões marítimas portuguesas e, naturalmente, Portugal já conhecia o hemisfério ocidental. Por isso, o Tratado de Tordesilhas foi negociado até sob ameaça de conflito armado no sentido de recuar em 370 milhas, o que colocou o meridiano passando no atual Belém do Pará e saindo em Laguna, em Santa Catarina. Este é o primeiro tratado que nos dá o ponto de partida de uma política dinástica de continuidade histórica para preservação da unidade brasileira.

O outro tratado, cujo embaixador de Portugal foi Duarte Pacheco Pereira, autor do "Esmeraldo de Situ Orbis", em que ele situa claramente a existência do Brasil. Não há como negar que Portugal conhecia as terras do Brasil. O segundo tratado é o Tratado de Utretch (1715), em que Portugal preserva as Güianas.

Posteriormente vem o Tratado de Madri, em 1750, que é realmente uma obra prima de inteligência política de Por-

tugal, onde se invoca o princípio do "uti possidetis", do direito de posse ao primeiro ocupante na boa interpretação jurídica do Direito Romano, defendido por Alexandre de Gusmão, irmão de Bartolomeu Gusmão e secretário do grande D. João V, que foi o Luis XIV português.

O Tratado de Madri tem um aspecto muito interessante. O inconsciente coletivo de Portugal, que é talassocrático, olhava tudo como se fosse uma ilha. Assim, o bandeirante do mar, Aleixo Garcia, só entendia a Ilha do Brasil, a Ilha dos Papagaios, do Esmeraldo do Situ Orbis, como sendo uma grande ilha que ele procurava contornar com embarcações. De fato ele fez isso porque um pedaço mínimo de terra separa a Bacia Amazônica da Bacia do Prata. Pedro Teixeira também tentou ligar as duas. Dentro deste quadro, a idéia de uma ilha, levou Portugal a fazer uma mapologia das terras do Brasil ignorando o que estivesse além da linha do Tratado de Tordesilhas.

Não é só o argumento de que com o período filipino, em que as duas coroas estiveram unidas pelo regimem de união pessoal, a linha de Tordesilhas desaparecera, tornando-se perempta, mas foi a idéia de que tudo que estivesse detro do âmbito das duas Bacias do Prata e do Amazonas eram terras portuguesas. Se tomarmos a mapologia da época pré-Madri, vamos encontrar pontos de referência já na Amazônia e no grande sertão brasileiro, pontos estes que na realidade não eram nem povoados. Era uma cartografia fantástica que convinha a Portugal divulgar por toda a Europa e a Casa das Índias, que dirigia a economia do Brasil português da época, difundia estes mapas onde a Bacia do Prata parecia um grande lago inferior, para que quando se negociasse o Tratado de Madri, pelo princípio do primeiro ocupante, existisse a contra prova de que as terras já eram devassadas por portugueses. A maior parte destas terras não estava humanamente ocupada. Com estes mapas, que muitas vezes refletiam fantasias geográficas, os portugueses reivindicaram o Tratado de Madri. Esta reivindicação teve alguns cochilos diplomáticos que levaram depois ao Tratado do Prado e ao Tratado de Santo Ildefonso, resultando na conquista do

Guaíra das Missões, que deveriam ser nossas e não são, porque no Tratado do Prado houve lapsos de redação, permitindo que a corte de Madri viesse contestar a posse portuguessa nesta área, embora os pecuaristas açoreanos já estivessem há muito tempo nas margens do rio Uruguai.

Vejam, porém, que os tratados que acabo de citar, Tordesilhas, Ultretch, Madri, Santo Ildefonso, são tratados politicamente conexos e que preparam a unidade política do país.

Em cima deste espírito político, temos ainda dois grandes fatores: um foi o período pombalino — brasileiros que somos deveríamos colocar em cada cidade do Brasil uma estátua de Marquês de Pombal. Pombal foi um gênio político, um grande estadista que usou o ouro das Gerais para defender o Império Português, quer no padroado do ocidente, quer no padroado do oriente. Ele usou o ouro para comprometer, vamos dizer até corromper, as cortes de Paris e Londres para que tirassem os olhos da Amazônia luso-brasileira.

O outro aspecto é que ele deu à economia brasileira um sentido econômico ao sabor da filosofia mercantilista do século XVII e que trouxe para o Brasil uma abertura formidável no sentido econômico da nossa Amazônia, que hoje é brasileira porque existiu Pombal. Tivemos, efetivamente, no período pombalino, uma revivescência do centralismo político do gênio português. A política portuguesa é centralista, não é pluralista nem diversionista como era a política espanhola. Neste caso, vemos até o Marquês de Pombal acabar com as capitanias particulares e instituir as chamadas capitanias de coroa, criar o subsídio literário no Brasil.

Se não tivemos realmente uma universidade na América portuguesa, é porque a vocação de Portugal era centralizadora, onde todos os súditos de Portugal iriam formar a sua cultura em Coimbra, que é a alma mater de todas as universidades de língua portuguesa no mundo. É um sentido centralizador. Não fora, por exemplo, Alexandre Rodrigues Ferreira um homem de Coimbra, não fosse José Bonifácio de An-

drada e Silva um homem de Coimbra e tantos outros que formaram o painel da nossa cultura tradicional. O Marquês de Pombal é tão grande que fez a reforma da universidade, que até a sua época era uma universidade tipicamente medieval. Juntamente com Salamanca, Coimbra era uma das universidades mais importantes. Luis de Molina foi o Marx do século XVI, e passou dois terços de sua vida lecionando em Coimbra. Os currículos de Salamanca e Coimbra, trazendo para elas a Filosofia Cartesiana, as Matemáticas Modernas, a História Natural, as Ciências Experimentais. Isto é importante notar porque teve repercussão no Brasil, uma vez que houve inúmeras figuras em Coimbra originárias do Rio de Janeiro e da Bahia.

Paralelamente, Carlos III, na Espanha, fez, ou tentou fazer, dentro de seu país a mesma reforma, mas não conseguiu. Então, ele realizou nas universidades da América aquilo que Pombal fez em Coimbra. Trouxe para o Peru e México os elementos necessários à reforma. Pesquisei no Peru e há duas figuras interessantes que lá trabalharam. Uma foi la Condomine e outra foi Godin, que lá revolucionou o ensino da Matemática na Universidade de São Marcos. No Brasil tivemos figuras notabilíssimas que foram luminares em Coimbra, como Pinto Azevedo, que se destacou na área da Medicina, tendo até uma memória sobre a filariose, que é a elefantíase, doença típica do homem de cor que ele estudou em São Paulo de Luanda, em Angola.

Dentro desse sentido eu teria que citar um outro fator para a unidade do Brasil, além da política do Marquês de Pombal, que é a própria presença no Brasil, na época da separação, da Casa Real de Bragança, dividida em dois ramos: o de Portugal e o do Brasil. Neste caso ficou no Brasil o Príncipe D. Pedro, quando o país já era soberano com uma constituição comum, a de 1820, que vigiu durante dois anos. D. João coroou-se rei do Brasil, rei de Portugal e Algarve. Eram dois países com o mesmo rei. Isto é tão verdade, que no Congresso de Viena, Portugal votou por dois países e este voto duplo equilibrou a votação em favor da preservação das fronteiras tradicionais da França. Foi a grande

vitória de Taillerand que, juntamente com Portugal, pode conter aquela ânsia da Europa pós-napoleônica de retalhar a França. Ela não foi retalhada graças ao nosso D. João VI, que se opôs a Napoleão com a política da vinda para o Brasil. Esta política de transmigração não foi de improviso, pois nada existe de improviso na História de Portugal. Daí a coerência dos tratados dinásticos. A previsão da mudança da capital do império para o Rio de Janeiro existia na Casa dos Áustrias, com Felipe II. A mudança já estava prevista e, também, nos acontecimentos dos últimos trinta anos estudou-se a possibilidade de se transferir a capital de Lisboa para Nova Lisboa, em Angola. Na época da dinastia de Avis, e mesmo na dinastia de Borgonha, não havia capital para o Reino de Portugal: os reis viviam de uma cidade para a outra. Ora estavam em Coimbra, ora no Porto, ora em Lisboa, ora em Santarém. O rei se comunicava com o povo diretamente e havia a idéia de estarem sempre mudando de lugar para sentirem as chamadas inspirações da grei, daí a divisa "polalei e polagrei".

Não é novidade a transferência da família real para o Rio de Janeiro, mas a presença de uma testa coroada no Brasil, na época da independência, preservou politicamente a unidade nacional. Colocou a primeira magistratura acima das competições políticas, acima dos partidos, acima dos regionalismos.

Esta afirmação não é de um monarquista, é de Otávio Tarquínio de Souza na História dos Fundadores, é de Pedro Calmon na História do Brasil, é de Tobias Monteiro, de Oliveira Lima, de todos aqueles que mergulharam fundo na nossa História e reconhecem a monarquia naquela época necessária, era coerente, era oportuna e o próprio José Bonifácio, que de coração era um liberal, um homem da revolução Francesa, que elogiava D. João VI em querer substituir o escravo pelo braço livre, ele reconhecia a necessidade de preservar o trono, e, este trono, preservou a unidade política do Brasil. O período da Regência foi justamente a fase experimental, aquela fase bem nítida de uma ebulição política, onde eclodiram dois fenômenos, sem dúvida, muito

graves: primeiro os movimentos subversivos; Pedro II foi feito imperador menino, porque se temia que os republicanos anarquistas carbonários implantassem uma república criptocomunista no Brasil. Ele foi colocado no trono por uma necessidade do espírito da legalidade, que está dentro do cerne da linha Histórica Política de Portugal. Analisem, por exemplo, Feijó, como demônio da Regência, vejam o que ele combateu. Não combateu apenas ideologias, combateu subversões, combateu separatismos e por isso ele governou com mão-de-ferro. Sem Feijó nós não teríamos podido, num momento feliz, tornar D. Pedro II maior, para entregar-lhe o cetro que era o símbolo da unidade do Brasil.

Já que este assunto está bem claro, direi algo sobre a Constituição de 1824 que foi a constituição outorgada.

O Direito Romano fala em "Lex Rogata" e em "Rex Data". Esta última era um ato de autoritarismo político, necessária em momentos críticos em que os cônsules se uniam em uma só pessoa sob o símbolo do fascio, reunindo vinte e quadro litores e assumiam impessoalmente o poder de forma transitória. No caso, a analogia cabe porque o conflito entre os contituintes era muito grande e Pedro I, num ato de soberania, outorgou a Constituição de 1824, na qual se dizia que existia o Império do Brasil e a forma de governo monárquico.

O Império do Brasil, como todos sabem, foi fundado em 12 de outubro de 1822. O Sete de Setembro é puramente simbólico. E por que Império do Brasil? Os constituintes eram juristas, conheciam o Direito Romano e sabiam muito bem o que é o império. Império é o poder territorial, é a eficácia da lei no espaço territorial. O país nascia com quase oito milhões de quilômetros quadrados de continuidade de terra, coisa única, obra de colonização portuguesa, e não poderia ter o nome de "res publicae", não poderia senão ser um império, sem um espaço, um território que representasse o domínio do poder político do país que nascia. Não é forma de governo, é nesse sentido do Direito Público Romano, e a forma do governo era monárquica, de uma dinastia vitalícia e hereditária.

O Império do Brasil, principalmente com D. Pedro II, foi uma monarquia liberal e constitucional ainda que este imperador, segundo alguns autores, fosse uma personalidade maravilhosa, com uma autoridade moral imensa e por isso o apresentam como um autocrata. Realmente, a vontade do trono era muito forte e a essa vontade a Assembléia Nacional, o Senado e os Partidos a ela se curvavam pela altura moral do Imperador. Isto, de algum modo, continua na Primeira República, porque esta foi uma extensão do Império. Eu a chamaria Terceiro Reinado com os imperadores de transição, os imperadores de quadriênio, porque eles tinham poder pessoal maior que o próprio poder moderador de D. Pedro I e impunham seu sucessor. Sabemos todos os episódios que houveram no Brasil, como o bombardeio da Bahia e uma série de intervenções, porque a federação brasileira nunca existiu senão no papel da Constituição. Ela não podia existir por falta de condições históricas sociais para se efetivar. Por isso o Presidente da República tinha imenso poder, como ainda hoje tem. É uma tradição luso-brasileira do chamado "terreiro do paço".

Não somos oriundos de governos contratualistas nem representativos, nem de cabildos, mas oriundos de um Rei de Portugal que nomeava os juízes-de-fora para serem o braço da lei, com um poder tremendo sobre o Brasil e, por isso, a nossa administração era uma pirâmide hierarquizada, enquanto a administração espanhola é pluralista e fragmentária. Os tribunais de audiência do rei entravam em conflito com os tribunais eclesiásticos, os adelantados tinham mais poder que os vice-reis, e os encomenderos governavam por si, não havendo um elemento disciplinador como no caso brasileiro, cujas terras eram propriedade particular do Rei de Portugal, na qualidade de Grão Mestre da Ordem de Cristo. O Brasil cresceu sob o regime da enfiteuse. O donatário era um usufrutuário do solo.

Dentro deste quadro há outros fatores que convergem para a unidade brasileira. São dois: um, já citado, é o fator político, e o outro é o fator econômico que uniu a classe dominante em torno do interesse comum, que foi a escravatu-

ra. Sou culturalista, o meu método antropológico é o método histórico-social, nem marxismo, nem espiritualismo. Fico dentro de um clima de realismo histórico intermediário, sopesando todos os fatores que contribuem para a formação da nacionalidade. Nem uma idéia ingênua que coloca a Igreja Católica como a fonte fundamental da unidade brasileira — se assim fora a América Espanhola seria toda ela unida — nem tampouco a idéia extremada de ver no materialismo histórico a nossa unidade. Nem um lado, nem outro. O equilíbrio no centro. Então, concedendo ao materialismo histórico como fator da unidade, a escravidão formando um centro de interesse de classes dominantes.

Realmente São Salvador, na Bahia e São Vicente, em São Paulo, tinham de se entenderem politicamente em um denominador comum, porque à idênticas causas correspondem idênticos efeitos e os interesses econômicos eram os mesmos. Em cima desses interesses econômicos, nos quais repousava o fulcro da escravidão, havia a unidade fisiográfica do Brasil, a unidade ecológica, a unidade antropogeográfica porque, quer queiram, quer não, o país tem unidade de clima.

O Brasil é uniforme climaticamente. Podemos cultivar a cana-de-açúcar de Belém do Pará até Laguna, em Santa Catarina. Podemos cultivar café do Pará a São Paulo. Há, pela própria formação botânica do Brasil, pelas culturas históricas da lavoura, a demonstração visível, insofismável da uniformidade do nosso clima. O fato de existirem sub-climas não quer dizer que não exista um clima comum.

A Itália, por exemplo, geograficamente falando, pouco mais que o Estado do Rio, tem climas completamente opostos. Os climas da Sicília e do Vale do Rio Pó são diferentes. O vale pode estar debaixo de neve e a Sicília recebendo o símum do Saara.

Finalmente, as grandes bacias potamográficas que confluíram para unir o Brasil. O rio São Francisco é o rio da unidade nacional, o rio Amazonas é a própria Bacia do Prata. As vias fluviais são muitos importantes. Sem a bacia do Prata a Federação Argentina não se aglutinaria, a Argentina

seria um país fragmentado. Sem o rio São Francisco o Nordeste não estaria geograficamente unido a Minas e ao Sul do Brasil. Sem o Amazonas não teríamos o equilíbrio geo-político do Brasil. Se tivemos conflitos, foi por um destino de determinismo geográfico. O Brasil não podia concordar nunca que o Amazonas fosse internacionalizado. A Amazônia nunca poderá ser internacional, ainda que queiram fazê-lo porque, neste dia, o Brasil passará a não existir.

Para terminar, quero fazer sentir que a unidade do Brasil hoje se expressa também na unidade do idioma. Esta unidade idiomática é um fenômeno sociológico e tem que ser preservado para que possamos reconhecer a vocação unionista da nossa cultura tradicional lusíada.

Esta unidade do idioma está sendo solapada por uma conspiração sutil, onde se procura deformar a língua usual, de modo que haja a tendência para que em cinqüenta anos formar-se dialetos. É preciso reagir contra isto através da preservação da língua padrão literária, do estudo da língua portuguesa, não com outros títulos, porque isto são formas eufemísticas.

Para encerrar, quero dizer que a unidade do Brasil é uma dádiva da grande cultura portuguesa.

(*) A assinatura do Tratado de Tordesilhas foi realizada na povoação do mesmo nome, a 7 de junho de 1494, mas originalmente foi intitulado "Capitulação da participação do mar Oceano". Até 1750, quando foi revogado pelo Tratado de Madri, foi este tratado "a peça mais importante de nossa história diplomática".

Os Tratados de Lisboa de 1680 e 1701 relacionam-se com a ocupação espanhola da Colônia de Sacramento.

Os dois Tratados de Ultretch de 1713 e 1715 tiveram largas conseqüências na História Diplomática do Brasil. O primeiro entre Portugal e França referente à fronteira do Amapá, e o segundo entre Portugal e Espanha quanto à divisória platina da Colônia de Sacramento. Para por fim aos desacordos que continuaram após esses tratados, foi assinado o Tratado de Madri em 1750, anulando e substituindo os anteriores. Sua assinatura, a 13 de janeiro de 1750, teve como representantes D. João VI de Portugal e D. Fernando VI da Espanha.

O insucesso das demarcações causou o abandono dos princípios do Tratado de Madri, que foi anulado pelo Tratado do Prado, assinado em 1761.

Estes princípios eram, porém, tão fortes que mesmo anulado pelo Convênio do Prado definitivamente, ressurgiram no Tratado de Santo Ildefonso, de 1777, que prevalece até hoje na nossa política de fronteiras.

História do Brasil – Hélio Vianna – Tomo I – 2ª ed., 1963 – Edições Melhoramentos.

CAPÍTULO VI

UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA

CAPÍTULO VI

UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA

Hoje, a língua portuguesa é falada por cerca de duzentas milhões de pessoas. Podemos citar o português falado na costa da Califórnia, em Albuquerque, na Venezuela, em Bogotá, em Buenos Aires, pelas respectivas colônias portuguesas que possuem um jornal local em português. Podemos citar os falares portugueses da Ásia, dos enclaves, dos chamados ex-estados indianos Gôa, Damão e Din, o papear cristão de Cingapura, o sino-português de Macau e podemos dizer outros pormenores, como a língua portuguesa ter sido língua diplomática de Bankok, no início do século XV e também o fato mais importante desta variedade de idiomas, inclusive o teto de Timor e o cocarim de Gôa, dentro de uma multiplicidade de painéis, de configurações aculturativas, apresentar pouquíssimos dialetos. No português falado no Brasil e, portanto, falado por cento e trinta milhões de pessoas, temos um dialeto desaparecido, assimilado, que é o caipira e, em Portugal, temos o dialeto chamado mirandês.

Conseqüentemente, para essa massa de duzentos milhões a variação dialetológica é mínima. Isto se deve a um único fator: é que a História de Portugal e do Brasil é uma História de Estado forte, de Estado autoritário. Atentem bem que na época da independência falava-se o quibundo nos mercados de Valongo, falava-se o gegê e nagô na Bahia. A conspiração de 1817, neste Estado, descrita por Nina Rodrigues, foi tramada em língua africana e em alfabeto árabe.

Então, há realmente um polimorfismo de falares, sem citar as variadas línguas indígenas, que chegam hoje a cem falares diferentes, histórica e espacialmente consideradas. Temos, ainda hoje, os resíduos destes falares escravos, chamados cafundós e a influência profunda dos falares africanos no português falado no Brasil.

Dentro deste quadro, repito, se não fosse a verticalidade do Estado Brasileiro, quer dizer, a pressão vertical de cima para baixo, do branco dominador sobre o escravo, este não teria aprendido a língua comum, a língua franca, que era o português.

Também em Portugal, se não houvesse a centralização monárquica, as línguas que se falava no Portugal medieval, no Portugal vetusto, no Portugal da época dos Borgonhas, não teriam sido aglutinadas na língua portuguesa. Os falares como o galego, o castelhano – Gil Vicente ainda escrevia novelas em castelhano – o provençal, eram falados na corte de Dom Diniz. No sul temos uma língua que é o moçaraba, mistura do falar português com a língua árabe, que teve em Sá Miranda uma grande expressão literária. O nosso terceiro governador, Mé de Sá, tinha como verdadeiro nome Mendo do Saa, em moçarabe. Todas estas línguas foram absorvidas no português cartorial, no português oficial, por pressão da própria centralização monárquica de Portugal.

No Brasil, se tivéssemos um regime de liberdades públicas na nossa História, teríamos hoje dezenas de falares, mas a escravidão, de norte a sul, uniu os interesses da classe dominante, configurou um tipo de agricultura como a cana-de-açúcar e o café, baseou o latifúndio agrário e estruturou uma elite que soube por interesses políticos e econômicos impor a cultura que tinha recebido da herança portuguesa, a ponto de, nos lugares onde a escravidão foi mais viva, como no Maranhão, – o português do Maranhão é o mais correto, o mais perfeito – e nos lugares onde o emigrante entrou muito cedo para substituir o escravo, temos o cassange, temos o negro português, temos uma série de distorções da língua.

Dito isto, pergunto: Será o império luso-brasileiro, através do monopólio geográfico do Brasil, através do Portugal insular, do Portugal africano, do Portugal asiático, que deu a volta ao mundo? Será o império luso-brasileiro o único exemplo na perspectiva histórica de uma cultura que impôs o seu idioma pela pressão política, pelo sistema autoritário do regime administrativo? Vejam que a administração portuguesa é centralizadora e autoritária, enquanto a espanhola era descentralizadora e menos autoritária. Será o único caso na História? Absolutamente. Temos um exemplo formidável que é o Império Romano. Todas as civilizações que hoje vivemos, a portuguesa, a catelhana, a italiana, a francesa, toda a América Latina, a própria Inglaterra, embora de língua anglo-saxônica, descendem do Império Romano. Durante o consulado vitalício dos imperadores, por adoção, temos a figura de Trajano, brilhante administrador, em cujo pontificado — o nome pontífice era do Imperador, pois este era título militar —, foram criadas legiões cujo efetivo atingiu o número de trinta e cinco mil.

É preciso convir que nós nos iludimos quando estudamos o latim como língua natural. O latim que estudamos em Cícero, em Horácio, em Ovídio, as odes, o latim que se escreve até nos digestos jurídicos, as pandectas, o Corpus Juris Civilis, não é uma língua natural.

Este latim é uma língua artificial, inventada, uma língua construída dentro da lógica e das desinências, uma língua polissintética que nunca foi usada nem falada por povo nenhum, mas por uma elite administrativa dentro do Império Romano.

Convenham todos, que mesmo nas vésperas da proclamação do Império, se assim podemos chamar a transformação do Consulado em Vitalício, nas vésperas do período chamado Principado, ainda se falava nas ruas de Roma o fenestro, que era a linguagem antiga do Lácio.

Se desejamos um exemplo esmagador, observemos a enorme quantidade de dialetos que há na Península Ibérica. Encontraremos entre a Etrúria e Nápoles mais de cinqüenta falares diferentes. O osco, o samnita, o albano,

todos estes falares contribuíram para uma maneira popular de comunicação e, ao mesmo tempo, o povo de Roma era pouco letrado.

Eles liam as Acta Diurnas das paredes, dos muros, escritas num latim epigáfrico, num latim correto, mas se formos examinar o latim das catacumbas, através da documentação da galeria lapidar, vamos encontrar um latim com erros gramaticais grosseiros, um latim popular. Podemos, então, dizer que há o sermo vulgar, o sermo erudito e o sermo castrense. Este último, que era falado pelos soldados e misturado com línguas bárbaras, deu origem a dialetos que depois se transformaram em idiomas autônomos através de uma passagem da chamada fase do romance, um falar de transição entre o velho latim e as formas modernas das línguas atuais. Um exemplo disto é de um lado a língua portuguesa e de outro a língua rumena.

É preciso convir que Ovídio foi desterrado para o Ponto Euxino, viveu em Constança até sua morte e escreveu sonetos em jeto, que era a língua nativa dos dacos, assim como, também, no próprio litoral da Rumênia de hoje a língua falada era um dialeto grego chamado trácio. Por conseqüência, o latim absorveu tudo isto numa língua geral administrativa, burocrática, digamos uma língua de Estado, mas língua convencionada e inventada. Não era, pois, uma língua espontânea, surgida da massa do povo.

Na Península Ibérica pré-românica temos o basco, que era a língua mais falada, como prova o próprio nome Ibéria, o nome do Rio Ebro, que quer dizer, em basco, cachoeira. Temos o lugúrio, que era a linguagem dos povos do litoral, temos falares greco-íberos que são os dos tartésios; portanto o latim não era falado na Península Ibérica como também na Lusitânia de Viriato, nem na Dácia Docébulo.

Logo, a criação de uma língua artificial, como o latim, que se transformou em língua padrão para a própria cultura latina e a própria civilização do Império Romano, que nada mais foi que um grande sistema administrativo, uma vez que chegamos a uma fase em que havia as províncias senatoriais e as províncias imperiais com privilégios políticos diversos, não havendo a centralização administrati-

va que foi mantida pela unidade da língua como um código de comunicação sistêmico e generalizado e de uso de uma elite dominante.

A criação do Império Romano, do Império Bizantino, o próprio reinado de Justiniano, em que ele usou o latim para o Corpus Juris Civilis, mostra a importância desta língua artificial.

No caso do Brasil estamos ameaçados de uma corrupção do idioma. Há até autoridades filológicas que afirmam que o povo tem o direito de falar como entenda.

Respondo, como sociólogo, que o problema do idioma português no Brasil não é um problema técnico, não é um problema meramente científico, mas um problema político para preservação da unidade nacional, porque no dia em que o paraense não entender mais o riograndense não haverá mais Brasil, haverá, sim, etnias espalhadas pelo grande território da América Portuguesa.

É necessário, pois, que tenhamos a preocupação da preservação do idioma erudito e por isso devemos caminhar urgentemente para a criação de uma língua padrão no nosso país. É preciso convir que há detalhes curiosos. A língua portuguesa que é única dentro de Portugal, essa língua que é riquíssima, que tem uma influência enorme do alemão, do árabe, do celta, esta língua ainda não conseguiu construir um dicionário oficial.

O primeiro dicionário da língua portuguesa começa com Bluteau, que era francês. Morais montou em cima de Bluteau e fez um dicionário dele. Veio depois aquele que foi um desastre, o dicionário de Cândido Figueiredo e surgiu, depois, o Caldas Aulete, que é um bom dicionário.

O nosso Brasil, até hoje, não tem um dicionário oficial, um dicionário do Ministério da Cultura ou da Academia Brasileira de Letras. Esta foi criada estatutariamente para construir um dicionário da língua portuguesa e nada disso aconteceu.

Os leitores pensarão: mas como?

É simples. É preciso que haja uma elite voltada para o interesse da comunicação sistemática, para uma língua racio-

nal e gramaticalmente disciplinada.

Rui. Barbosa foi o grande apóstolo deste ideal. Nunca conseguimos chegar a isto.

Um grande pesquisador e filólogo, Antenor Nascente, construiu o melhor dicionário da língua portuguesa no Brasil. Este foi comprado pela Academia de Letras, seus direitos autorais à viúva e editado e encadernado como sendo o dicionário da Academia. Ela não elaborou dicionário algum. Sua autoria é de Antenor Nascente que foi derrotado, quando a ela se candidatou, por um mistério que não se explica, mas não nos podemos esquecer que ele era preto. Eu o conheci pessoalmente, tenho trabalhos dele, como compilações e antologias de textos moçarabes de Sá Miranda e o seu dicionário, quer o léxico, quer o etmológico-geográfico, constituem para mim um livro de cabeceira. Mas não se trata de um livro oficial e não chegamos ao ponto de ter um dicionário.

Em contrapartida, sou obrigado a reconhecer que a Espanha que não tem unidade lingüística, pois tem o euskara no norte, o catalão, que é um latim residual com vocábulos gregos, e o castelhano, que é um latim conservando o L intervocálico. Este país polilingüístico conseguiu fazer um dicionário da Academia Real de Espanha, com palavras eruditas, que é o oficial.

Nós, porém, não conseguimos construir o nosso dicionário e fizemos o desastre filológico, partindo de uma premissa falsa de que a língua portuguesa era uma língua silábica, que é a maior mentira que se pode propagar.

A língua portuguesa não é silábica, ela tem morfemas e fonemas completamente impossíveis de serem traduzidos apenas por uma sílaba ou por letras. Em algumas situações seria o caso de inventar desenhos para designarmos o verdadeiro som destas palavras.

Como os leitores diriam as palavras mãe, pão? São palavras silábicas?

O nosso Camões escreveu rimas com uma pronúncia portuguesa que era da sua época, que hoje existe em Angola e no Brasil, talvez por influência climática, porque o clima

de Portugal sofreu mudanças nos últimos quinhentos anos devido a fatores muito complexos.

Esses fatos conduzem à necessidade da criação da língua padrão. Na língua fonética vieram as acentuações. Cada região tem uma pronúncia diferente para o singular e para o plural, e agora querem na reforma acabar com as acentuações. Isto é grave.

Por que razão adotariam a escrita fonética? Para imitar a Itália? Nós não precisamos imitar ninguém. Nossa cultura lusíada é uma cultura única no mundo porque tem o caráter de coesão, é unionista de um lado, multirracial de outro. Tem uma tendência maravilhosa para a miscigenação sem perder suas raízes históricas. Temos, pois, que imitar a nós próprios e assim fizemos este erro que foi a escrita fonética. Até hoje não conseguimos acordo nenhum.

Aí está o dicionário de Aurélio com quase sessenta mil vocábulos, com introdução de termos os mais curiosos, onde há influência do falar cigano, do falar tupi, do falar africano e termos inventados pela gíria carioca; uma riqueza vocabular enorme, mas falta a sistematização científica. Não temos a língua padrão e devemos porfiar para que a consigamos. Felizmente existe a linguagem das novelas que invadiu o mundo. É uma linguagem simples, entendida por todos.

Façamos um dicionário oficial pelos dois governos, um dicionário com os termos básicos da língua portuguesa, e vamos construir uma sintaxe simples que seja inalterável para que, daqui a cem ou duzentos anos, possamos ter a unidade da nossa cultura que é muito séria, pois ela politicamente promoveu a unidade do Japão, deu a unidade da Abissínia, devassou o mundo da Renascença com invenções novas. Assim, Pedro Nunes, o inventor do nônio, criador da loxodromia e da ortodromia e autor do "Tratado das Esferas", Sanches, o precursor da descoberta do micróbrio, uma cultura brilhante, imensa e complexa completamente ignorada no Brasil e ameaçada pela confusão lingüística, foram exemplos do Renascimento Luso.

A tese que lanço aqui desta mui heróica cidade de São Sebastião, fundada legalmente por Mem de Sá e fisicamente

por Estácio de Sá, é para que daqui do centro cultural do país, nasça um movimento para que se alcance a língua padrão do Brasil, para que a sua unidade não seja comprometida por uma balbúrdia lingüística.

CAPÍTULO VII

A AMAZÔNIA E O MARQUÊS DE POMBAL

A integração da Amazônia ao Território Nacional se deve à diplomacia do Marquês de Pombal junto às cortes de Londres e Paris. A sua habilidade e os recursos oriundos do ouro das Gerais, levaram-no a consolidar a herança de Pedro Teixeira e dos Castelo Branco e dos próprios pioneiros que chantaram os alicerces da brasilidade na Capitania do Grão-Pará. Assim é que vamos examinar aquilo que poderíamos chamar de interpretação da Amazônia.

Podemos dizer, com fundamento na obra de Alexandre Rodrigues Ferreira, que a astúcia da diplomacia e a visão do futuro trouxeram, para a Geografia e a História, este país continente que é o Brasil. Assim, louvamo-nos na opinião de Hélio Viana (pág. 344 – História do Brasil – 2ª edição 1963 – Edições Melhoramentos) "A D. José I (1750 – 1777), isto é, ao seu grande Ministro Marquês de Pombal, ficam-se devendo os mais enérgicos esforços em defesa da expansão territorial brasileira, embora nem sempre coroado de bons resultados. Através das trabalhosas demarcações de limites, da própria Guerra Guaranítica, da criação de pontos militares fronteiriços, de numerosas providências de ordem administrativa – verifica-se que a preservação do que havia sido conseguido no reinado anterior foi sua principal norma de política americana. Infelizmente, porém, os azares das guerras na Europa, como também no Novo Mundo, como dos tratados diplomáticos respectivos não permitiram que prevalecessem todos os objetivos, apesar das altas qualidades de administrador daquele ministro, aliás, não isento de defeitos".

O nosso ensaio será dividido em três partes: interpretação, integração e destino da Amazônia.

Para iniciar, vamos partir da indagação: o que é a Amazônia? É uma região natural, encravada no norte do nosso Continente Sul-americano, da ordem de oito milhões de quilômetros quadrados, dos quais quatro milhões pertencem ao Brasil. A origem desta planície aluvionária, de formação netuniana, foi pela primeira vez estudada por Luis Agassiz, geólogo suíço, e depois sua interpretação foi completada por Carlos Frederico Hartt, geólogo americano. A teoria afirma o seguinte: a Amazônia é um resíduo entupido, sedimentado, de um antigo mar equatorial da Terra, um mar anular, cujos resíduos são hoje o Mediterrâneo, o mar Cáspio e até a própria região das Antilhas.

No Terciário houve uma grande convulsão no planeta, ele tomou a forma de um geóide, isto é, a forma de um pião achatado no Pólo Norte e alongado no Pólo Sul e formou-se uma quina denominada Cordilheira dos Andes que se prolonga pela América Central, atinge a Cordilheira Rochosa, penetra pelas Aleutas no norte do Pacífico e vai morrer na Cordilheira da Kamchtka, na Rússia. Essa cordilheira sul-americana é uma elevação terciária profundamente instável e respalda como uma grande muralha, um ponto de junção de placas, sendo por isso, teatro de terremotos e vulções. O vulcanismo nos Andes vai desde o Pólo Sul até o Alasca. Toda esta região é sujeita a terremotos. Com a sublevação da Cordilheira dos Andes, formou-se este mar mediterrâneo, este mar equatorial, o golfão Amazônico que estava balizado por duas ilhas, a Ilha Güiana ao norte, e o Maciço Central Brasileiro ao sul. Vale dizer que a terra do Brasil é a mais velha do mundo. Podemos afirmar, tranqüilamente, à luz da Geologia Histórica, à luz da Tectônia, à luz da Dinâmica dos Solos, que nossa terra, além da mais velha, se encontra em decomposição geológica, em desintegração.

Formou-se o golfão Amazônico no Terciário e foi soterrado em vários níveis. Temos níveis do Quaternário inferior e do Quarternário superior.

Hoje podemos dizer que a Amazônia é um mar interior, um mar coberto por uma floresta, um mar de água doce alimentado pelo rio Amazonas e seus inúmeros afluentes. Tecnicamente este rio nasce no Departamento de La Raya, no Peru, mas o grande Amazonas é um complexo hidrográfico ainda não completamente estudado.

Não conhecemos a fundo nem sequer a origem das suas cheias. Até isto constitui um mistério.

A calha Amazônica forma esta grande planície aluvionária, pois o rio Amazonas é um rio plano, o que se constata pela mínima diferença de nível entre Manaus e Belém.

O Amazonas corre para o mar no ímpeto de seus afluentes porque não há declive. O perfil do equilíbrio do rio, isto é, aquilo que ele descrecre cortando o perfil do solo, praticamente aqui não existe.

A calha Amazônica sustenta a chamada Hiléia de Humboldt. Foi ele quem penetrou na Amazônia pelo Orenoco. Ele teve problemas com o reino de Portugal porque foi mal interpretado, uma vez que o governo já havia mandado fazer um levantamento científico da bacia Amazônica pelo baiano Alexandre Rodrigues Ferreira, autor de "A Viagem Filosófica". Esta viagem foi contratada por D. Maria I, chamada, talvez impropriamente, "a louca". Ela ordenou que se fizesse um levantamento econômico, científico e ecológico desta bacia Amazônica, tarefa confiada a este professor de História Natural da Universidade de Coimbra.

Os cadernos, o herbário e os desenhos de Ferreira foram roubados de Coimbra durante a invasão de Junot e levados para a França. A Geografia Universal de Elisée Reclus, quando descreve a Amazônia, praticamente reproduz a exploração feita por Alexandre Ferreira.

Este é um ponto fundamental para compreendermos, de saída, o "complexo amazônico". Podemos dizer que a Amazônia foi explorada por Pedro Teixeira, que chegou até praticamente à Tabatinga, levantando toda a região, com grande habilidade.

Alexandre Rodrigues Ferreira encontrou um fato curioso, pois em seu relatório ele diz que há portos em que

o mapa assinala a existência de povoados que na realidade não estão lá. Assim, Barcelos, que veio a ser a primeira sede da capitania, tinha três casas e alguma pecuária.

Na verdade, a Amazônia era um grande vazio onde só havia índios. O português fez entender ao mundo que a Amazônia estava efetivamente ocupada por Portugal. Esta ocupação, como já afirmei, começa com Pombal que corrompe as cortes da Inglaterra e França para reconhecerem a soberania de Portugal sobre a Amazônia, pois já havia uma conspiração muito bem tramada para que estas duas potências a dividissem entre elas. A prova está na ocupação das Güianas, de onde eles não saíram.

O Marquês de Pombal funda um núcleo no golfão Amazônico e estimula Castelo Branco a fazer o povoamento da região. Devemos, portanto, a Pombal a integração da Amazônia ao Estado do Maranhão e, de futuro, ao próprio Brasil.

Penso que devo aqui explicar o que é uma hiléia. É uma formação geobotânica, definida por Alexandre Humboldt, encontrada nas regiões equatoriais da Terra. Temos a hiléia Amazônica, que deu nome a todas as outras, temos a hiléia Congolesa, a hiléia de Bornéu, a hiléia Birmanesa, a hiléia Indonésica, e alguma hiléia no Decão, na Índia. As hiléias não nascem ao acaso. Há uma lei geobotânica de Fitogeografia que afirma que as hiléias se plantam nos solos tropicais, solos ácidos, impróprios para a agricultura, ao contrário dos solos de zonas temperadas, de chuvas alternativas, doces ou pouco ácidos e, por isso, usados para cultivo.

Então, no ecúmeno terrestre, emerso dos oceanos, a área que a natureza deu expontaneamente para a agricultura não representa senão 15% de toda a superfície do planeta. Para que se forme um solo agrícola são necessários três séculos.

Rigorosamente, a Amazônia não é um solo agrícola. A hiléia Amazônica, como dizem os geobotânicos, — vou citar Sampaio, que é o autor da Fitogeografia do Brasil — tem algumas diferenças da hiléia Congolesa. Ela é eminentemente uma floresta chuvosa. A floresta amazônica é efeito, não

causa, das chuvas, chuvas estas formadas, para espanto de todos, no Arquipélago dos Açores. São os ventos equatoriais da Terra que sopram para o setor norte do nosso litoral, cabo de São Roque, foz do Oiapoque, formando tipos de monções (palavra árabe que significa vento) que sopram regularmente, porque a Terra gira e a circulação aérea no Equador é também anular, e isto provoca as chuvas na Amazônia.

Em geral, diz-se que se acabarmos com a floresta teremos na Amazônia um imenso deserto. Isto não é verdade, pois teremos sim um grande pantanal, como o Pantanal Matogrossense, porque o regime dos ventos não permitiria.

O sueco Arrhenius, fundador da Geofísica, estudou a origem dos desertos. Estão quase todos colocados na eclítica que é a zona de maior incidência dos raios polares.

A palavra clima é uma palavra grega que significa inclinação, fato já conhecido por Hipócrates. A inclinação dos raios solares sobre a Terra, numa posição quase perpendicular acompanhando a eclítica, faz com que as temperaturas superficiais sejam muito elevadas. Esta é a primeira causa apontada por Arrhenius para explicar a formação dos desertos. A outra causa refere-se à massa continental compacta. Uma região muito recortada, como a Europa, nunca terá desertos. A África, ao contrário, por ser o continente menos recortado do mundo, possui desertos, como também a América do Sul, com sua imensa massa continental.

Por isso, Rumboldt disse com muita clareza: o continente sul-americano tem tendência para a desertificação, isto é, para a formação de grandes campos abertos, grandes savanas com lagoas no seu interior. Apesar disso, não descartaremos a profunda influência da floresta Amazônica no equilíbrio ecológico como preservadora do aludido pântano, pois somos contra o desmatamento (*).

A nossa floresta, a nossa hiléia, nada mais e do que a própria flora do cerrado que pela ação da superumidade do regime das chuvas, com o fenômeno da barragem dos Andes, não permite a passagem dos ventos para o Pacífico, transformando o cerrado numa exuberante mata vicejando em cima de um solo pobre, de espessura vegetal muito tênue.

Isto pode parecer absurdo, mas vou dar um argumento arrazador. A floresta Amazônica encontra similar nas matas ciliares do Araguaia, do Tocantins, do Guaporé, de todos esses rios que confluem para a bacia Amazônica.

Nestas matas ciliares estão representadas as mesmas essências nobres da Amazônia.

Este é o retrato da Amazônia, uma floresta chuvosa, provocada por um excesso de umidade, num solo pobre, lixiviado. não próprio para a agricultura e a floresta, seja ela qual for, é contra a ocupação pelo homem. O homem e a floresta, diz Pierre de Fontaine, são dois fatos geográficos antagônicos. Se o homem encontra a floresta ele a destrói, pois não pode conviver com ela. A Europa não tem floresta virgem, só tem mata virgem — há, em ecologia, diferença entre mata e floresta, a mata virgem é expontânea, feita pela natureza, e a floresta é feita pelo homem. Na Cordilheira dos Carpatos, cujo ponto culminante é o Trata, na Tcheco-Eslováquia, existe a mata virgem sendo, as demais, florestas artificiais feitas pelo homem. Basta dizer que a maior floresta da Europa existiu na Península Ibérica, na Meseta de Castela. Os geógrafos, como Estrabão, Pompolio Mella, falam da floresta de Castela, onde os romanos caçavam javalis e ursos. As grutas de Altamira traduzem a fauna riquíssima daquela época.

Todos sabem que Castela Velha e Castela Nova representam uma grande planície, quase semi-árida, não fosse ela hoje, com a irriqação, um dos grandes celeiros de trigo da Europa.

O primata homem é dotado de pés, é bípede, erectus, enquanto os nossos primos irmãos, os grandes símios, são arborícolas; nós somos macacos de planície, de savana. Descemos da árvore e os nossos pés formaram ângulo de 90º sobre as tíbias e ficamos donos da planície, com uma visão binocular esteroscópica, com a posição ereta da coluna sobre o buraco occipital. Na realidade, vamos encontrar os fósseis humanos perto de lagoas, ou em lugares que nas épocas geológicas antigas foram regiões de campos abertos.

O que a floresta traz para o homem? Traz obstáculos para a agricultura, traz dificuldades para a caça, traz, no caso da floresta tropical, leishmaniose, paludismo e outras epidemias, inclusive vírus que parasitam o ser humano, pois populações virgens deslocaram-se do sul para a Amazônia e foram atacados por eles, inclusive de câimbras hemorrágicas.

Acredito que tenha conseguido transmitir o que se refere à interpretação da Amazônia, que é um grande ecossistema com sub-regiões naturais, onde encontramos biomas e nichos ecológicos. Assim, a região de Tumucumaque, a região do Rio Branco, a região do Caa-iagapó e Caa-eté, isto é, a mata enxuta e a mata inundada, que se alternam, são biomas. Os nichos ecológicos são formados pelos igarapés, onde vamos encontrar sirinidios, ariranhas, saurios, ofídios e o pirarucu, cujo véu palatino com a arcada dentária serve para raspar a banana do guaraná que os índios usam para fazer a infusão. Este quadro que existe na Amazônia está sendo modificado pelo homem que a tem agredido. Precisamos, pois, estabelecer um equilíbrio ecológico entre a ação do homem e a natureza. Não nos interessa destruir a Amazônia como parque natural e sim que o homem conviva com ela em harmonia.

Falaremos agora da integração da Amazônia. Para integrá-la temos que povoá-la. É inútil pensarmos romanticamente. Não se pode guardar quatro milhões de quilômetros quadrados numa fase de explosão demográfica no mundo, numa fase em que a Humanidade está abalada pela primeira explosão expontânea da energia nuclear ocorrida em Chernobyl, quando a Europa terá, possivelmente, que mudar de região, em massa, procurando regiões vazias e com uma característica fundamental como a Amazônia, pois ela é relativamente indene à radioatividade.

Se explodir, por exemplo, uma bomba atômica no Caribe, a Amazônia não sofrerá tanto porque o regime de ventos e de chuvas isolam-na da radioatividade. Isto é um privilégio tão grande que levou Herman Kan, o grande futurólogo do Instituto Hudson da América do Norte, a amparar a

tese de um engenheiro venezuelano que queria fazer vários lagos na América Latina, um lago no Orenoco, um na Bolívia e um lago de oitocentos mil quilômetros na nossa Amazônia.

Esse lago levou-me ao Congresso, onde falei durante quatro horas seguidas mostrando o absurdo de destruir uma região ecológica preciosíssima. Não sabemos as conseqüências que teriam esses lagos para o equilíbrio da Terra. Esse lago seria um erro para o Brasil. O americano queria o lago por duas razões: esse lago transformaria a Amazônia numa região tributária dos Andes, da chamada Carretera Panamericana que deve percorrer os Andes de norte a sul, já vem do Alasca e penetrou na América Central atingindo também a Colômbia, ligando-a ao Chile. Assim, a Amazônia, sendo um lago, deixaria de ser uma conquista luso-brasileira atlântica, para ser tributária do Pacífico e das Repúblicas dos Andes.

Este foi o primeiro golpe que o americano deu para desintegrar a Amazônia do bloco brasileiro e, como segundo golpe, ele visava colocar ali bases de submarinos e de navios de guerra, porque sabia que a região era relativamente imune à radioatividade. Os americanos, ingleses e alemães conhecem melhor o Brasil do que nós. Os cientistas europeus foram trazidos por nossa santa imperatriz, a Arquiduquesa da Áustria e primeira esposa de Pedro I. Ela é uma santa cívica porque, embora aqui sofresse o máximo, amou muito o Brasil e deu-lhe condições de avançar na ciência, trazendo cientistas como Martius, Spix e tantos outros que aqui estiveram para levantar a nossa flora e a nossa fauna.

Estarei dizendo uma heresia quando afirmo que a floresta é inimiga do homem? O que obtém o homem em contato com a floresta? Obtém impaludismo, febre amarela silvestre, leishmaniose e até hanseníase porque, sendo a floresta um retentor de umidade, a doença se ceva dela. Na Europa, a região mais atingida pela hanseníase foi a Noruega, em virtude de possuir um litoral superúmido.

Hoje, esta doença está erradicada na Noruega e transferiu-se para a Ucrânia de onde, dizem, os russos acabaram com ela, depois de Lenin, pela eliminação física, o que não

surtiu efeito, porque a hanseníase continuou. A infecção leprótica é familiar, mas agrava-se com a superumidade. A doença tem aumentado na Amazônia.

Continuo dizendo que a floresta é inimiga do homem, mas devemos preservá-la pela ciência, pela orientação ecológica. O homem não nasceu para viver dentro, nem perto da floresta.

Os nossos bandeirantes, como atestam os nomes São José da Borda do Mato, Santo Antônio da Boca do Mato, mostram que eles não entravam no mato, pois este é um obstáculo.

Vou provar que todas as populações indígenas da Amazônia são populações de refúgio. Não há nenhuma tribo indígena que seja autenticamente amazônica. Assim, Nuaruaque é uma tribo extinta que veio das Caraíbas (palavra que é uma corruptela de canibal). Houve uma luta entre as tribos e os Aruaques eliminaram todos os homens dos Nu e ficaram com as mulheres, e a tribo passou a ter dois idiomas, mas acabou por destruir-se e desaparecer.

Os Manaus também desapareceram, como os Cambebas que Alexandre Rodrigues Ferreira cita com tanto carinho, eram andinos e tinham o sistema de usar palas na cabeça para deformar o crânio, tornando-o oblongo. Na ilha de Marajó, temos os Aruens, uma tribo extinta muito antes de Cabral e que é responsável pela chamada cerâmica marajoara. Esta tribo viveu em torno do lago Arari e deixou resíduos arqueológicos estudados por Ferreira Pena e Ladislau Neto, o chamado Mound do Pacoval. Aí encontraram cerâmica de grande valor artístico, porque, enquanto a cerâmica grega era cozida à carvão, e a reação do carvão com os sais minerais da argila calcárea da Grécia deu o tom preto calcinado, a cerâmica marajoara era seca ao sol.

Heloisa Alberto Torres, que conheci pessoalmente quando vivi no Museu Nacional para escrever o meu livro "O Homem e a Paisagem", em 1938, – trabalho com a Geografia Humana há muitos anos e ela constitui uma das minhas paixões intelectuais – esta explicou-me que a cerâmica marajoara era feita pelo processo da cestaria. O indígena fazia

o cesto começando de um núcleo trançado. Assim como ele fazia um cesto partindo do núcleo para a periferia, também fez as volutas de argila partindo do centro e copiando a mesma técnica da cestaria que precedeu à cerâmica e inspirou ornatos, que não são ornatos semelhantes aos gregos, tirados da própria cestaria local. Temos, assim, a cerâmica marajoara, temos a cerâmica de Santarém que é mais bonita ainda, e a de Ana Batuc, que é mais aperfeiçoada. Por conseqüência, houve uma grande sedimentação cultural no golfão Amazônico, mas não autóctone, absolutamente. São populações que vieram descendo dos Andes pelo rio Amazonas.

Se colocarmos uma folha de árvore, ou de outra qualquer, naquele filete de água que começa a existir em Cuzco, no Departamento de La Raya, poderemos marcá-la e recolhê-la na foz do Amazonas. A Amazônia escoa a cultura Andina e a que não é de origem andina vem da Oceania. Os mitos da chuva, os mitos da criação do mundo do Parque Xingu, provam, exaustivamente, que aquelas populações não são autóctones.

Temos agora a analisar as condições agrícolas da Amazônia. Ela poderá ser o celeiro do mundo em dois pontos: na rizicultura — o arroz seria o ideal — algumas regiões para a soja, como em Altamira, a única que tem a terra roxa, e um setor importante seria a fonte de celulose, porque a floresta latifolhada e chuvosa se reproduz de maneira espantosa. Os aviadores das bases aéreas relatavam que a dificuldade de fazerem as pistas de cachimbo era que as abertas em um ano, estavam fechadas no ano seguinte.

Dentro desse sentido, é preciso convir que ela traduz as mazelas agrícolas do Brasil.

Os intendentes do Marquês de Pombal já faziam nos seus relatórios, através do Conselho Ultramarino, o levantamento disso tudo. Os portugueses construíram o Forte da Beira lá no fim do mundo, foram ao norte do Rio Negro, palmilharam-no, mas não povoaram porque não tinham como fazê-lo. Era Portugal um país de oitocentos mil habitantes e, por isso, só deixavam a marca. Quando foi assinado o

Tratado de Madrid, em 1750, os portugueses alegaram o princípio do Direito Romano, o Direito da Posse ao primeiro ocupante.

Quem ocupou primeiramente a Amazônia? Segundo o próprio relatório de Alexandre Rodrigues Ferreira foram os portugueses, porque os mapas mostravam pontos de povoados que não existiam. Aquilo era para criar nas potências da época — vale dizer Espanha e Inglaterra — a ilusão de que a Amazônia estava humanamente ocupada, o que não era verdade.

A Amazônia é uma das poucas regiões do mundo em que houve regressão da população, pois entre 1905 e 1930 a população da Amazônia regrediu. E por que regrediu? Regrediu porque puseram lá o cearense -- o grande General Rondon não gostava dessa tese -- colocar nordestino nesta região é como colocar água num cesto. Aí está a prova arrazadora.

O leitor já ouviu falar numa doença chamada beriberi, pois esta doença é Amazônica, ou melhor, uma avitaminose crônica que acaba por atacar o músculo cardíaco. E como aparecia esta avitaminose? Há uma inadaptação do nordestino à floresta. Eles deveriam imitar o índio, pois este vive ecologicamente. O índio passa uma gordura na pele para se livrar do mosquito — ele é um fenômeno ecológico.

Encontramos, sobrevoando a região Amazônica, círculos abertos, como se fossem ulcerações da floresta, que são as tabas indígenas. A taba indígena não está misturada com a árvore, está no descampado. Creio que a Amazônia é tão misteriosa que até as árvores não convivem bem com ela. Há entre as árvores coníferas, como a maniçoba, a árvore da guta pérsia, o bordo e a seringueira. Esta é nativa da Amazônia e, efetivamente, seria logicamente aclimatada, o que não é real. A umidade é de tal ordem, que ataca o caule da árvore e tira a sua produtividade. Então, o que tem ocorrido? Estão plantando a seringueira no vale do São Francisco com condições climáticas de semi-aridez. O rio umidifica o solo e a atmosfera é relativamente seca e a árvore vai-se dando mui-

to bem. Por outro lado, a radioatividade natural do solo amazônico é tão grande que a castanha do Pará, que a possui, é um grande alimento. A radioatividade natural do solo impede que haja plantação homogênea de seringueiras; ela é dispersa pela floresta. Na Indonésia o sucesso do plantio da seringueira, em Malaca e Cingapura, deve-se ao fato dos ingleses terem levado as mudas para a Ásia e lá, com a mão-de-obra abundante, fizeram plantações homogêneas. Assim, o indivíduo corre pelos corredores de plantio e vai colhendo. Isto é tão verdade que as técnicas modernas de colheita do látex não são amazônicas, são copiadas da Indonésia e da península de Malaca. Uma evidência deste fato é que a palavra "jabong", aquela cuia de flandres que eles enterram no caule da seringueira, é de origem malaca.

Por conseqüência, a Amazônia não é uma parte geográfica inserida na América do Sul do ponto de vista geológico-geofísico. É um pedaço da Ásia incrustado na América Latina. O búfalo e tudo que faz sucesso na Ásia, a Amazônia acolhe e também é bem sucedida. Assim foi, também, com a juta. O japonês na Amazônia deu certo porque as populações do sul do Japão são pré-adaptadas ao clima tropical.

Vejamos a integração da Amazônia. Temos que povoá-la, mas sem agredir a natureza. Temos que conciliar a mata Amazônica com a colonização. Está sendo feita uma experiência na Amazônia sub-andina, que é Rondônia. Esta região não é bem amazônica porque a verdadeira é a calha Amazônica. A Transamazônica, que é uma estrada de rodagem paralela ao rio, não corta propriamente a Amazônia, corta a região dos cocais, segundo Sampaio, que é uma transição geobotânica da aratana matogrossense para a hiléa Amazônica.

Mesmo assim, as agrovilas que se instalaram à margem da grande rodovia — a rodovia no Brasil é catalizadora de gente — regrediram atacadas por vírus, com doenças novas porque o homem ia para lá sem qualquer adaptação. No caso da Rondônia, cuja população já atinge milhares de ha-

bitantes em menos de dez anos, apresenta um problema seríssimo. Os lotes são de cem hectares, dos quais cinqüenta são derrubados, são destruídos para a plantação. Nesta área de plantação temos uma explosão de fertilidade, mas a mata, que não pode ser destruída por uma questão ecológica, abriga o paludismo que é levado pelo homem do sul, o que está ocorrendo agora com o xistossoma. A calha Amazônica e o rio Negro são regiões puras. Pode-se tomar água sem perigo, porque ela não tem contaminação. A região do rio Negro, que tem cor de coca-cola por causa do ácido húmico das florestas, é uma região pura, mas se para lá o nordestino for levando na sola dos pés o xistossoma ou no sangue o paludismo, vamos infestar a Amazônia de uma série de doenças, além das que já existiam lá.

No meu entender, deveriam ser feitas leis que multiplicassem os parques nacionais. O governo já criou o Parque do Tumucumaque, criaria o Parque Nacional do Rio Negro, criaria o Parque Nacional do Rio Branco, e assim por diante. Estes parques seriam santuários ecológicos que o homem não pode tocar. E fora desses parques seriam mandadas populações do sul em caráter experimental.

Tenho sugerido uma experiência que tem sido mal recebida por todo o comando brasileiro. Governo e classes armadas acham horrível a sugestão de colocar grandes quadriláteros na calha Amazônica, de populações asiáticas, da Birmânia, da Tailândia, da Península de Malaca, etc. O birmanês, principalmente porque ele convive com a floresta, tem uma hiléia igual à nossa e a temperatura em Ragun é idêntica a de Belém do Pará e eles vivem dentro da floresta, são colhedores de teka (madeira), colhem resinas vegetais e necessitam emigrar porque a sua população é muito densa. Essas populações são pré-adaptadas ao paludismo. Existe uma premonição contra o paludismo através da presença das chamadas hemácias falsiformes.

Bastos D'Avila, na "Antropologia Brasileira", fala realmente das hemácias falsiformes que existem em grandes po-

pulações da África florestal que mostram uma resistência milenar ao paludismo e, para provar que as populações africanas povoaram o sul do Mediterrâneo, os sicilianos apresentam, também, estas hemácias falsiformes que eram interpretadas pela medicina antiga como uma doença do sangue, quando na realidade é um fenômeno genético.

O leitor poderá indagar se o vietnamita, por exemplo, não poderá trazer o xistossoma nipônico. Existe esta possibilidade, mas ele é o homem que vem para a Amazônia com o hábito de usar calçado de fibra ou de borracha e de se vestir para o clima tropical. Não é como o caboclo amazônico que vive nu da cintura para cima, usando calça rota, navegando numa canosa que ele chama montaria, comendo chambé a noite toda — chambé é uma mistura de mel de engenho e farinha de mandioca.

Os intendentes de Pombal elogiavam a farinha como grande alimento. Hoje, está provado que ela contém, além de valores amídicos, valor calórico e, dizem, vitamina B1. Efetivamente, a resistência de um caboclo amazônico, andando dias e dias dentro de uma canoa, com essa alimentação, é uma prova do valor alimentício da farinha. Na realidade, porém, ele é um vencido pelo meio.

Com estas experiências de colonização faríamos um teste para saber como poderíamos povoar a Amazônia sem destruir a floresta. É claro que não seria uma experiência com quarenta mil habitantes e nem a Birmânia tem tal população, mas, digamos, com cem, quinhentas ou mil famílias. Devemos, entretanto, procurar entre elas a multiplicação dos falares, dos dialetos. Dentro da Birmânia encontramos seis diferentes dialetos, na Península da Indochina há dezoito. Esses dialetos em confronto não permitiriam a dominação de uns sobre os outros. Estes núcleos de colonização seriam colocados em torno de centros abrasileirados, como Santarém, como Nazaré, onde a língua portuguesa está estabelecida e seria a língua franca da região. O leitor poderá achar que isto é um absurdo. Pergunto, então, se o Paraná é um absurdo pelo fato de ter poloneses, russos, tchecos, alemães e japoneses. São sete etnias diferentes. Será o

Paraná inviável por isso? Ou será este Estado o Grande celeiro do Brasil? Não é devido à terra roxa que é uma mentira agronômica. Terra roxa é fruto de um processo vulcânico da diabase, do processo vulcânico da cordilheira sul Brasil e ela tem 18% de óxido de ferro, ela é praticamente um minério. Dizia-se que é própria para o café, mas o problema não é este porque o café é uma rubiácea originária da Abissínia, da província de Kafa, e que exige apenas umidade e sombra. Na América Central o café é todo plantado à sombra. No Brasil o café foi plantado em ordem unida como batalhão de soldados, em encostas de morros. Vêm as chuvas de verão, as monções atlânticas de verão, as enxurradas lixiviam o solo em virtude do declínio do terreno, vão tornar os rios negros do interior do Brasil e arrastar o humus fertilizante para o Oceano Atlântico, como o nosso rio Amazonas o joga na costa da foz do Mississipe, nos Estados Unidos.

O Brasil não é um país agrícola, mas de agricultura fracassada. A nossa explosão demográfica é uma realidade e os alimentos como feijão, milho e arroz estão escasseando. Não vamos citar a soja e a cana-de-açúcar porque estão ligadas à indústria. Nossos solos são muito ácidos, pH baixo e o nosso cerrado poderá realmente ser o celeiro do mundo se houver um impulso mudando as condições edáficas do solo para que ele possa produzir. O solo do cerrado tem que sofrer calagem, tem que sofrer estudos pedológicos para saber como se corrige quimicamente cada região, pois, do contrário, não teremos produtividade economicamente válida.

Dito isto, vamos ao final do nosso trabalho que é o destino da Amazônia. Ela tem um grande destino na Humanidade. O fato dela ser imune à radioatividade já mostra que poderá ser teatro de uma civilização, mas isto só acontecerá se os seus donos atuais souberem fazer a estratégia do seu povoamento sem agredir a floresta.

Sou defensor da floresta Amazônica, não porque acredite que ela seja o pulmão do mundo, não sei se ela elimina ou absorve oxigênio. É claro que o oxigênio da atmosfera se origina em grande parte da vegetação, mas esta sozi-

nha não explica a atmosfera, porque antes da clorofila tivemos os tatófitos e com eles tivemos os calcáreos dos oceanos.

A folha verde não contribui sozinha para a formação do oxigênio. Creio até que a tese de Sampaio Correia, de que a atmosfera seja um satélite gasoso como capturada da cauda de um cometa, é muito simpática.

A floresta Amazônica é uma biomassa vegetal e deve haver trocas. A planta é um ser vivo que troca alimentos com a atmosfera. Assim, o fucus alimenta-se em grande parte pela combustão dos automóveis. Há um dicionário de Ecologia de edição francesa que aconselha que a cidade se povoe de ficus porque esta planta fixa os resíduos da combustão dos motores que enchem de poluição a atmosfera das cidades.

Se a Amazônia tiver um povoamento estratégico, cientificamente bem planejado, para que concilie a ocupação do homem com a preservação da floresta, ela poderá ser a reserva de arroz, de alimentos proteicos, através de piscicultura e talvez não seja pela pesca do pirarucu ou do tucunaré, mas da carpa, aquela carpa que pasta o capim e se multiplica de maneira espantosa nos açudes e lagoas (o peixe boi). A Amazônia poderá ser sobretudo uma reserva industrial.

No momento, o que está ocorrendo na Amazônia é o seguinte: sendo a região mais rica do mundo em minérios tais como urânio, bauxita, ferro, minérios raros não ferrosos, esta riqueza já é conhecida dos americanos e ingleses através dos satélites exploradores. Através da fotografia do infravermelho é possível ver o solo por baixo da floresta e as multinacionais estão se apossando desta riqueza para amanhã, no futuro em que a Amazônia possa ser integrada ao Brasil, eles aleguem que ela é brasileira politicamente, mas economicamente ela estaria nas mãos das multinacionais. É isto que não só eu como todos os patriotas brasileiros, não queremos que aconteça.

(*) Em desmatamentos ainda maiores irão associar-se outras conseqüências: uma inevitável redução da reciclagem regional da água pluvial acarretaria uma modificação do clima no sentido de ocorrerem totais de precipitação anuais menores e chuvas mais marcadamente sazonais, isto é, haverá períodos de seca mais longos e mais intensos. Esse efeito associado à quantidade maior de solo arrastado destes rios por força de uma erosão exacerbada, alterará o regime destes rios; e, por fim, a eliminação da grande biomassa da floresta Amazônica refletir-se-á no teor de CO_2 da atmosfera terrestre e, com isso, no Balanço Térmico da Terra nas condições globais que dependem do mesmo. (Pág. 67 – Amazônia – Fundamentos da Ecologia da Região de Florestas Tropicais – Prof. Harold Sioli – Ed. Vozes – Petrópolis – 1985).

CAPÍTULO VIII

PORTUGAL E O JAPÃO

O Arquipélago Japonês ostenta 250 vulcões entre ativos, extintos e em meio repouso, razão pela qual, semelhantemente a Sakalina, Yeso e Hondo, a Colúmbia Britânica e a Península da Califórnia iriam também se destacar do continente por estarem do outro lado da placa. Esta afirmação se apóia em Hess quando diz que o solo do oceano inteiro se renova totalmente cada 300 ou 400 milhões de oceanos, justificando a delgadeza das camadas de sedimento em seu fundo, assim como a ausência de rochas mais antigas que o Cretáceo. O professor de Princeton concluía ainda: "As bacias oceânicas são formações temporárias. Quanto aos continentes, são permanentes, embora continuamente retalhados e novamente unidos. A Terra é um corpo dinâmico, cuja superfície muda constantemente."

A análise dos dados fornecidos pela rede do Geodetic Survey permitiu a conclusão: as zonas designadas como "falhas transformantes" coincidiram, com efeito, exatamente com os centros de atividade sísmica.

Confirmou-se que os terremotos se assinalavam unicamente naqueles setores limitados de fraturas oceânicas, e estavam totalmente ausentes no resto das fraturas. O Planeta só era ativo na junção de duas placas e permanecia inerte no interior de cada uma.

Determinou-se então a direção em que a Terra se mexe nesses lugares durante os sismos. A sismologia há muito que possui métodos para calculá-la, mas os dados sobre os quais se estabelecia as medidas no passado eram inexatos e às vezes contraditórios. Aplicando-se métodos aperfeiçoados aos novos dados precisos de que se dispunha, conseguiu-se determinar a direção do movimento de cada um dos sismos observados dos dois lados das falhas transformantes. A Terra, nesses lugares precisos, não se movera no sentido do deslocamento geral dos fundos oceânicos na região. A litosfera efetuara, de cada vez, um movimento de cisalhamento em sentido contrário.

Nestas condições, em tempos imemoriais, o Arquipélago do Japão teria sido ligado ao Continente Asiático. Entretanto, vale assinalar o seguinte: há analogias das capas culturais, dos stocks étnicos que formaram o povo japonês com as capas culturais, dos stocks étnicos que formaram o povo brasileiro.

Vejamos, então, o primeiro grande mistério. Podemos dizer que o povo japonês é um complexo étnico. Encontramos nos povos do rio Amur, ou melhor dizendo, nas populações páleo-siberianas da bacia hidrográfica deste rio, os Ghiliak, os Gold e para o nosso caso os mais importantes, os Ainu.

Acontece que no Japão pré-histórico não só Yeso, como Sakalina e Hondo eram habitadas por este povo Ainu. Que povo é este? Esta resposta é de enorme importância e a primeira analogia a fazer é que os nomes geográficos Hondo, Yeso e do Japão de um modo geral, são predominantemente Ainu e que na língua aglutinativa japonesa não há, nem estrutural nem vocabularmente, a presença da língua Ainu.

Do mesmo modo, temos no Brasil uma geografia povoada de nomes tupi-guaranis e não falamos esta língua. No português do Brasil não há, sob o ponto de vista da estrutura e da morfologia da língua, vestígios do tupi-guarani. Existem apenas vocábulos.

Como segunda analogia podemos dizer que este povo ainu foi, como afirmam os etnólogos alemães, o representan-

te do europeu na Ásia. Há quem afirme, ainda hoje, que o ainu é um europóide. Duas grandes autoridades estudaram a fundo este povo. Batchelor, um missionário e George Montandon, líder da escola etnográfica francesa e que durante muito tempo trabalhou no Museu do Homem em Paris.

Será o ainu um europóide? O que é um europóide? Esta é uma pergunta que a ciência não sabe responder. O que está fora de dúvida, é que existe um grupo étnico, já em vias de extinção, na ilha do Yeso, formado de homens de pele branca, de estatura média e muito peludos. O homem ainu tem cabeleira e barba muito compridas e é ligeiramente encurvado para frente. Não concordo que ele seja realmente um europóide e acredito que a premissa não vem muito ao acaso, porque ele tem uma característica do grande grupo mongol da Ásia Central que é a existência de uma arcada zigomática saliente.

De qualquer forma, este grupo destacou-se das populações páleo-siberianas do rio Amur e se insularizou formando uma cultura própria e muito curiosa, pois tem grande originalidade quanto a sua organização social. Do ponto de vista da organização familiar é uma cultura matriarcal, em contrapartica com os Gold florestais e os Ghiliak do rio Amur. Ela tem conotações com os esquimós porque, em muitos aspectos de sua cultura material, está na fase chamada da Madalena ou Idade do Osso. Apresenta uma característica muito interessante no que se refere à liberdade da mulher. A mulher, sim, é muito independente, o que vai explicar o fenômeno que passaremos a relatar dentro em pouco. Mircea Elhad quer ver no ainu a sobrevivência de uma cultura paleolítica muito antigo, de 50.000 anos atrás, com duas características folclóricas: o culto do cogumelo que existe em todas as populações páleo-siberianas da Ásia Central e a dança do Urso. Esta dança não é uma particularidade só do ainu. Ela se encontra nos grupos étnicos da Sibéria. A rigor, Mircea Elhad não foi muito feliz quando procurou explicar as causas da extinção do povo ainu na grande cultura japonesa. Este povo deixou vestígios permanentes, mas teria influenciado muito mais se não fosse uma população

numericamente regressiva. E por que foi numericamente regressiva? Duas são as hipóteses que vamos examinar: de um lado, a hipótese de Mircea Elhad que quer ver no estreitamento da bacia da mulher um fator para o desequilíbrio entre a natalidade e a mortalidade, e do outro, a tese de Batchelor, grande estudioso do assunto, conhecedor da língua ainu, convivendo com eles e cujo ponto de vista vou amparar e defender.

Sendo uma civilização predominantemente matriarcal, com uma grande independência para a mulher que escolhia o marido, que não precisava conviver com ele permanentemente — os encontros eram de namoro — a mulher ainu repudiava a maternidade por fatores culturais que não podemos esclarecer, talvez até econômicos. Ela praticava o aborto por meio de vômito incoercível, colocando os dedos na garganta e através da provocação do vômito acabava provocando também o delivrance. Isto veio a reduzir a população.

Qual é a relação entre o stock ainu, esta capa ainu, e o povo japonês? Eu encontraria duas relações: de um lado a cabana de palha, a cabana de meia água, meio chantada dentro da terra e de outro lado — está aí o grande assunto, um grande motivo de meditação — o xantô que não é mais do que o chamanismo geral dos povos hiperbóreos. O ainu era chamânico e xantô, era o chamanismo, quer dizer, a adoração das forças naturais. Em tudo há um chamã, em tudo há um fator espiritual, em tudo há um fator não material, que dá um gênio próprio a cada coisa da natureza, como se cada flor, cada semente, cada colheita, cada árvore, cada montanha, cada ser, tivesse uma mensagem psicológica, uma alma a transmitir ao próprio japônês. Isto é a herança ainu. É pena que eu não possua para mostrar, um instrumento profundamente japonês — as enciclopédias musicais apresentam erradamente como de origem chinesa que é o koto e cuja fabricação é do ainu da ilha de Yeso. Este instrumento hoje persiste na cultura japonesa como reminiscência, como resíduo da cultura ainu. Entretanto, sejamos honestos em dizer que os antropólogos japoneses não encontraram em sua língua a influência deste povo. Há vestígios, como há

vestígios tupi-guaranis no Português, mas não há uma influência como é o caso do negro no povo brasileiro e dos sinídios no povo japonês.

Não é isto que nós queremos afirmar e sim que existe a primeira capa de povoamento que é a capa ainu.

Se formos à arqueologia japonesa pré-histórica, com seus três períodos de cerâmica, vamos constatar que a cerâmica Jomon é ainu (1) e também que este povo atingiu a idade do ferro e chegou a ter uma grande atividade pesqueira. Se desapareceu estatisticamente da composição étnica japonesa, nós os encontramos através da própria organização familiar que é singular, pois não é igual à do esquimó nem dos povos do rio Amur. É possível que devido à insalubridade houvesse um processo de endoculturação, de forma a dar a esta sociedade uma característica própria.

O fato de possuírem um trenó muito parecido com o do esquimó, de terem a canoa monoxílica de um só remo, isto é convergência cultural, não significando que tenham antepassados esquimós.

A própria palavra ainu significa homem, como no esquimó da Colúmbia Britânica a palavra inu quer dizer simplesmente homem.

Estes povos não conheciam as populações ribeirinhas, viviam isolados e se consideravam praticamente os únicos habitantes da terra.

Temos aí, conseqüentemente, o primeiro stock da formação do povo japonês, o stock ainu.

E me louvando num grande etnólogo alemão, Von Eickstedt que estudou as migrações internas do interior da Ásia, ele afirma que o ainu é europóide, como também os antropólogos europeus insistem nisso pelo fato de o ainu ter a pele branca. No meu entender, isto se trata de uma coisa furada e não embarco nesta canoa porque reconheço a arcada zigomática como uma característica bem definidora da mongolidade dessas populações.

Atingimos, agora, o ponto mais quente do nosso trabalho que é o segundo stock, um tanto obscuro e controvertido. O ainu não é obscuro, é uma figura estabelecida e qual-

quer etnólogo japonês reconhece que isto é assunto pacífico, é lugar comum.

Mas o segundo stock é profundamente polêmico. É o stock polinésio-malaio-oceânico que influenciou como segunda capa cultural, como segunda camada étcnica na miscigenação da formação da etnia japonesa.

Por que vamos aceitar a tese de uma origem polinésica dessas populações que entram no Japão cobrindo a camada ainu? Através da lenda do Folk-lore. Esta lenda é admirável, belíssima, é sugestiva. Quem não conhece dos cartões-postais turísticos do Japão o símbolo chamado "Torií"? São duas traves chantadas como se fosse uma barra de ginástica. Nesse "Torrií", que seria até um símbolo de domesticidade da cultura japonesa, coloca-se às vezes um traçado de corda. Neste símbolo está, na sua interpretação, a pista para encontramos a camada polinésica e malaia do contingente racial que penetrou no Japão.

Na lenda de Amaterazu (2) — o japonês tem que conhecer Amaterazu como o grego conhece Afrodite, como nós da cultura afro-brasileira conhecemos a Mãe-d'água. Amaterazu é a deusa protetora do primeiro clã, o clã Yamata que originou a família real do Japão e não fosse também a organização familiar japonesa profundamente clânica, traindo as suas origens polinésicas. Amaterazu é uma contradição numa cultura reconhecidamente machista, pois atualmente é patriarcal, fazendo de uma mulher o símbolo protetor da casa imperial e guardiã da casa do Sol, esse Sol que se esconde numa gruta no meio do Oceano Pacífico. Esta gruta está cercada de uma centena de galos e o galo deve pousar sobre o Torií. Ora, como poder-se-iam formar os clãs no Japão se não houvesse clãs no Hawai e se o Hawai não fosse também um reino matriarcal, com mulheres como rainhas?

Como poderiam aparecer galos protegendo o Sol e cantando para que ele nascesse, se não havia galos entre os ainu, pois estes não conheciam os galináceos? Os galináceos são originários da Birmânia, e vindos da Indonésia penetrando na China.

A corrente de Kuro-Siwo, que corre pela China e depois por fora do Japão como se fosse a Fulf-Stream japonesa, dá ao Arquipélago Japonês matizes climáticos tais como os que Gulf-Stream oferece ao Arquipélago Britânico, pois os climas da ilha de Yeso são muito próximos aos da Escócia e da Terra Nova. Foi essa corrente de Kuro-Siwo a estrada líquida oceânica que levou ao Japão a cultura polinésica.

Então, o clã, a lenda do Amaterazu, o galo, nos fazem pensar na origem polinésica para a segunda capa. Por outro lado, a cultura japonesa é mitologicamente uma cultura solar. O espelho otogonal do Imperador do Japão, o dono do clã inicial da família japonesa, o clã Yamata, representa o próprio disco solar. O espelho, que é a estereotipação do sol, reproduz a figura humana mas, em a reproduzindo, reproduz a alma humana. É, portanto, uma cultura solar que, desde os tempos imemoriais, é espiritualista no sentido de encontrar no homem um destino extraterreno.

Todo o "Folk-lore" japonês xantô, todo o complexo místico religioso do povo japonês é predominantemente reencarnacionista.

Temos aí, portanto, a segunda afirmação que é o elemento oceânico, ou do Pacífico, ou do Arquipélago Malaio, que se aculturou dentro das populações pré-existentes no Japão.

Vamos agora ao terceiro stock étnico que deve ter ocorrido em torno de 250 a 300 AC, com a invasão dos Sinídios, a invasão sinídio-mongólica através principalmente da península da Coréia.

Esta invasão foi pacífica, aculturada, uma invasão em levas sucessivas, quando o elemento migratório procura o Japão, buscando talvez a piscosidade de suas águas. A invasão mongólica não foi possível porque as hostes de Gengis Kan foram destruídas por um vento chamado "Sopro Divino", que é o vento Kami-kase. Esta cultura sinídia é da maior importância porque trouxe vários valores para o Japão como o sistema da escrita ideográfica, a generalização do uso do cavalo — a sela e o estribo são de origem chinesa — trouxe a espada longa dos samurais de origem também chinesa — a es-

pada ainu do mesmo formato é curta — trouxe ainda a seda, o chá e duas grandes características sociológicas: o instinto da propriedade privada e o patriarcalismo dentro da família japonesa. A influência sinídia foi, portanto, muito profunda no Japão. O chinês está para o japonês do ponto de vista da capa cultural como o europeu ibérico da Espanha e Portugal está para o Brasil.

Dentro desta conotação, observamos dois fenômenos dignos de nota que explicam a unidade política do Japão e que vamos constatar nos séculos XV e XVI.

A cronologia japonesa é diacrônica com a cronologia ocidental, uma vez que nem o ainu, nem o polinésio conhecia o tempo linear cronológico pois tinham o tempo circular. Os povos adaptados à natureza tem tempo circular e se mede apenas pelos fenômenos naturais. A cronologia linear vertical é uma conquista do ocidente. Podemos, pois, calcular que a penetração do Budismo no Japão devesse ocorrer de 600 a 700 DC. Tivemos, portanto, duas fases críticas na formação do Japão: uma que foi a entrada do Budismo no século VI da nossa era e outra no século XVI, que foi o contato do Japão com os povos ocidentais.

Na primeira fase encontramos a penetração do Budismo tântrico através da Coréia e vai se caracterizar pela fase em torno de Nara. A segunda fase é a do Budismo em torno de Kamakura. Entre o Buda de Nara e o de Kamakura há uma interceptação que vamos explicar como sendo o fenômeno do choque entre o Budismo como ideologia religiosa-política e o feudalismo japonês.

O Budismo é uma religião que contesta as classes sociais, contesta as castas e promete a felicidade humana pela própria destruição do ser. Há historiadores que querem que a influência do Budismo zen tenha sido profunda no Japão. Não esposamos esta tese. Foi o Budismo do Tibet mais humano? menos abstrato? mais concreto? que se influenciado pelo Taoismo de Lao-Tsé foi se aculturar com ritos do xantô para formar um complexo religioso que é o complexo budista encontrado em torno de Nara? Esta cultura de Nara se caracteriza por uma proliferação de conventos-fortaleza que

foram habitados principalmente por jovens — o jovem em todas as épocas é um contestador — e estes conventos contestaram o poder dos xoguns, que eram os senhores feudais, os donos do solo. Contestaram porque roubavam a mão-de-obra da lavoura de arroz que já tinha sido introduzida pela primeira invasão dos sinídios 200AC. Constituíam uma ameaça política ao poder dos xoguns. Neste momento surge na História do Japão o Clã do Carangueijo, pelo qual tenho uma grande simpatia, pois sou de uma terra onde se criavam as crianças com carangueijo e pirão de farinha. O Clã do Carangueijo é o Clã dos Samurais, porque o carangueijo do Japão, sendo um crustáceo grande em alguns lugares, tem em sua carapaça o desenho do rosto do samurai. Os xoguns apoiaram-se nos Samurais que viviam jungidos às famílias clânicas japonesas e com eles dominaram e destruíram os mosteiros-fortaleza do Japão. Com isto tivemos o fortalecimento do feudalismo e o fenômeno do xogun-samurai, que dominou até que uma família de xogun-samurais, os Takugawa(3), pode fazer a unificação do norte, de centro e do sul, aglutinando o Japão numa unidade política. É este Japão que vai assistir à Revolução Industrial, que vai entrar no século XX como nação unida, com uma etnia própria, com um destino histórico e cumprir através da sedimentação de sua estrutura social que era feudal, onde a hierarquia se traduz do xogun a um poder delegado que é o "daimiô" e há um poder menor ainda que é o "shimiô". Foi justamente o "shimiô" de Nagasaki que assistiu os primeiros contatos com os jesuítas espanhóis e portugueses e até mercadores da Holanda que iam ao Japão levar uma nova ideologia: o Cristianismo. Esta ideologia vai em grande parte, — peço desculpas e não quero ferir a sensibilidade de ninguém — contribuir para a introdução do mosquetão de pederneira, das armas de fogo que portugueses e espanhóis levaram para o sul do Japão e deram ao feudalismo do Japão um poder político redobrado. Além do mosquetão, os jesuítas levaram a caravela, o navio oceânico e os conhecimentos da cultura material do ocidente para o oriente.

Não creio tanto na introdução da imprensa, porque quem estuda a cultura coreana sabe que ela é a precursora dos incunábulos, os ensinamentos religiosaos do Taoísmo, daquela filosofia do yan e do yin, do sim e do não, do preto e do branco, do bem e do mal, aquela filosofia dialética que está simbolizada na própria bandeira da Coréia e do Vietnã. Toda filosofia Taoísta está contida em tábuas de madeira esculpidas a ponta de estilete, que são os clichês que podem ser reproduzidos em papel, papel este de origem chinesa, como todos nós sabemos.

Este contato com o ocidente trouxe para o Japão o enriquecimento de sua cultura material no setor das armas, porque aí a influência do Cristianismo foi pequena no século XVI, ainda que a maioria daqueles que foram vitimados pela incompreensão, não fosse de espanhóis, nem de portugueses, mas dos próprios japoneses que aceitaram a filosofia cristã que do ponto de vista da caridade e fraternidade humanas tem tantas conotações com o Budismo. Apenas o Budismo é autosotérico e o Cristianismo é heterosotérico.

Dentro dessas condições vemos que a formação do Japão é complexa, multi-racial não tendo nem unidade física nem somatológica. Podemos fazer um mapa craneométrico dos japoneses do sul para os do norte, de estatura e hábitos alimentares e podemos reconhecer que os japoneses do sul, mais próximos dos elementos da Oceania e da região malaia, possuem caracteres somáticos encontrados em populações da Amazônia e da América Central.

Gostaria por isto de aludir a uma conferência que foi feita pela professora Dayse Cozza, sobre a origem do nosso indígena, quando ela fala, de maneira muito didática e muito oportuna, das hipóteses acerca do índio brasileiro, mostrando o seguinte: a primeira corrente é a corrente asiática, de maior aceitação porque explica certos traços culturais e físicos semelhantes, entre o índio americano e o grupo racial mongol, além da corrente australiana, da corrente malaio-polinésica, da corrente esquimó.

Aben-Attar, um sorologista paraense detectou um tipo de sangue do índio do Pará encontrado no esquimó do Alas-

ka. Respalda-se a conexão raciológica dos japoneses do sul com os índios amazonidas e até mesmo dos brasilidas nas características encontradas nos 2.500 índios do Brasil.

Assim, as populações indígenas do Brasil integram um grupo mongolóide, olhos oblíquos, prega mongólica, pouca pilosidade, cabelos pretos, nariz achatado, com a face lingual em forma de pá.

Quanto às características genéticas, o índio brasileiro são quase exclusivamente 0,RH (+) e K (—); mostram, no entanto, grande variabilidade na incidência de outros genes, tais como Lm, D a, Fxa, Hpl, Se, e também quanto à sensibilidade e feniltioureia (PTC).

No estado atual dos conhecimentos humanos, não há indicador mais seguro do que a genética apoiada na bioquímica do sangue. Assim também aludimos ao fator denominado grupo sangüíneo Diego. Estes grupos foram descobertos em 1955 por Laygrisse e outros. O símbolo D a é usado para o antígeno, e os fenótipos são grafados Di (a+) e Di (a—).

O grande interesse do sistema Diego é que o antígeno Dai parece ser um marcador específico para os da raça mongol. Sua freqüência varia desde cerca de 36% em algumas tribos sul americanas, 10% em japoneses, até praticamente 0 na maioria dos caucasianos. Surpreendentemente, os esquimós canadenses, cuja origem étnica é claramente mongol, são totalmente Di(a—). Esta observação é de grande interesse antropológico. O antígeno Dib foi recentemente detectado.

Dia/Dia	Di(a+)	Genótico	Fenótipo
Dia/Di	Di(a—)	Di/Di	
Mongóis	Caucasianos	10%	0
Freqüência	aproximada	90%	100%

Dados extraídos da obra "Genética Médica", pg 227 J.S. Thompson/M. W. Thompson (2ª edição) Livraria Ateneu — S. Paulo — 1976 — trad. de Paulo Armando Mota.

Não param aí as analogias entre as culturas fósseis japonesas e as culturas da América Central e da Amazônica. Assim Meagers e Levans determinaram, em 1963, a relação com a cultura final caracterizada pela cerâmica Jomon das Ilhas Kioshu cerca de 3.000 AC. pela análise do rádio carbono, com a cerâmica encontrada nas costas do Equador numa fase das populações de coletores e de pescadores, cujo nível cronológico se situa no mesmo período.

Este autor, portanto, acredita ter sido a cerâmica equatoriana do período arcaico influenciada diretamente pela japonesa chamada Jomon. (Problemas Culturales de la América Pré-colombiana — Ediciones Nueva Vision — Buenos Aires — 1976, pg 14, 15, 16 e 17 — De las culturas de India y sudeste de Asia sobre la cultura Maya).

Acreditamos, assim, fundamentar o pressuposto de parentescos e correntes migratórias páleo-asiáticas na formação dos índios sul-americanos.

Conclusão: comprovamos ser a etnia japonesa fruto de uma aculturação intensa entre os stocks ainu, sinídio e malaio-polinésico, não existindo, pois, um tipo único japonês mas vários tipos diferentes representando uma diversidade craneométrica, de estatura, fisionômica tão variada quanto se pode constatar em outras populações igualmente miscigenadas. Não existe, portanto, argumento do ponto de vista genético que se possa opor ao migrante japonês no Brasil. Sendo as populações insulares do sul pré-adaptadas ao clima monçônico da Amazônia.

Quanto à religião Budista, esta está diluída no "chamanismo", sendo um complexo de supertições que divinizando as forças naturais não se discrepam às da "Umbanda", cujo teor já é tão sincrético quanto o da religiosidade do japonês. O próprio Budismo da fase de Kamakura, através de seus vários matizes, encontra-se hoje fragmentado entre as várias seitas como Hosso, Kegon, Ritsu, Tendai, Shingon, Jôdo, Shin-shu, Rinzai, etc.

Destas diversas seitas só as três primeiras tiveram influência na Era de Nara que a perderam para o novo Budismo.

Descrevemos a seguir alguns dos ensinamentos pregados por estas seitas. O Tendai-shu desenvolveu-se perto e Kkoto teve sobre a vida cultural e espiritual do Japão uma grande influência.

Os ensinamentos desta seita contém a doutrina fundamental do Budismo Mahayana e enfatiza a crença de que todos os homens seriam salvos.

Já na seita Zen-shu dava-se mais ênfase à tranqüilidade do espírito, o que é uma característica comum a todas as seitas do Budismo. Diz-se que esta tranqüilidade é o mesmo que o ideal de Buda. Foi a partir do Rinsai-shu que os ensinmentos do Zen tornaram-se independentes e formaram uma seita separada. Nesta seita o objetivo é que cada pessoa adquira uma experiência mística na qual suas vidas entrem em contato direto com a vida de Buda através da concentração do espírito, sentando-se em perfeito silêncio, sem leituras ou interpretações de escrituras.

O Budismo do Japão está baseado nos ensinamentos de Mahayana. Os mandamentos desta seita são altamente valorizados e visam exclusivamente a pessoa, mas o Budismo japonês tem como meta a transformação de todo o ser em Buda.

Basicamente a religião é um sistema de sentimentos buscando o aperfeiçoamento moral do ser humano. Não vemos, por conseguinte, motivo de apreensões com o hipotético choque cultural com o nosso sincretismo afro-católico até porque os valores morais do Budismo são válidos no sentido do patrimônio étnico da Humanidade.

O contingente japonês no Brasil tem se aculturado sob o influxo de novos hábitos alimentares e sob o império das forças ambientais do nosso tropicalismo.

À guisa de esclarecimento oferecemos uma tábua cronológica dos grandes períodos da História Japonesa ressalvando, porém, o diacronismo com os períodos da História da Civilização Ocidental.

A CRONOLOGIA DA HISTÓRIA JAPONESA

Período	Datas	Eventos e características principais
Pré-Jomon	150.000 BC	Pré-cerâmica — implementos de pedra — Cultura da cerâmica Jomon.
Jomon	7.000-250 BC	Economia baseada na caça e colheita
Yayoi	250 BC a 3º século A.D.	Cultura Yayoi — cultura do arroz — uso do bronze e ferro
Tom Kofun	3º ao 6º séc. A.D.	Tumbas — formação do estado japonês sob o governo de Yamato.
Azuka	593 — 710	Introdução do Budismo, Confuncionismo e Taoísmo. Organização do Xintô — Influência chinesa nas leis e governo.
NARA	710 — 794	Capital em Nara — Influência do Budismo na cultura.
Heian	794 — 1185	A família Fujiwara controla a corte imperial em Kyoto.
Kamakura	1185 — 1333	Poder militar e evolução do feudalismo. Introdução do Zen-budismo.
Muromachi	1333 — 1568	Shogunato Ashikaga em Kyoto. Zen influencia a cultura.
Azuchi	1568 — 1600	Unificação do Japão sob os Tokugawa. Introdução do Cristianismo com a chegada dos primeiros europeus.
Tokugawa	1600 — 1868	A família Tokugawa controla o governo e a sociedade — Neo-confuncionismo — Banimento do Cristianismo.

Meiji	1868 – 1912	Fim da segregação – modernização do Japão. Xintô torna-se religião do Estado.
Taisho	1912 – 1926	Governo dos partidos – progresso social e econômico – cultura de massa.
Showa	1926	Guerra do Pacífico – Ocupação americana – Xintô desestabelecido – desenvolvimento econômico de após-guerra.

NOTAS

(1) – J.E. Kidder. "O Japão antes do Budismo" – pg 54 a 55 – Editorial Verbo.

. . . O salmão abundava nos rios e lagos da costa norte do Japão. Hoje o seu limite sul é o rio Tone. No final do Neolítico, constituía, sem dúvida, um dos principais recursos alimentares dos povos do Norte, de tal forma que se tornou assunto tratado pelos artistas; gravavam desenhos em pedra, tal como se pode ver em certos números de pedras da região Tahuku, parecendo tratar-se de representações feiticitas. Foram descobertos seis desenhos. Os mais perfeitos são os de uma pedra da cidade de Yagima (Akita). Trata-se de doze salmões gravados a traços simples, mas em diversas perspectivas, voltados para diversos sentidos e por vezes sobrepondo-se. A sua situação no tempo foi hipoteticamente estabelecida através da cerâmica Jomon encontrada na sua proximidade. O cão doméstico, que naturalmente vivia próximo das habitações, entrou muito cedo em cena e rapidamente se multiplicou. É possível que tenha sido treinado para caça. Foi, sem dúvida, cão de guarda e companheiro do dono. Dele se encontram numerosos vestígios. No concheiro de Yoshigo (ichi) onde foram descobertos 33 esqueletos humanos, descobriram-se também ossos de dez cães (três machos e sete fêmeas). No concheiro da estação-tipo próximo da aldeia de Toyaharus (Saitama), pertencente à fase de hanazunis (Jomon antigo), descobriram-se, em vinte locais, ossos de canis familiaris japonicus Temmick, o cão de cuja evolução resultou a atual raça shisa. O dono de um cão da época Horinonchi sepultou o bicho seu amigo, numa cova oval de 75x25, imediatamente subjacente, agora, à camada de conchas do concheiro Nishigauato. Os arqueólogos encontraram o esqueleto perfeitamente conservado. Não se usavam sepulturas especiais.

Aparecem até nos ossos incisões que se admitem tenham sido feitas ao raspar a carne. Se esta operação se destinava a obtenção de alimentos, tal atitude só pode ser interpretada como índice de terríveis condições econômicas. Os gatos eram selvagens. Tanto um crânio proveniente do concheiro do Najima, do Jomon antigo como um maxilar inferior do concheiro Ichoji pertencem a gatos selvagens. Podem ter sido os antepassados dos gatos domésticos do Honxu, com os quais apresentam grande semelhança. O porco foi importado da China mais tarde. Não chegou a atingir as principais ilhas japonesas durante o Período Jomon, mas há sinais de sua presença em estações das ilhas Léquias. Embora se creia que o cavalo foi introduzido pelo povo yayoi, esta suposição é contrariada pelo seu aparecimento em estações do Jomon que precedem o período yayoi. O povo Yayoi talvez fosse um povo de cavaleiros e possivelmente trouxe consigo os seus ginetes. No entanto, não parece que tenha usado o cavalo em grande escala e de tal não se encontra reflexo algum em desenhos dos sinos de bronze e cerâmica. Só no Período dos Túmulos nos aparecem pela primeira vez representações de cavalos.

(2) Amaterazu (544pg) "Mitologia General" de F. Guinard – Editorial Labor – 1971.

Os japoneses são cultores do sol que favorece as colheitas, por isso que o saúdam diariamente com palmas. Amaterazu tem seu santuário principal em Ise. No começo era venerada no próprio palácio do Imperador, porém, posteriormente, em virtude da influência das sacerdotizas oráculos, passou a ser venerada num nicho próprio. Daí, sem dúvida, a distinção entre santuário e templo. O primeiro era dedicado ao xintô e o segundo aos ídolos Budistas (Budsativas), sendo o local do Oráculo de Ãmaterazu conservado em sua forma original e primitiva. Neste local se guarda o espelho sagrado "chintai", no qual o espírito da deusa penetra para escutar os apelos dos crentes. Com este espelho octogonal Amaterazu foi obrigada a sair da sua gruta onde estava cercada por galos como aves consagradas ao sol. Amaterazu lidera o Panteon Japonês, figurando acima de Takami-Mozubi. Ela possui também uma irmã de nome Wakahiru-Me – Para os eruditas japoneses os radicais "Waka" querem dizer jovem e "Hiru" quer dizer sol e "Me" significa mulher, sendo a personificação do sol nascente.

(3) A unidade política do Japão repousa no shogunato do Tokogawa com o fechamento do país ao mundo em 1639. Embora portugueses desembarcassem em 1543 levando o Cristianismo ao Império do Sol Nascente, a unidade cultural do país manteve-se até os dias atuais, revelando-se porém a rutura dos costumes tradicionais pelo contato com povos do Ocidente.

BIBLIOGRAFIA

- O Japão antes do Budismo – J. Edward Kidder – Editorial Verbo – 1966.
- A estação da Idade da Pedra de Ubayama – Ywata I – "O concheiro e as habitações antigas subjacentes ao estrado da camada de conchas" – Publicações do Instituto Antropológico da Universidade imperial de Tóquio, 5, 1932: "A questão das crenças religiosas dos japoneses pré-históricos" – SRGK, XII, 1939; Utensílios de Pedra do Japão. Tóquio, 1948. A Aurora da História no Japão. Tóquio, 1953.
- Matsumoto, N. Tujita, R. Shimizu, J. e Esaka, T. Kamo. – Estudo da Estação Neolítica e de Uma Cana Monoxílica Descoberta em Kamo, Prefeitura de Chiba – Tóquio, 1952.
- Moringa, S. (editor literário). O Arroz Carbonizado das Escavações, Tóquio, 1954.
- Ishida, E. – "The Nature of the Problem of Japanese Cultural Origins". Japanese Culture: Its Development and Characteristics, Chicago, 1962 pp. 3-6.
- Watanabe, N. "Magnetic Dating in Japan", Asiam Perspectives, V/2 1961 pp 200-204.
- Montandon (George) – "Résultats d'une enquête ethonozique chez les Ainou", Proceedings of the Third Pan-Pacigic Cingress, Tokio 1926.
  Le même – "Au Pays des Ainou", Exploration Anthropologique, Paris, Masson 1927.
  Le même – "Ainu" – Enciclopédia Italiana – Roma 1928.
  Le même – "L'ológénese culturelle et la place de la culture Ainou", L'Ethnographie 1931.
  Lê même – "Connexions de la civilisation ainou, em particulier à propos des chaussures et des patins à neige", ibidem.
  Le même, en colaboration avec le Dr. de Clérambault, "Um métier à tisser de ches les ainou", 1932.
  Le même – "La vannerie de la civilisation ainou", ibidem, nº 28/29, 1934.
- Batchelor (Le Rev. John). "The Burial Customs of the Ainos of Yeso", Folk-lore Journal, Londres, 1888.
  Le même – "Ainu wards as Ilustrativie of customs and matters, pathological, physiological and religious", Transactions of the Asiatc society of Japan, Tokyo 1896.
  Le même – "The Ainu and their Folk-Lore" – Londres, 1901 (O mais importante para o conhecimento da etnia ainu e sua mentalidade em particular).
  Le même – "Ainus" (Hastings) Enciclopedia of Religion and Ethics Londres, 1908.

boas (Franz). "Die Resultate der Jesup-Expedition", Internationaler Amerikanisten-Kongress, Sechszehnte Tagun, Wien 1908 (1910).
Le même – "Ethnological problems in Canada", The Journal of the Royal Anthropological Institute, 1910.
Nordensktold, "Voyage de la Vega autour de l'Asie e de l'Europe" Paris (Hachette) 2 vol, 1883 – 1885.
Wrangell (Ferd. von) – "Vondern Verkehr des Volker der Nordwest Küste von Amaerika Inerainander und mit", Tsc huktschen, St. Petesbourg, 1839.
Le même – "Le Nord de la Sibérie, Voyage parmi les peuplades de la Russie asiatique et dans le mer glaciale", Paris, 1843.
S.S. Thompson – M.W. Thompson – "Genética Médica" – Trad. Paulo Armando Motta – Editorial Atheneu – 1976.
Jorge Mamede de Almeida
Dinorath Nunes
Sandra da Cunha Henriques – "Genética e Evolução" – Editorial Cultural Médica – 1976.
Maria Luiza Becak – Willy Becak – "Biologia Moderna" – Livraria Nobel S.A. 1977.
Alencar Barros – "Novo Curso de Biologia" – Livraria Nobel S.A. 1975.
Enciclopedie Française – L'Especie Humaine – Docteur Paul Rivet 1933 – pp 7, 26-9 Chapetre II – Autor du pole nord, Les Ainou, pp 7, 26-12 – Section B – "Le peuples sur la terre".

CAPITULO IX

FERNANDO PESSOA

CAPÍTULO IX

FERNANDO PESSOA

As considerações que farei agora não são de um poeta ou de um literato, nem de um esteta, são, antes de tudo e mais nada, de um sociólogo e de um crítico dos fatos sociais. Como a Sociologia é muito abrangente, eu entendi que deveria fazer um apanhado sobre o nosso grande Fernando Pessoa e o inconsciente social. Em última análise, o leitor não lerá versos do poeta, não umidecerá os olhos com as lágrimas da emoção, mas irá compreendê-lo. O que me parece muito mais importante é que nós compreendamos os poetas porque, como dizia o notabilíssimo, o único, o ímpar, o gênio dos gênios que foi Luis de Camões, "poetas por poetas sejam lidos, poetas por poetas entendidos".

O nosso Fernando Pessoa é um exemplar humano de poetas que surgiram após a I Grande Guerra. Ele é uma transição da poesia do século XIX para o século XX e por isso ele é um conflito humano interior, ele tem um vulcão dentro de si, traduzindo conflitos de tendências do esteticismo do século XIX e do modernismo do século XX, tão bem representado dentre 1920 e 1930, que acabou eclodindo na Semana de Arte Moderna no Brasil.

Vamos analisar as três fases de Fernando Pessoa: a primeira fase é a da Revista Águia. Esta revista traduz a fase lírica do poeta. É nela que ele elogia o mar, que ele se volta para o inconsciente coletivo português e o traduz no seu astro político, falando do mar, falando do passado de Portugal, elogiando o príncipe perfeito, tratando da História de Portugal, com aquela alma maravilhosa de um português au-

têntico e daí o título de inconsciente social porque ele não era de formação portuguesa; era o poeta que disse que o sol dos oceanos era fruto das lágrimas das mães portuguesas. Não era de formação lusíada, mas de formação inglesa. Ele formou a sua adolescência, a sua cultura humanística em Durban, capital da Província de Natal, hoje Estado de Natal, na União Sul-Africana. No ginásio ele teve a sua grande formação humanística básica e escrevia em inglês tão bem como o português e a sua poesia inglesa, algumas delas, são intraduzíveis para o português.

Todos querem comparar Fernando Pessoa, nesta fase lírica da Revista Águia, a Camões. Não concordo com esta comparação porque o que me impressiona em Fernando Pessoa é que, sendo ele inglês por formação, era português por coração. Tenho que admitir o inconsciente social como uma realidade sociológica e o aspecto experimental objetivo, o estereótipo desta própria realidade é Fernando Pessoa.

O que é o inconsciente coletivo, o inconsciente social? É alguma coisa que explica, por exemplo, o fato de Portugal. Quem foi o autor do fado? Quem criou o fado foi a alma popular portuguesa. Quem criou o samba no Brasil? Foi a alma popular brasileira. Como explicar a existência de grandes sambistas brancos sem admitir que existe neles o inconsciente coletivo?

O inconsciente coletivo é hoje uma teoria defendida por Levi Strauss, o homem do estruturalismo, e ele o classifica de estrutural, dizendo que ele é estrutural no sentido de definir a alma, a idéia de uma coletividade, de uma civilização, de uma cultura. Então seria o caso da Itália ter como seu inconsciente estrutural o antigo Império Romano, a ânsia de restaurar este império, a saudade dele, como a França teria como seu mito estrutural Napoleão e Portugal teria como este inconsciente a própria epopéia dos descobrimentos marítimos, a própria vocação para o cosmopolitismo, para a universalidade, para a conquista do mundo. Se Camões foi o cantor do Império Português do século XV, Pessoa seria o Ulisses do século XX, seria o Joyce português.

Na segunda fase, que é a da Revista Orfeu, Fernando Pessoa já amadurece a sua poesia e se prepara para ser o poeta do cotidiano. Ele bem poderia ter escrito aquilo que Joyce fez em Ulisses, que pegou a odisséia e levou para as ruas de hoje, vendo Penélopes, vendo Ulisses, o navio Calipso, o Velocino de Ouro, os Proteus, o Gigante Polífeno, nas ruas, nas coisas em que tropeçamos no dia-a-dia, porque a natureza humana, como diz o poeta num dos seus versos, é uma constante dentro da História.

A fase do amadurecimento do poeta é a fase da Revista Atena (não é Atenas, mas Atena, que quer dizer sabedoria).

Temos que notar em Fernando Pessoa, ainda na primeira fase, a lírica, uma certa imaturidade, embora ele tenha uma grande tendência, uma grande vocação para admirar a História de Portugal, para admirar o arquétipo da grande cultura portuguesa quando ele se entrega totalmente à adoração da alma portuguesa. Ele, nesta fase, além de ser um lusófilo, além de ser um estereótipo da "anima" da cultura portuguesa no seu fundo histórico-social, do seu fundo inconsciente da História, também era um romântico no sentido do patriotismo português quando podemos ver, então, a influência de Almeida Garrett no nacionalismo de sua poesia. Nesta fase lírica, Fernando Pessoa é um nacionalista, é um lusíada na expressão perfeita do termo.

Na segunda fase, fase da Revista Orfeu, ele sofre outra influência. Existe um fato que tenho que citar aqui, pois, como crítico da literatura, não poderia omitir. É a grande amizade do poeta por Sá Carneiro. Diante do sacrário que é a consciência humana, diante deste fenômeno cosmológico que é o homem, temos que respeitar todas as tendências e o respeito à pessoa humana não me leva a entrar em outros pormenores. Quero dizer, apenas, que na correspondência e em certas manifestações poéticas, nesta segunda fase, existe aquilo que ele chama minha alma irmã. Esta alma irmã era o seu amigo íntimo Sá Carneiro, que era um apaixonado pelo simbolismo, que era um leitor assíduo de Verlaine, que acabou se suicidando pelos idos de 1936, em Paris. Não sa-

bemos quais as razões, sabemos apenas que ele era um homem de grande sensibilidade estética, e foi influenciado pelos modernistas franceses, pelo Dadaísmo, pelo Nihilismo, pelo Impressionismo. O Dadaísmo é uma coisa muito curiosa. Não é nada. O indivíduo juntou duas sílabas "da + da" e fundou uma doutrina que era uma gozação a todos os valores. Aquilo, porém, impressionou muito à França que havia saído muito ferida da I Grande Guerra, quando perdeu três milhões de jovens. Havia uma certa mistura de ceticismo e esvaziamento emocional. Este clima colheu Sá Carneiro e o levou ao suicídio.

Quero, apenas, mostrar nesta segunda fase de Revista Orfeu, que Fernando Pessoa foi um poeta de cultura reflexa. A poesia dele aí foi de influência francesa, através de Malarmé, de Verlaine e Beaudelaire. Do primeiro o sentimento, do segundo a estética pura do belo, e do terceiro a estética do mal. Isto se mistura em Fernando Pessoa, já abatido pela morte do grande amigo de uma forma trágica e o prepara, pelo sofrimento interior, para o período de grande maturidade que é o da Revista Atena, revista esta que pelo próprio nome, vai traduzir a verdadeira poesia de Fernando Pessoa.

Não seria ele apenas o cantor do mar, não seria o exaltador dos feitos históricos de Portugal quando faz um poema sobre o Príncipe Perfeito, não seria ele apenas o exaltador do imigrante português no poema "O João". Aí ele tem dois aspectos importantíssimos: primeiro é a poesia do cotidiano, segundo é o filósofo de uma cosmologia panteísta; ele se revela um cético da natureza humana, mas sem deixar uma idéia difusa de Deus na sua poesia. Ao mesmo tempo, este ceticismo faz com que ele produza um pequeno verso sobre um incidente entre dois amigos que a ele vão se queixar. A isto ele retruca: "vejam só como a verdade é relativa, meus dois amigos, ambos têm razão, cada um conta sua versão do outro, mas as versões podem ser verdadeiras" e então ele raciocina como é possível duas verdades contraditórias serem verdadeiras entre si.

Isto vai ao encontro da observação de que o nosso Fernando Pessoa era um descrente no sentido da sua vida interior, da sua maturidade, do seu sofrimento íntimo. Ele estava como que massacrado, macerado pelas decepções da vida. É nesta fase que ele escreve em inglês e a sua poesia inglesa precisa ser muito bem compreendida e estudada, e aí o ponto crucial deste capítulo: é que sendo formado dentro da cultura inglesa não perdeu o sentido de sua portugalidade.

Isto é uma característica da cultura luso-brasileira, da cultura lusíada e em qualquer parte do mundo podemos reconhecer sempre a presença de Portugal. Esta presença foi reconhecida nas danças folclóricas do Sião, na ilha de Ceilão, hoje Sirilanca, no Oriente Médio. Portugal deixou os traços de sua alma folclórica, deixou os traços de seu inconsciente social. Fernando Pessoa é um exemplo claro porque ele deveria em tudo ser um alienado de sua pátria, teria que ser um poeta inglês com nome português. Não, é ele um português que escreve também em língua inglesa. Como já disse, na língua inglesa ele teria sido o Joyce de Portugal porque sabe traduzir como ninguém o cotidiano, aquele traço que existe na sociologia da vida comum reduzida a coisas comuns, como o encontro de amigos, a derrapagem de um carro, um incidente de rua, de onde ele sabe tirar uma filosofia, um estilo de vida, uma lição de bem viver. Este é o aspecto de Fernando Pessoa que eu considero mais importante.

Na Revista Orfeu ele tem uma poesia filosófica que podemos traduzir como uma grande tendência ao panteísmo. Neste caso podemos dar a ele uma certa influência de alguns clássicos portugueses, principalmente Antero de Quental; não que ele o tivesse tido como modelo, mas há uma identificação psicológica entre o estado de alma deste e o de Fernando Pessoa nesta fase.

Se fôssemos à Psicanálise encontraríamos, então, uma símile muito grande, muito aproximativa, entre o drama do "Autismo Erótico" de Antero de Quental e do nosso Fernando Pessoa que, por prudência, não quero descer muito

na minha análise. É preciso, entretanto, que esta more na questão do inconsciente coletivo, que eu demonstre a existência deste usando o poeta como uma espécie de prova experimental, uma prova, melhor diríamos, dentro da lógica, uma prova apodíctica da existência deste inconsciente social.

O homem, quer queiramos ou não, é antes de tudo o animal. Se fôssemos à simbologia das religiões, onde existe de um modo muito claro a própria simbologia dos poetas e a própria estética transcendental da literatura, iríamos encontrar no mito da mulher este inconsciente social de maneira belíssima. No mito de Eva existe uma explicação do arquétipo humano. É importante quando analisamos o drama de Fernando Pessoa que foi um infeliz na vida, embora não lhe faltassem recursos e tradição. Era um torturado.

Vejamos o que traduz o mito. Só Eva podia conversar com a serpente; só ela entendia a sua linguagem, com ela conversava e esta lhe oferecia a maçã. Esta maçã, Eva entrega a Adão que acaba por prová-la, sendo o casal bíblico expulso do paraíso. A mulher é o símbolo da malícia, da luxúria, da sensualidade, mas é, acima de tudo isto, a própria constante da natureza humana, esta paixão maravilhosa que faz a estética, que cria a música. Que seria Chopin sem a mulher? Que seria Camões sem todas as mulheres do mundo? Este português maravilhoso que foi o melhor símbolo de uma civilização erótica, de uma civilização machista, que foi a portuguesa. Não quero absolutamente compará-lo a Fernando Pessoa em certos aspectos, quero apenas admitir uma distante analogia com o seu verso sobre o arquétipo português, porque os "Lusíadas" não são apenas um poema épico, um poema étnico; eles constituem uma enciclopédia de todos os conhecimentos da época. No canto décimo temos a descrição etnológica dos costumes das mulheres da Ilha de Sonda, que já usavam anticoncepcionais. Temos o mito da Ilha dos Amores, que é o mito da estética grega que está em Homero, temos a explicação da máquina do mundo quando ele explica, na descrição astronômica, a teoria das esferas com o aparelho armilar. Ele era um erudi-

to na Astronomia, na Mitologia, na Medicina. Não podemos reduzir Camões a Fernando Pessoa. Deixemos cada um em seu lugar. Se um era gênio o outro era um grande talento. Cumpriram uma missão na História de definir a literatura portuguesa como uma das mais notáveis, profundas e belas literaturas do Ocidente.

Vejam bem que o mito da mulher, esta mulher sensual, esta mulher que representa na mocidade nossa todos os nossos anelos, ela, na Igreja Católica, esta mesma Eva é representada pela mãe de Deus, também uma mulher, mas neste caso a imagem de Nossa Senhora está representada com o pé esmagando a serpente. Não é mais a mulher sensual, não é mais a mulher prazer, é a mulher espiritual.

É preciso convir que dentro da História do Ocidente, esse mito se transfunde para a alma de Portugal, onde o português é ao mesmo tempo um religioso, ao mesmo tempo um místico, um crente, o criador das ermidas, mas também é um fecundador do mundo, um transmissor de impérios, uma sementeira de culturas, uma civilização em trânsito, levando para povos como o da América, da África e da Ásia, o sal da cultura da Europa, da cultura Ocidental do Cristianismo. Esse drama, todo ele, está muito bem retratado na poesia de Fernando Pessoa.

Dissemos, acima, que o homem é antes de tudo um animal, sem abstermos a idéia ou a problemática da alma. De acordo com a teoria do inconsciente social e dos arquétipos, sou obrigado a aludir aos três cérebros do homem, ou melhor, às três partes do sistema nervoso central que seriam o bulbo raquidiano, medula e cerebelo, o sistema límbico (a parte branca do encéfalo) e o neocórtex. Se o leitor abrir o livro "Dragões do Eden.., de Sagau, vai verificar que o bulbo raquidiano e a medula são o cérebro reptiliano do homem é aquele réptil asqueroso que temos dentro de nós, mas que nos faz muito felizes em dados momentos da existência. É pena que este réptil não nos acompanhe até o fim da vida para tornar a velhice mais de acordo com o poeta.

Anatole France dizia que deveríamos ter a mocidade no fim da existência, como as borboletas que ficam mais belas ao se aproximarem da morte.

A velhice deveria, pois, conservar bem vivido o cérebro reptiliano que é o cérebro erótico, o cérebro do grande instinto, do instinto mais criador, segundo Freud.

O cérebro límbico é o cérebro da criança. O homem tem dentro de sua vida aquela lembrança sem maldade que é a infância.

Oh! minha lembrança sem maldade, dizia o poeta. Estas lembranças são para nós uma espécie de refrigério para os nossos infortúnios, para os maus momentos.

Finalmente temos o neocórtex que é o cérebro da razão, se é que ela existe. O próprio Fernando Pessoa dá muito valor ao instinto. Com isto ele mostra a grande intuição que possuía. O instinto seria como a intuição, a busca da verdade, a posse da verdade, sem o instrumento do raciocínio. Vejam bem que o nosso poeta é um oceano de sugestões, um oceano de idéias.

Com os três cérebros podemos ler Fernando Pessoa traduzindo toda a sua angústia e ainda, aqueles que são pessoas místicas vão encontrar nele um mundo de sugestões, como também o materialista e o espiritualista extasiam-se diante da sua estética.

Finalmente, Fernando Pessoa é o gênio atual do cotidiano português, é o poeta da modernidade, mas não podemos compreendê-lo sem termos antes uma profunda compreensão do homem português moderno. Ele é, sobretudo, um homem vocacionalmente cósmico, um homem que projeta sua cultura pelo mundo e está num eterno vir a ser itinerante, como o próprio Ulisses buscando sempre outros mundos, como se prova até pela ação dos portugueses técnicos da NASA.

GRÁFICA E PAPELARIA ESTRELA DE DAVID LTDA.
OFF-SET - TIPOGRAFIA E ALTO RELEVO

SEDE PRÓPRIA
RUA BARÃO DE SÃO FÉLIX, 27 - TEL. 263-2638 - RJ

TRANQUILIDADE PARA SUA EMPRESA

COMPOSIÇÃO:
Olimpia Art e Composer Comunicação Ltda.
Rua Moncorvo Filho, 40/309 — Tel.: 242-0196 e 293-3112 ramal 155

DIAGRAMAÇÃO E ARTE FINAL:
Walter Ribeiro
242-0196

OBRAS DO AUTOR

Diretrizes da Antropogeografia Brasiliense
— 1936 — Ed. Shimidt

Temática Geral
— 1970 — Soc. Brasileira de Geografia

Sociologia da Arte
— 1982 — Academia de Letras do R. J.

O Homem e a Paisagem
— 1983 — Ed. Pongetti

Ementa de Cultura Brasileira
— 1985 — CIAGA

Diálogos com a Circunstância
— 1985 — Academia Maçonica de Letras

EM PREPARO:

HOMO, Genero Zoológico